



Universidade do Minho

Escola de Arquitectura

Sérgio da Costa Oliveira

**Activar a memória da Fábrica Rio Vizela:
O processo têxtil como estratégia de
intervenção.**

Junho de 2016

DECLARAÇÃO

Nome: Sérgio da Costa Oliveira

Endereço electrónico: costa.oliveira.sergio@gmail.com

Telefone: 917 289 129

Número do Bilhete de Identidade: 14007415

Título da tese: Áctivar a memória da Fábrica Rio Vizela: O processo têxtil como estratégia de intervenção

Orientador(es): Doutora Marta Labastida Juan

Ano de conclusão: 2016

Ramo de Conhecimento do Doutoramento: Cidade e Território

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ____/____/____

Assinatura: _____

Agradecimentos

Quero começar por agradecer aos meus pais e à família pela paciência, incentivo e motivação ao longo deste trabalho. À Anabela pelo tempo e o apoio disponibilizado.

À minha segunda família, aquela que escolhi para estar presente hoje e sempre. O acolhimento que me ofereceram na minha adaptação a um novo país, hábitos e costumes novos. Não é fácil para quem cai de paraquedas numa realidade bastante diferente, como foi o meu caso.

Ao Jorge, à Nicole, à Elisabete, à Marta e ao Pedro, agradeço pelos momentos de diversão e de “raça podre”.

Ao Daniele, que tem sido uma caixa de surpresas, nunca deixando de surpreender com o seu carácter espontâneo e as discussões sobre os mais variados contextos. Ao working tese: à Xana, à Clementina, à Paulinha e à Ana Luís pelo apoio moral (nada melhor que uma jantarada de Francesinha para levantar o animo). À Maria João Lobo pela motivação. Também não poderia deixar de agradecer os lanches doces a Irene e a Patrícia, nada melhor para adocicar as segundas-feiras.

Um agradecimento especial ao Leonardo, à Joana, à Ana (Boticas) e à Marisa pela ajuda e paciência. Pelos desabaços e discussões em volta do tema e, essencialmente, pelo apoio linguístico. Um muito obrigado!

Como diria Muhammad Ali ““Friendship is the hardest thing in the world to explain. It's not something you learn in school, but if you haven't learned the meaning of friendship, you really haven't learned anything.”

E, por fim, queria agradecer à Professora Marta por ter aceite orientar este trabalho.

Resumo

A seguinte investigação foi realizada com o objectivo de compreender para o atual estado de abandonado da Fábrica de Fiação e Têxtil do Rio Vizela, uma das primeiras estruturas industriais que foram implementadas na região do Ave, mais especificamente na Vila das Aves. Fundada no final do século XIX. Esta sobreviveu a vários momentos históricos, visíveis através da sua transformação estrutural e o desenvolvimento da paisagem circundante.

Estas transformações levaram à descoberta de uma relação recíproca entre a fábrica e sua envolvente; onde se descobriram três elementos comuns: a Estrada Nacional 105 (EN 105), o Rio Vizela e o caminho de ferro. A Analise realizada a estes elementos ajudou a entender a importância de cada um desses sistemas, e como as suas funções mudaram ao longo do tempo, que por sua vez afetaram a Fábrica Rio Vizela.

Para representar essa informação e o estado deteriorado atual da fábrica, foram feitas várias visitas ao local, onde, foi realizado um levantamento fotográfico das permanências para poder expor todas as qualidades espaciais da ruína.

Assim, a fim de procriar uma estratégia para dar início à recuperação da Fábrica, foram realizadas visitas a 5 diferentes casos de estudo, de forma a poderem ser utilizados como referências de intervenções, cujo conceito é comum, a Resiliência. Cada caso foi abordado sob o mesmo olhar crítico, começando por entender a importância de cada caso no passado e enfatizando a estratégia implementada para abranger suas funções atuais. É importante entender cada estratégia individualmente, pois os impactos sob a envolvente são específicos a cada lugar.

Toda esta informação será utilizada estrategicamente para formar um projeto para a Fábrica Rio Vizela, transformando-a numa estrutura resiliente. Esta estratégia é concebida e organizada em três etapas, o Recuperar, o Reconstruir, e o Reabilitar. Estas etapas abordam uma escala diferente, salientando a importância das permanências no novo ciclo desta estrutura, onde o passado e o presente lançam as bases para a futura intervenção.

Abstract

The following Investigation is carried out to understand the current abandoned conditions of the Fábrica de Fiação e Têxtil do Rio Vizela. One of the first industrial structures that were implemented in the Ave region, more specifically in Vila das Aves. Founded in the late nineteenth century, it survived through various historical moments. This is visible through its structural transformation and the development of the surrounding landscape.

These transformations lead to the discovery of a reciprocal relationship between the factory and its surroundings; which lead to the discovery of three common elements, these are: Estrada Nacional 105 (EN 105), River Vizela and the railroad. Analysing these in more depth helped understand the importance of each of these systems and how their functions changed over time, which in turn affected the Fábrica Rio Vizela.

In order to represent this information and the current decayed state of the Factory, various visits were made to the site. Where a survey was conducted of what remained, of the original structure, recurring to photographs to be able to expose all the spatial qualities.

Hence, in order to design a strategy of how to recover this Factory, visits were made to 5 different case studies, to be used as references. Where in each case the analysis was approached in the same manner, which started by understanding the importance of each case study in the past and by emphasising the strategy implemented to attain their current roles. It is important to understand each strategy individually because the impacts they had on the surrounding is unique to each location.

All this information will then be used to carefully form a strategy for the Fábrica Rio Vizela, turning it into a resilient structure. This strategy is designed and organized in three stages, the Recovery, the Rebuilding, and the Rehabilitation. Each step addresses a different scale, stressing the importance of the permanence's in the new cycle of the structure. Where the past and the present lay the foundations for future intervention.

Índice

Introdução

1 | Os Elementos: o impacto na relação recíproca entre a Fábrica e o Lugar (15)

- 1.1. A cronológica da Fábrica Rio Vizela. (16)
- 1.2. Os elementos Morfológicos que transformam a Paisagem. de Vila das Aves
- 1.3. Processo de Abandono na Fábrica Rio Vizela (30)
 - 1.3.1. Os efeitos do Isolamento (32)
 - 1.3.2. Interpretação do Plano Diretor Municipal (40)
- 1.4. As Permanências de uma Ruína. (42)

2 | Resiliência: a capacidade de recuperar de uma ruína. (57)

- 2.1. Fábrica Asa (58)
- 2.2. Fábrica de Santo Thyrso (64)
- 2.3. Lionesa (70)
- 2.4. Oliva Creative Factory (76)
- 2.5. Burel Factory (82)

3 | Ativar a Memória da Fábrica do Rio Vizela: segundo o processo têxtil (91)

- 3.1. Reconstruir a relação entre a Fábrica Rio Vizela e o lugar (92)
- 3.2. Recuperar o carácter social da Fábrica Rio Vizela (101)
- 3.3. Reabilitar o Espaço da Fábrica Rio Vizela (109)
 - 3.3.1. Amostra 1: Habitação (109)
 - 3.3.2. Amostra 2: Espaço Público + Biblioteca (113)
 - 3.3.3. Amostra 3: Residências para estudantes (117)
 - 3.3.4. Amostra 4: Parque de estacionamento + skatepark (121)
 - 3.3.5. Amostra 5: Oficina das artes + incubadora (125)

4 | Reflexões Finais (129)

5 | Bibliografia (131)

Introdução

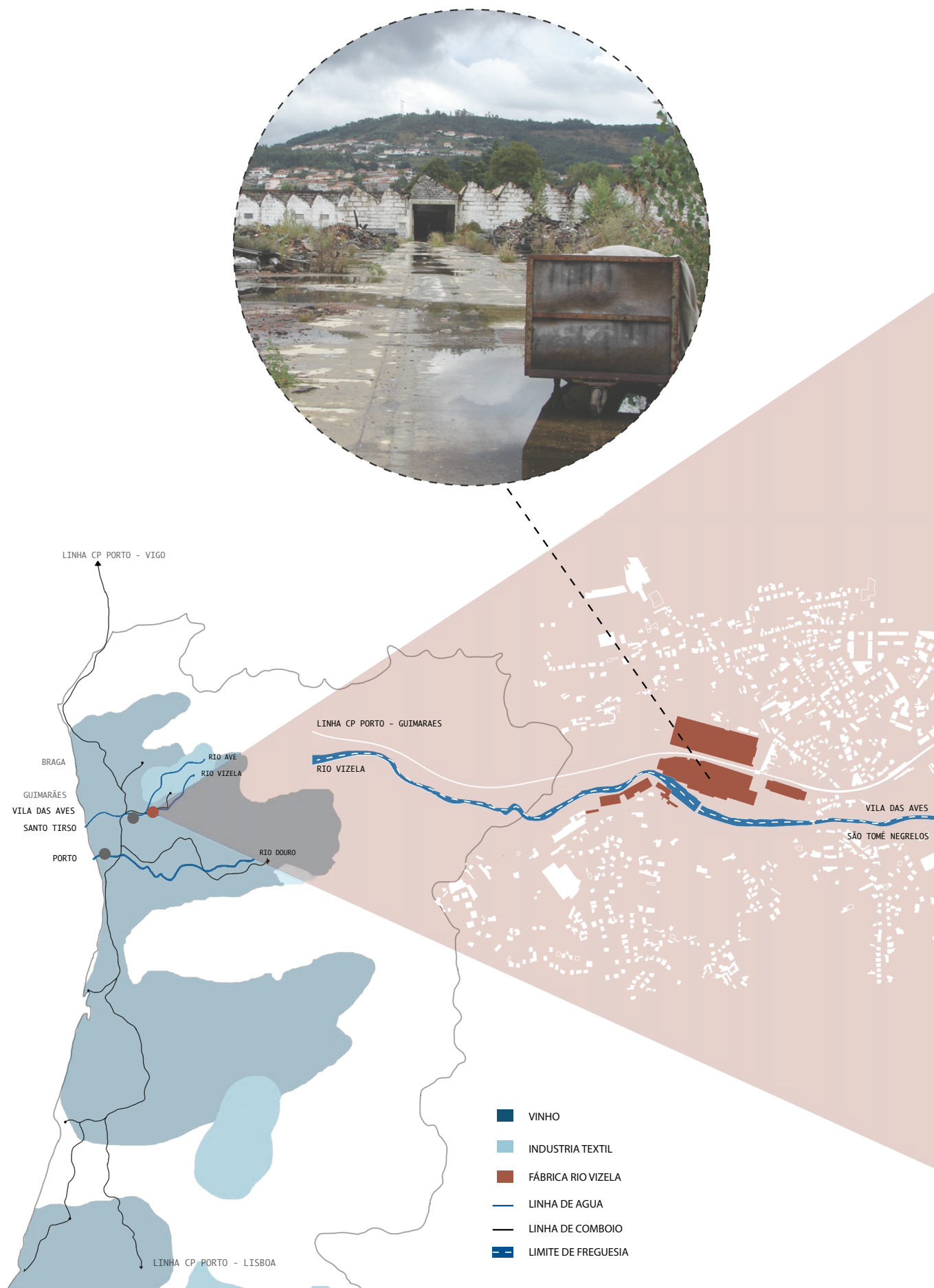
O presente trabalho propõe uma estratégia para ativar uma emblemática fábrica têxtil: a Fábrica de Fiação e Têxtil do Rio Vizela, também conhecida como Fábrica Rio Vizela. Esta foi um dos primeiros conjuntos industriais a surgir junto às margens do Rio Vizela. O interesse por este objecto de estudo é despertado pelo seu estado atual de abandono.

A paisagem ao longo do percurso ferroviário entre Guimarães e Porto tem como características mais proeminentes a presença de campos agrícolas, quintas e o Rio Vizela. Contudo, esta paisagem é também fortemente marcada por inúmeros edifícios fabris que fazem parte da sua identidade. A ruína da Fábrica Rio Vizela é um deles. Onde, o caminho ferroviário, e Rio Vizela atravessa este conjunto fabril; quem viaja no comboio fica, assim, momentaneamente envolto de uma ruína cuja escala não a deixa passar despercebida.

O conjunto fabril captou a minha atenção desde a primeira viagem que realizei entre as duas cidades, destacando-se de toda a paisagem envolvente. Tendo em conta a importância que as indústrias têxteis representam na região do Ave, na sua identidade e história, a presença das ruínas de grande escala pertencentes à Fábrica Rio Vizela, motivaram em mim um interesse em conhecer o desenvolvimento e o contexto desta fábrica e, desta forma, compreender as razões que justifiquem a sua imagem, quase extinta, presente nos dias de hoje.

O entendimento da ruína é visto neste trabalho como uma ferramenta para auxiliar a construção de uma estratégia de intervenção. Através do registo fotográfico, resultante das várias visitas ao local, é possível reinterpretar marcas pré-existentes, que vão desvendando histórias deste conjunto. Servindo de ponto de partida para um estudo e análise a diversas escalas, abordando diversas temáticas problemáticas, tal como: o que fazer com estas grande estruturas abandonadas?

Com intuito de conseguir uma intervenção fundamentada e organizada, é tido em conta a memória associada à atividade têxtil que caracterizava a Fábrica, decidindo adotar a metodologia correspondente ao **'processo têxtil'**. Assim, numa primeira fase de trabalho, o processo começa pela fase da **'não matéria'** que consiste na preparação da matéria prima que vai ser processada. A fase seguinte corresponde à **'produção'**, caracterizada pela produção do tecido através do fiar e do tecer. Por fim, a fase dos **'acabamentos'**, que se destina a dar os últimos pormenores, tais como o tingimento e a verificação de defeitos.



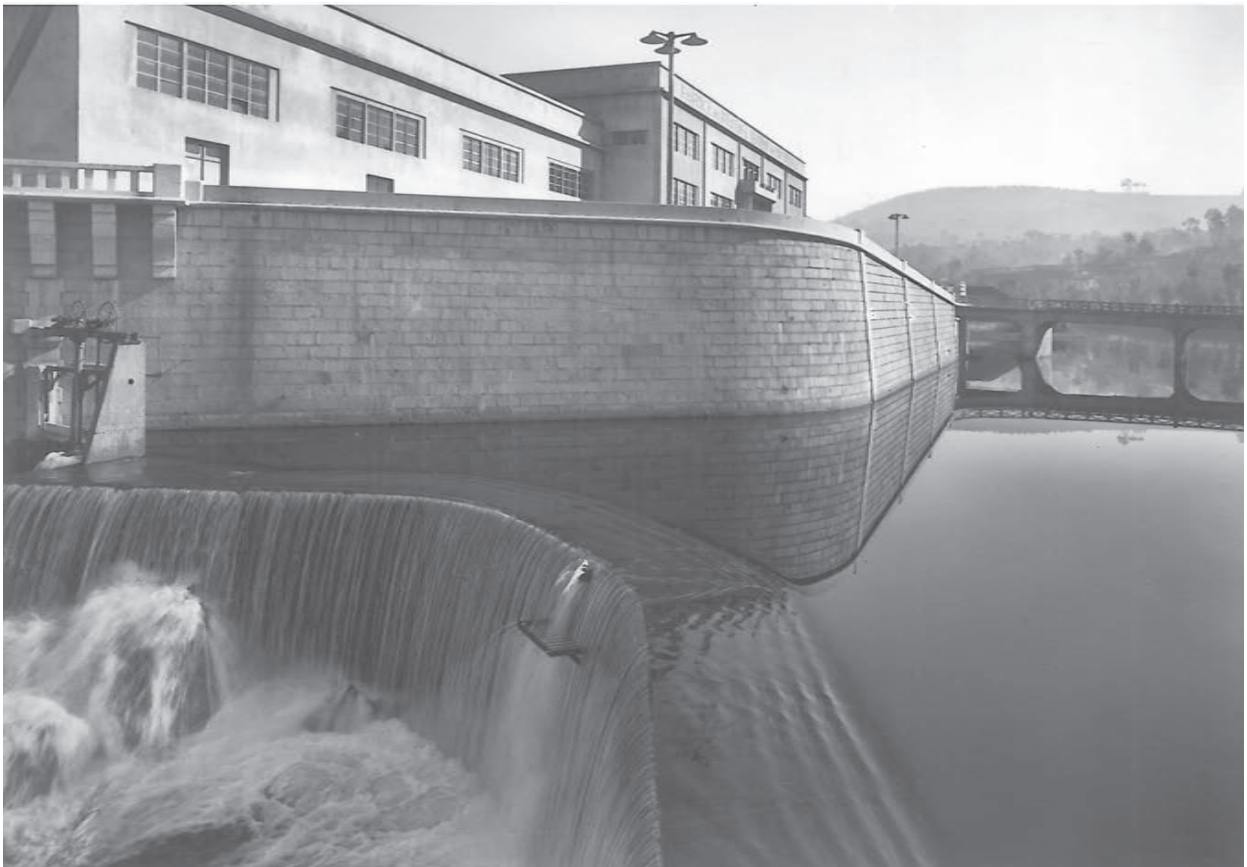
A fase da '**não matéria**' intitulada '**Os Elementos: O impacto na relação recíproca entre a Fábrica e o lugar**', procura explicar a relação de dependência entre a fábrica e o lugar de Vila das Aves através da recolha de informação que existe acerca da mesma. Esta recolha inclui conversas com uma das herdeiras da Fábrica¹, acesso ao arquivo privado da Fábrica e uma presença recorrente no local, complementada por um levantamento fotográfico e a recolha das medidas dos espaços para registar a ruína existente. Através deste registo e da compreensão da relação entre a Fábrica e o lugar, percebeu-se que existem três elementos fundamentais nesta relação que estruturam e provocam as transformações na paisagem e na produção têxtil local de forma recíproca.

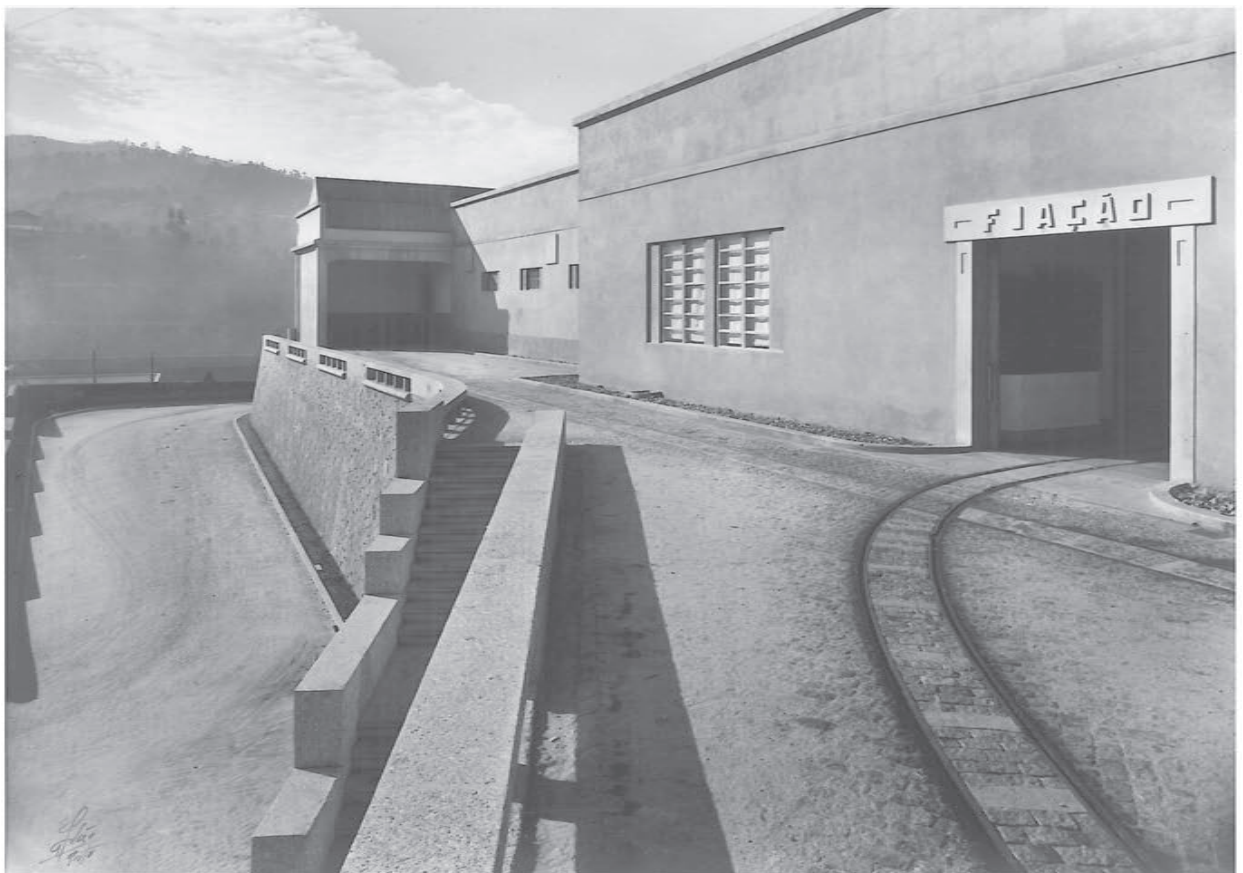
A fase de '**produção**' corresponde ao capítulo '**Resiliência: a Capacidade de Recuperar**', é este, o conceito escolhido para poder contornar o processo do abandono. Para uma melhor compreensão desta fase de trabalho, foram realizadas várias viagens a diferentes cidades para analisar cinco casos de estudo. Estes correspondem a uma seleção de fábricas que passaram por um processo de abandono semelhante. Cada uma destas fábricas apresentava, no passado, uma produção distinta e foram sujeitas, na última década, a intervenções com propostas de novos programas com a particularidade de reutilizar as estruturas antigas. Estes casos de estudo servem de referência para ajudar a perceber de que forma cada estrutura foi reaproveitada, destacando as distintas estratégias e programas. O estudo focou-se assim em quatro principais características: a iluminação, a acessibilidade, a distribuição e a visibilidade.

Por fim, na fase de '**acabamentos**' correspondente ao capítulo '**Ativar a Memória da Fábrica Rio Vizela**', é definida uma estratégia para ativar a Fábrica Rio Vizela. Esta é organizada em três partes: o **Reconstruir**, o **Recuperar** e o **Reabilitar**.

A estratégia procura **Reconstruir** as ligações urbanas, onde através de uma proposta de mobilidade, quebra as barreiras existentes. Estes novos percursos permitem **Recuperar** a essência social da Fábrica, onde, através de um novo programa se focava atrair as pessoas novamente para o local, oferecendo uma diversidade de atividades que abrange as várias gerações. Por fim, é proposta a ação de **Reabilitar** a memória do passado com a implementação de novos elementos, que são sobrepostos às pré-existências adequadas ao espaço e programa proposto.

¹ Francisca Machado Guimarães, uma das herdeiras da Fábrica Rio Vizela





1 | Os Elementos: o impacto na relação recíproca entre a Fábrica e o Lugar

A fase da '**não matéria**' consiste em recolher e juntar toda a informação disponível da Fábrica Rio Vizela, desde fotografias antigas da Fábrica ativa, plantas originais e todo o material, possível, acerca da sua história. Esta informação é complementada por um levantamento fotográfico e várias visitas ao local, sendo assim possível fazer um registo do seu estado atual visonde desenvolver uma base gráfica e levantamento do existente. Esta informação também permite fazer a reconstrução da sua evolução cronológica.

É através desta reconstrução e análise que se procura perceber a relação entre a Fábrica e o lugar de Vila das Aves. Onde destacam-se um conjunto de elementos: o Rio Vizela, a EN 105 e a Linha de comboio CP Porto – Guimarães, que, suportam ambos os sistemas e as transformações que neles ocorrem.

Esta análise permite assim, perceber como a Fábrica Rio Vizela passou de uma Indústria importante, ao estado de ruína, devido ao processo de abandono. Onde, o factor económico foi o fundamento que deu início a este procedimento. Esta compreensão, complementada por uma interpretação do P.D.M., permitiu um olhar específico do que permanece da sua estrutura.

1.1 A Evolução Cronológica da Fábrica Rio Vizela

Em 1845, surgiram as primeiras instalações da Fábrica Rio Vizela, situadas junto à ponte de São Tomé de Negrelos em terrenos agrícolas que pertenciam à Quinta do Pedreçal, tendo sido cedidos pelo proprietário, o Desembargador Silvério da Silva Castro.

A primeira instalação da Fábrica conhecida, como a Sociedade de Fiação de Visella, era formada por 11 sócios². As condições oferecidas pelo local, tais como: os terrenos extensos, as corentes do Rio Vizela e principalmente a mão de obra especializada, foram razões que atraíram a implantação da Fábrica a este lugar, sendo que a sede localizava-se no Porto por ser o centro mercantil.

A implantação desta Sociedade foi o início do surgimento de um conjunto de indústrias que aos poucos começaram a conquistar um papel importante na região do Vale de Vizela, integrada na região do Médio Ave³. Uma região caracterizada pelo impacto industrial (Figura 4) a nível económico e paisagístico. Tal como no caso da Fábrica Rio Vizela, esta tornou-se na segunda fonte de rendimento para muitas famílias, onde pelo menos um membro era operário da Fábrica (normalmente os pais) enquanto a mulher trabalhava no campo para garantir a subsistência. Como diria Jorge Alves: “o Vale do Ave é a compatibilização da indústria fabril com as estruturas minifundiárias da região, permitindo que as famílias camponesas possam aceder ao salário industrial por parte de alguns dos seus membros, sem terem de abandonar o amanho dos acanhos terrenos agrícolas que garantem uma parte da subsistência.”⁴

Este contexto sócio-económico explica-se através do triângulo da pluriatividade. Este conceito entende-se como a melhor forma para explicar a organização destes lugares, pois são estas atividades que fundamentam a morfologia do lugar⁵, que explicam a proximidade entre as atividades importantes da vida familiar, sendo estas a casa, a indústria e agricultura, é a relação entre estas que permite observar a forma como a envolvente da Fábrica se transforma.

Para compreender as fases de crescimento da Fábrica Rio Vizela, é possível dividir a sua expansão cronológica em quatro partes, começando pela **Subsistência da terra**, passando pela **Revolta da Janeirinha**, pela **Revolução da Máquina** e por fim pela **Regeneração da Fábrica Rio Vizela**.

2 Nuno Miguel Olaio, Alvaro Brito Moreira - Comemoração dos 150 anos da Fábrica de Fiação e Tecidos do Rio Vizela. Santo Tirso: Camara Municipal de Santo Tirso

3 SÁ, M.; O Médio Ave. Porto: Escola Superior de Bellas Artes do Porto, 1986.

4 ALVES, Jorge Fernandes; LACERDA, Silvestre – Fabrika de Fiação e Tecidos do Rio Vizela: as origens. O tripeiro. Porto. 7ª série. nº1/2, 3 (1995), p. 41-46, 84-88

5 LABASTIDA JUAN, Marta - El PaisajePróximo. Fragmentos del Vale do Ave. Tese de DoutoramentoemArquitetura. Guimarães.



Figura 4 : O impacto Industrial na região do Vale de Vizela | 17

Fase 1: Subsistência da terra

Até 1845, ano da implantação da Sociedade de Fiação de Visella, as freguesias de Vila das Aves e de São Tomé de Negrelos eram consideradas zonas rurais. A população local dedicava-se à agricultura e ao pasto como forma de sustento. Recorrendo as condições naturais que o território oferecia, como, as margens íngremes do rio para o plantação do linho, e a força das correntes para mobilizar os moinhos.

Após a implantação da primeira fase da Sociedade de Fiação de Visella⁶, estas plantações começaram a sofrer alterações. Isto é, a mesma fonte de água para a produção do linho, passava agora a ser o fornecimento de energia da pequena indústria dedicada somente à Fiação⁷. Como se pode verificar na figura 5, a indústria tinha pouco impacto no lugar pois só existiam algumas pequenas habitações de camponeses .

Fase 2: A Revolta da Janeirinha

No entanto, após a instauração desta Sociedade, em 1867 surge uma grande crise produtiva, social e económica que se reflete em São Tomé de Negrelos. Como consequência, as pessoas começam a abandonar o pasto e a agricultura e começam-se a focar em produtos específicos para exportar para conseguirem se sustentar, devido aos impostos que estariam a ser aplicados à população. Surge, então, o movimento da revolta da Janeirinha⁸ que levou as pessoas a começar a usar as indústrias como uma fonte de sustento, remetendo a agricultura a complemento de subsistência devido aos salários baixos imposto aos operários, pela Fábrica

O aumento significativo da mão de obra, implicou e justificou uma primeira expansão das estruturas. Através desta expansão, os edifícios fabris passaram também a encontrar-se na outra margem do Rio Vizela, em Vila das Aves.

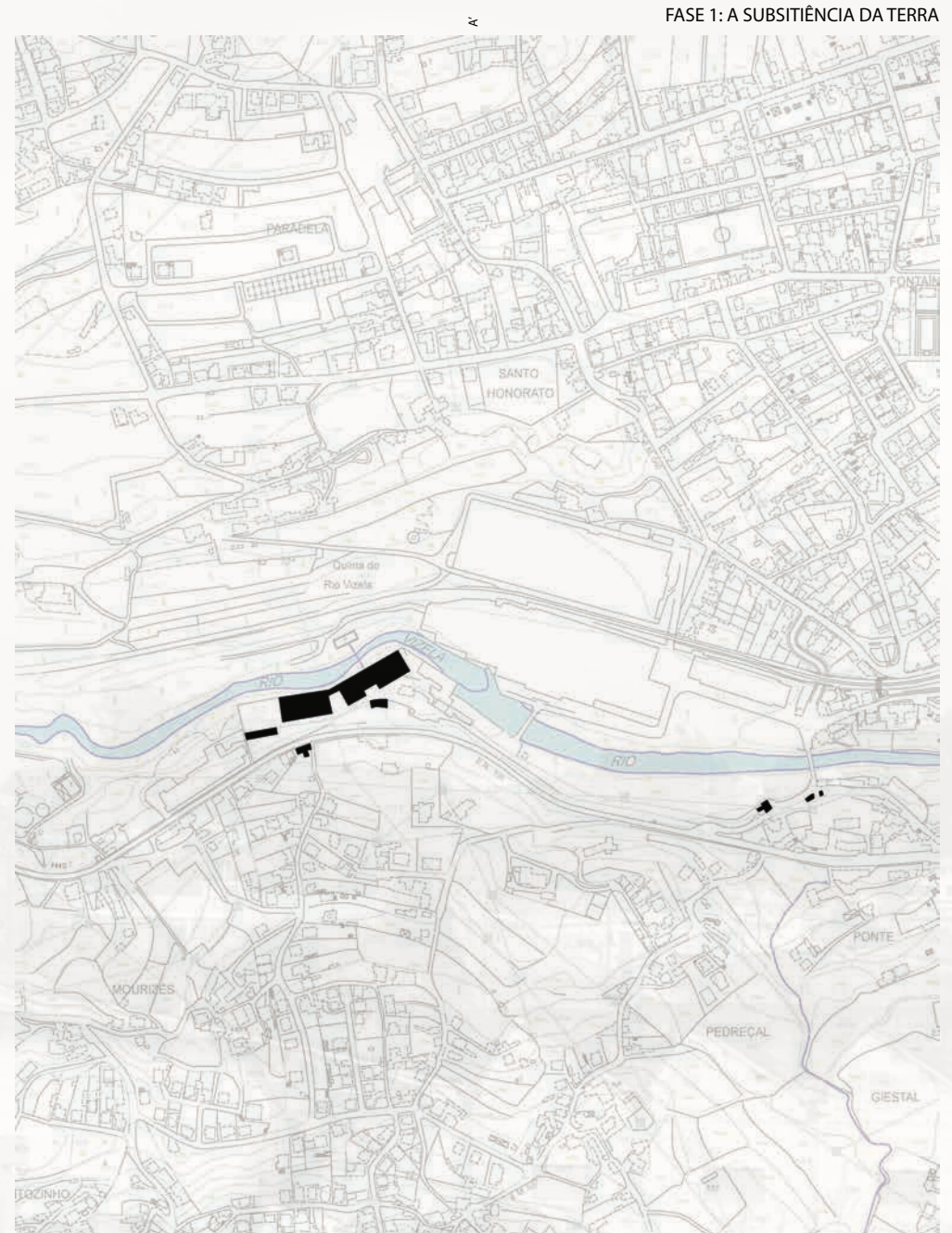
Assistimos assim ao início da (des)ruralização do lugar, como refere o geógrafo Álvaro Domingues⁹. Este conjunto fabril estende-se e, como consequência observa-se o crescimento do número de habitações na envolvente. (figura 5)

⁶ Nome da primeira Sociedade formada da Fábrica de Fiação e Têxtil do Rio Vizela

⁷ Nuno Miguel Olaio, Alvaro Brito Moreira - Comemoração dos 150 anos da Fábrica de Fiação e Tecidos do Rio Vizela. Santo Tirso: Camara Municipal de Santo Tirso

⁸ Informação consultada em: srec.azores.gov.pt

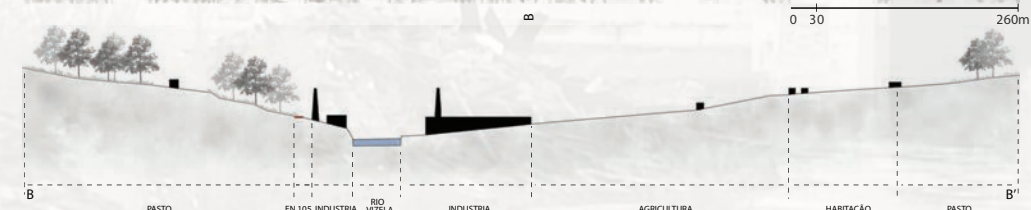
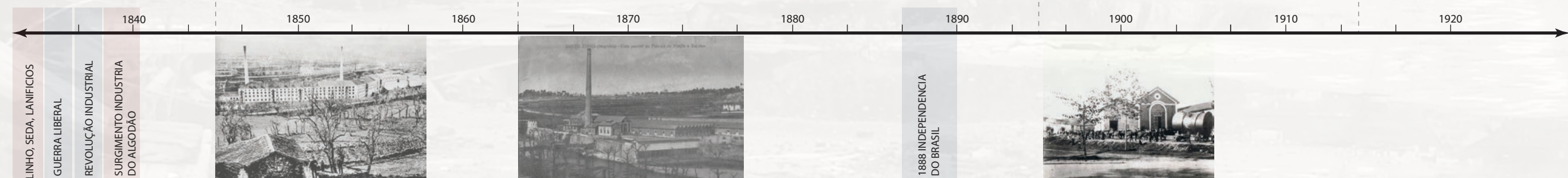
⁹ DOMINGUES, Álvaro – Vida no Campo. 1ª edição. Porto: Dafne Editora, 2011



1763 INVENÇÃO DA SPINNING JENNY POR JAMES HARGREAVES.
1769 INVENÇÃO DA WATERFRAME POR RICHARD ARKWRIGHT.
1784 INVENÇÃO DO TEAR MECÂNICO POR CARTWRIGHT.

1845
FORMAÇÃO DA SOCIEDADE DE FIAÇÃO DE VISELLA.

1861-65
EXPANSÃO PARA OUTRO LADO DA MARGEM DEVIDO AOS LUCROS SOBRE A INFLAÇÃO NO PREÇO DO ALGODÃO.



1895
INSTALAÇÃO DA PRIMEIRA TURBINA ELECTRICA

1914
FORMAÇÃO FABRICA DE FIAÇÃO E TECIDOS DO RIO VIZELA LDA

Fase 3: Revolução da Máquina

A partir de 1860, decorreram várias mudanças, tanto na constituição da Sociedade de Fiação de Vizella, como na envolvente á Fábrica. Em 1884 surgiu no lugar de Vila das Aves uma linha férrea que ligaria o Porto a Fafe. O percurso desta passava junto à Fabrica e criava um novo eixo a uma cota mais alta (81.5), estando a estação situada a pouco menos de 500m de distância. A partir da estação existia um ramal de acesso que ligava diretamente à Fábrica¹⁰. Logo após ao surgimento da linha, em 1894, aconteceu a primeira dissolução de sócios que levou à formação da Fábrica de Fiação e Tecidos Rio Vizela.

Paralelamente a estes acontecimentos, na Europa decorria a grande revolução Industrial. Contudo, os sinais desta revolução, chegaram apenas a Portugal no início do século XX, acabando por gerar novas mudanças na Fábrica e no lugar da Vila das Aves. Como se pode verificar na figura 6, o impacto da nova expansão, resulta na expansão da malha urbana. Isto foi uma consequência da escassez do algodão na América que resultou no aumento do preço do algodão enquanto matéria prima. A conquista do mercado nas Colónias Africanas neste mesmo período possibilitou um grande lucro.

No final do século XIX, a Fábrica possuía uma classe operária estimada num total de três mil pessoas, identificando-se como a Fábrica têxtil mais importante da região e do país.¹¹ O salário da Fábrica era o principal sustento das famílias¹², logo, já não trabalhava lá apenas um membro mas sim famílias inteiras. Os campos passaram a ser divididos em parcelas mais pequenas para construir mais habitações.

No início do século XX não existiram transformações significativas, tendo sido gerada uma época de ‘estagnação’, podendo esta ser entendida como um tempo de conforto na qual a sociedade fabril permaneceu até ser vendida.

Fase 4: A Regeneração da Fábrica

Foi apenas em 1973, que a Fábrica foi vendida a Narciso Machado Guimarães, como consequência de mais uma dissolução de sócios. Este novo proprietário, proporcionou um novo futuro à Fábrica fechando os ciclos de expansões da estrutura e reabilitando os edifícios existentes. Esta fase de reforma e conclusão é visível nas fotografias do arquivo da fábrica datadas no ano da revolução do 25 abril.

Como se pode verificar na figura 6, A envolvente próxima é agora caracterizada por várias pequenas parcelas de habitação, que circundam a Fábrica. Estas construções são consequência das etapas de expansão da Fábrica, transformando assim a paisagem envolvente.

¹⁰ FERREIRA, Diana Vanessa – Paisagem Industrial do Vale do Ave: da energia hidráulica à energia elétrica. Tese de Mestrado pela Universidade de Coimbra. Coimbra, 2014

¹¹ ERICE, Victor: Vidros Partidos: 2012: retirado de <https://www.youtube.com>

¹² FERNANDES ALVES, Jorge – Fiar e Tecer, Uma perspectiva histórica da indústria têxtil a partir do vale do Ave. 1ª edição. Vila Nova de Famalicão: Museu Indústria Têxtil, 1999, pág.8

FASE 3: A REVOLUÇÃO DA MÁQUINA



1914
FORMAÇÃO DA FÁBRICA DE FIAÇÃO E TECIL
DO RIO VIZELA LDA

1947
FORMAÇÃO DE REGULAMENTO INTERNO
DAS ROTINAS LABORAIS

1953
FORMA-SE A SOCIEDADE DE FIAÇÃO E TECELAGEM
DO RIO VIZELA



SÃO CRIADOS NOVOS INSTRUMENTOS
MÉCANICOS, QUE VIERAM PERMITIR
UM PROCESSO MAIS RÁPIDO DE
PRODUÇÃO.

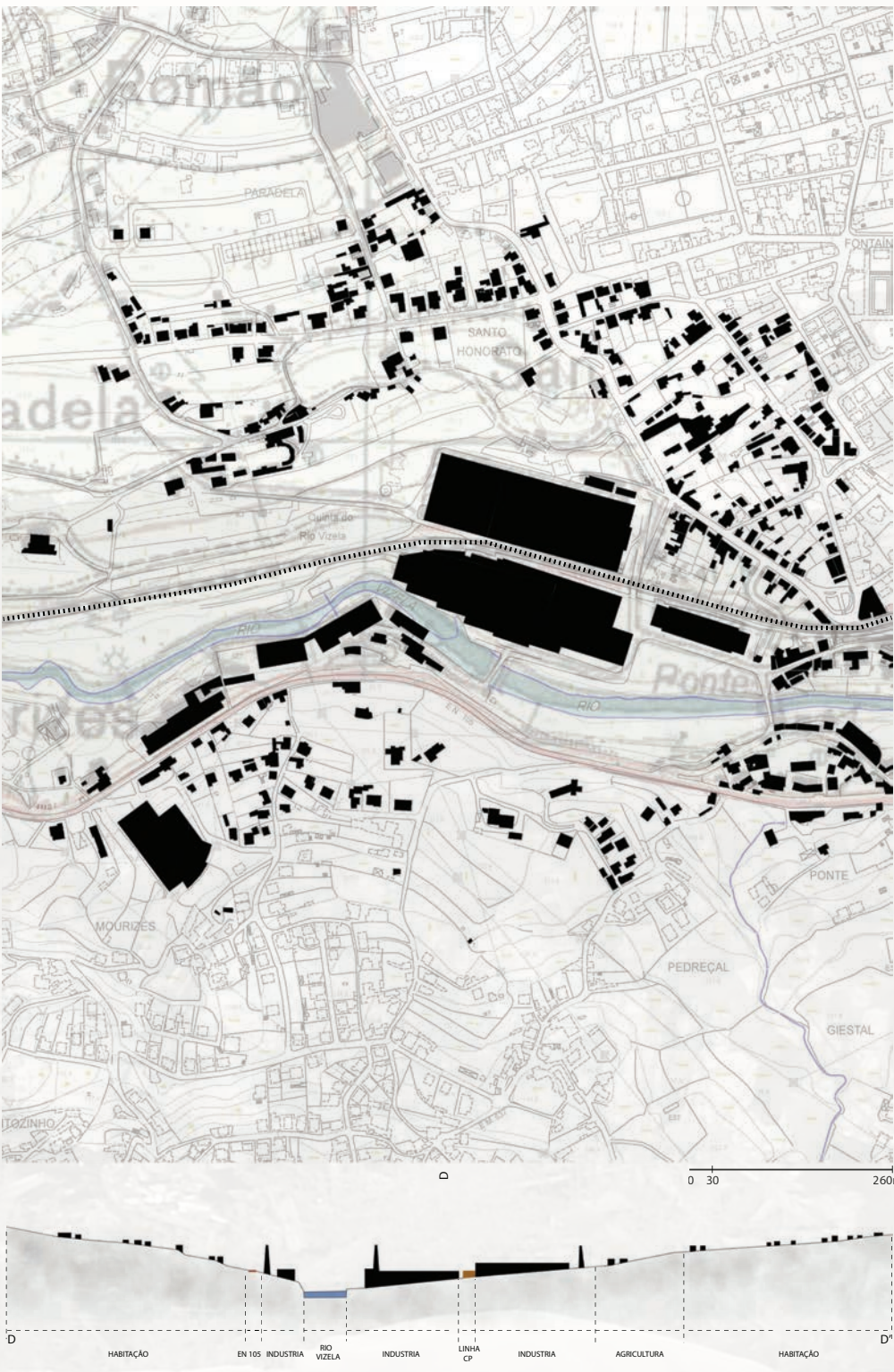


INDEPENDÊNCIA DAS
COLÓNIAS AFRICANAS



FIM DA PRODUÇÃO DE SEDA

FASE 4: A REGENERAÇÃO DA FÁBRICA



1973
A SOCIEDADE FIAÇÃO E TEXTIL DO RIO VIZELA
ERA VENDIDA A NARCISO JOSÉ MACHADO
GUIMARÃES

2004
FÁBRICA DE FIAÇÃO E TECELAGEM DO
RIO VIZELA DECLARA FALENCIA

Figura 6 : Fase de evolução da Fábrica e da Envolvente

Estas fases cronológicas associam-se ao desenvolvimento da indústria têxtil. Inicialmente a produção ainda era de linho e feito a mão. **Sementeira:** Esta é a fase inicial do processo, onde nos finais do mês de Março e início de Abril, o campo era lavrado para a Sementeira.

Ripagem: Esta fase caracteriza-se pela separação da baganha, película que envolve a semente. Através de pancadas verticais passa-se o topo do molho do linho na ripança separando as cápsulas rígidas bem fechadas.

Maçar: Esta etapa tem como objetivo a separação das fibras lenhosas e das fibras têxteis. Quando seco, o linho é colocado em cima de uma pedra e esmagado com recurso a uma maça, libertando assim, as cascas.

Tascar/Espadelagem: Esta fase consiste em limpar o linho batendo de raspão com a espadana de encontro a um cortiço.

Sedeiro/Fiação: Nesta altura as aparas ainda aderem em grande parte às fibras, portanto, é necessário desagregar as arestas aderentes. É no sedeiro que se separam as melhores fibras, longas e paralelas, que constituirão o linho, das fibras curtas que formam a estopa. Segue-se então a fiação do linho com o auxílio de uma roca.

Branqueamento: Finalmente, é altura de corar, durante quatro dias, e secar as meadas. Uma vez secas, o linho vai para a dobadoira fazer os novelos e, posteriormente, para a urdideira. Este é o momento tão esperado de tear e produzir os tecidos.¹³

após a implantação da Sociedade Visella, esta desenvolveu e mecanizou-se, passando assim para uma escala industrial algodoeira (Figura 7), onde as máquinas efetuavam as diferentes etapas, pois, o linho requeria um grande mão de obra especializada e era um processo de decoria naturalmente durante um grande período de tempo.

¹³ Dias, Pilar – o Ciclo do Linho, 105.2012. Consultado em <http://picoa.blogspot.pt/2012/05/o-ciclo-do-linho.html>

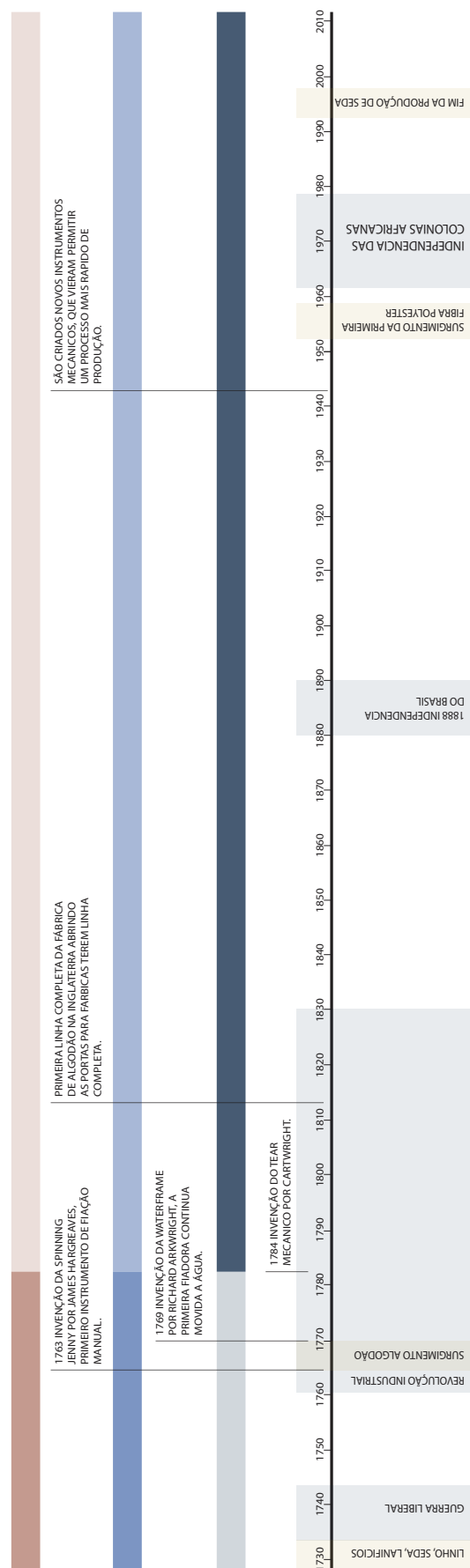
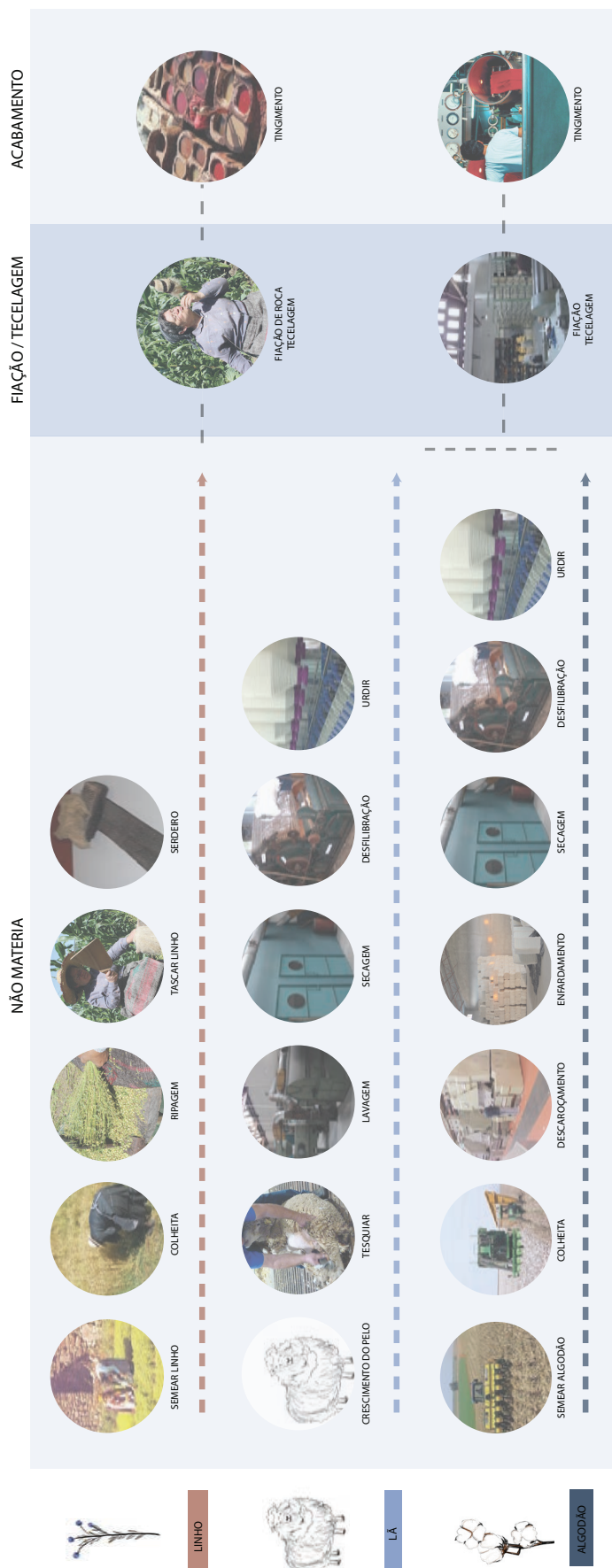


Figura 7 : Transformação da processo têxtil | 23

1.2 Os elementos Morfológicos que transformam a Paisagem de Vila das Aves

Da Evolução cronológica destacaram-se os três elementos que suportam a Fábrica Rio Vizela e o lugar. Estes são: o Rio Vizela, a Estrada Nacional e a linha de comboio. Estes elementos são o suporte da relação recíproca entre o lugar e a Fábrica, que vão proporcionando transformações através de fluxos e dinâmicas que surgem associadas a cada um deles, sendo isto explicado mais à frente.

O Rio Vizela

O rio Vizela é o primeiro elemento presente no território, desencadeando as primeiras atividades económicas no lugar de Vila das Aves (Figura 8). Inicialmente as correntes da água serviam como recurso para o cultivo, mais especificamente para a rega dos campos agrícolas, através da construção de açudes ao longo do seu percurso. Entre estes açudes também se encontravam pequenos moinhos, outra atividade ligada à agricultura.

No entanto, com o surgimento das indústrias este elemento adaptou-se às novas necessidades. Formavam-se então pequenas hidrelétricas que geravam eletricidade para as máquinas de produção, tal como no caso da Fábrica Rio Vizela.

O surgimento das indústrias influenciaram o aumento das habitações circundantes a estas estruturas, que, por sua vez isolaram as margens do rio. Embora anteriormente fossem aproveitadas para a plantação do linho, atualmente encontra-se apenas vegetação recíproca como se pode verificar nos cortes na figura 8.

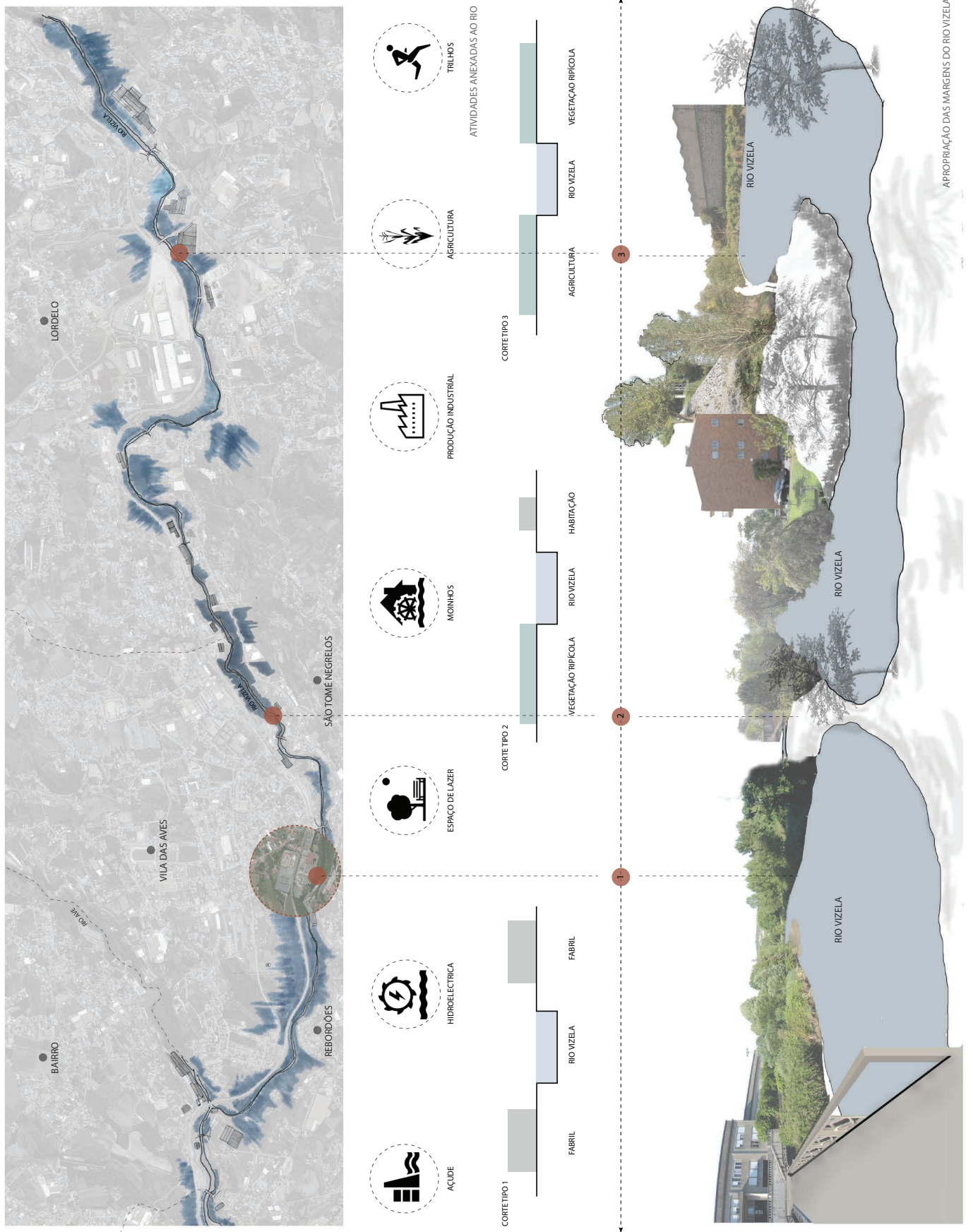


Figura 8 : O Rio Vizela e as atividade económicas geradas | 25

A Estrada Nacional 105

A estrada Nacional foi o primeiro elemento construído a surgir na paisagem. Este é um dos elementos mais importantes por suportar grande parte do desenvolvimento do lugar. É perceptível uma clara hierarquia da estrutura viária começando pela EN 105 (ligação entre o Porto a Guimarães) que conecta uma rede de vias secundárias que fazem a distribuição dos fluxos nas pelas localidades (figura 9), tal como em Vila das Aves.

Como se verifica na Figura 9 a Estrada Nacional permitiu tornar as indústrias mais dispersas no lugar. Após o surgimento da energia elétrica, as estruturas já não dependiam das correntes do Rio Vizela. A EN 105 veio possibilitar a deslocações mais rápidas e diretas entre cidades, reduzindo a distância entre os locais de produção e centro mercantis, como o caso da Fábrica Rio Vizela.

A EN 105 encontra-se à cota 934 junto á Fábrica Rio, 15 metros acima da cota mais baixa da Fábrica. No entanto, as indústrias que surgiam agregadas à EN 105 já se encontram à mesma cota que a estrada ou então mais altas como se vê na figura 9. Este elemento foi o suporte que gerou mais atividades económicas, apropriando-se dos seus limites.

A linha de Comboio

Em 1884 surge a linha de comboio CP Porto-Guimarães, traçando um percurso que acompanhava as margens do Rio Vizela, como se verifica na Figura 10. É importante referir que esta só se concretizou após a formação da empresa Caminhos de Ferro do Minho.

Esta infraestrutura veio complementar a já existente EN 105. Contudo, ao contrário desta (EN 105) a Linha Ferroviária foi estudada e implementada para suportar as indústrias já existentes, que se encontravam junto às margens do rio à cota mais baixa do Vale de Vizela. Isto facilitou os acessos destas estruturas a um recurso de transporte mais acessível, como é o caso da Rio Vizela que já foi referido anteriormente na evolução cronológica.

O facto desta percorrer junto às margens do Rio não permite a ocupação dos seus limites como se verifica na figura 10. Assim sendo, não se formaram novas atividades económicas associadas a este elemento. Ela gerou novos espaços que são as Estações, que criaram espaço de estacionamento e pequenos estabelecimentos dentro das estações. A linha de comboio gerou mais impacto à escala industrial com o transporte de cargas e descargas como o carvão, e na atualidade no transporte de passageiros por ser uma alternativa de baixo custo em relação a transporte público rodoviário.

Este três elementos lineares: o Rio Vizela, a Estrada Nacional 105 e a linha de comboio, acompanham e salientam o desenho do território. Suportam as atividades geradas como foi referido na descrição de cada morfologia. Durante esta descrição foi possível relacionar e perceber a ligação de cada um deles com a Fábrica Rio Vizela e o Lugar de Vila das Aves, podendo assim concluir que estes elementos são os fundamentos da relação recíproca entre a Fábrica e o lugar.

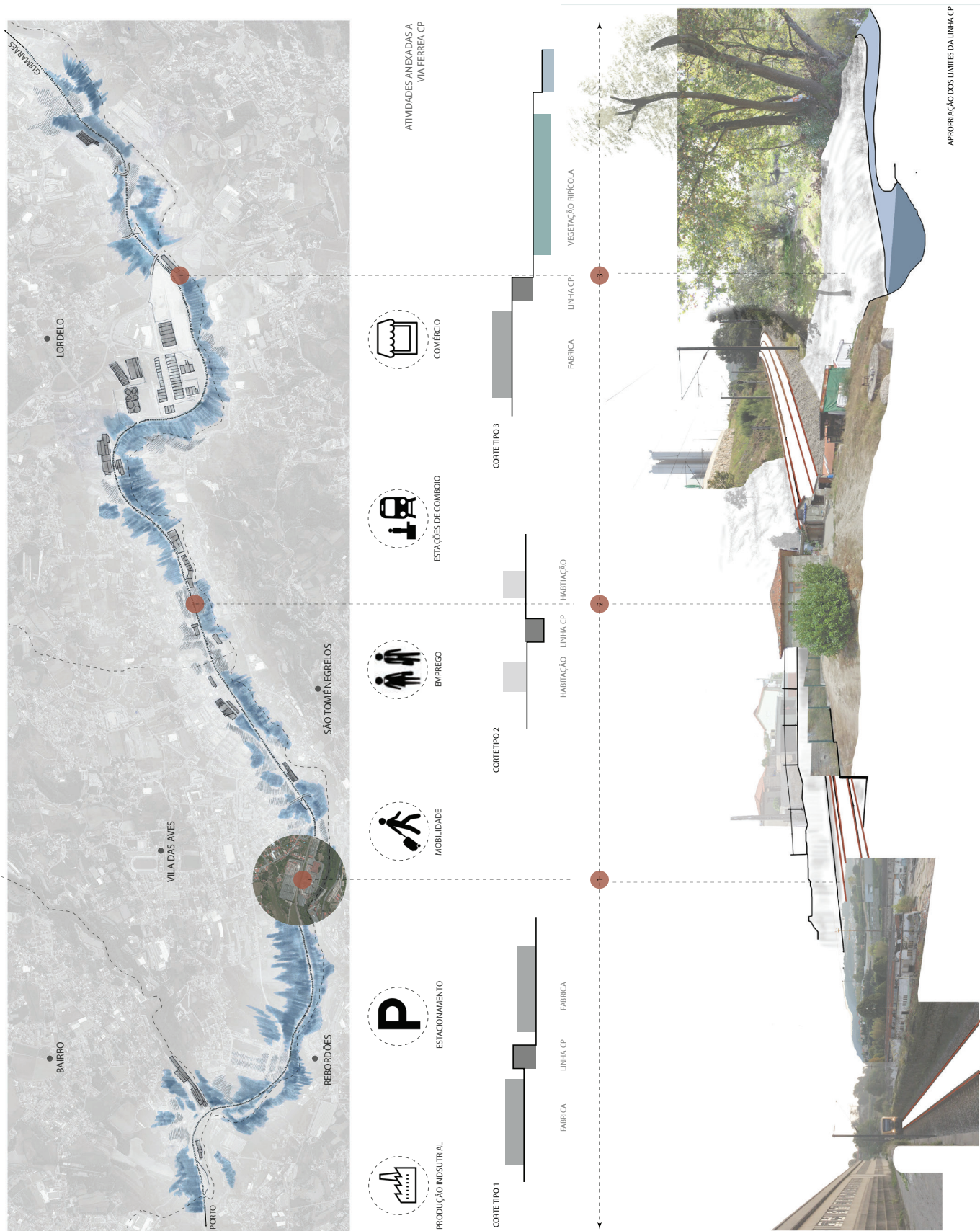


Figura 10 : A linha de Comboio e as atividades económicas geradas | 29

1.3 Processo de Abandono na Fábrica Rio Vizela

O abandono do conjunto da Fábrica de Fiação e Têxtil do Rio Vizela, ocorreu principalmente por questões económicas. Como já referido na evolução cronológica, a Fábrica sofreu várias dissoluções na constituição da sua sociedade. Estes acontecimentos ocorriam na mesma altura em que existiam mudanças de mercado e o surgimento de mais fábricas no mesmo ramo, aumentando assim a competitividade no mercado.

Após a última transição para Narciso Guimarães Machado, a Fábrica conseguiu manter-se ativa durante mais algumas décadas, declarando falência apenas em 2002. Este deveu-se a factores economicos que foram uma consequencia de poucas encomendas, apos as aberturas aos mercados asiaticos. E com a falta de atividade e de manutenção da suas estruturas levou à degradação gradual do edifício.

Com o intuito de perceber a possibilidade da Fábrica Rio Vizela ser o único caso desativo, foi realizada uma viagem ao longo das margens do rio Vizela. Identificadas as várias indústrias presentes neste percurso, foram-se registando os exemplos, e destacando os que se encontravam em estado de abandono (ver figura 11). É importante explicitar que o critério de seleção das indústrias foi baseado na relação destas com os três elementos lineares: o Rio Vizela, a EN 105 e alinha de comboio CP.

Como se pode perceber através da figura 11, a maioria das indústrias estão ativas, no entanto as fábricas que estão abandonadas encontram-se próximas do Rio Vizela, encontrando-se a cotas mais baixas do vale. A maioria das indústrias abandonadas são do ramo têxtil, expondo a competitividade existente neste ramo.

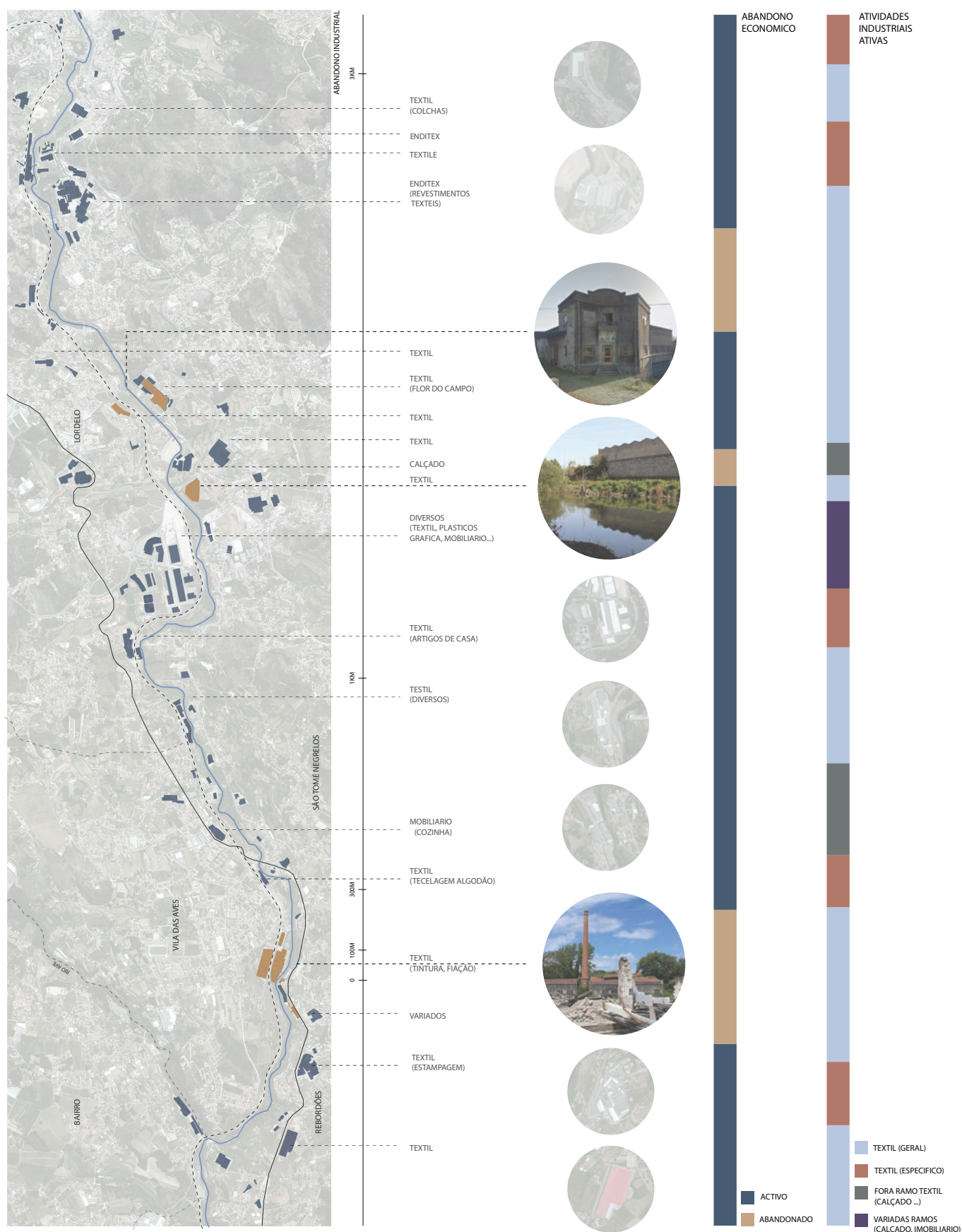


Figura 11 : As industrias: Produtividade V/s o Abanono no Vale de Vizela |31

1.3.1 Os efeitos do Isolamento

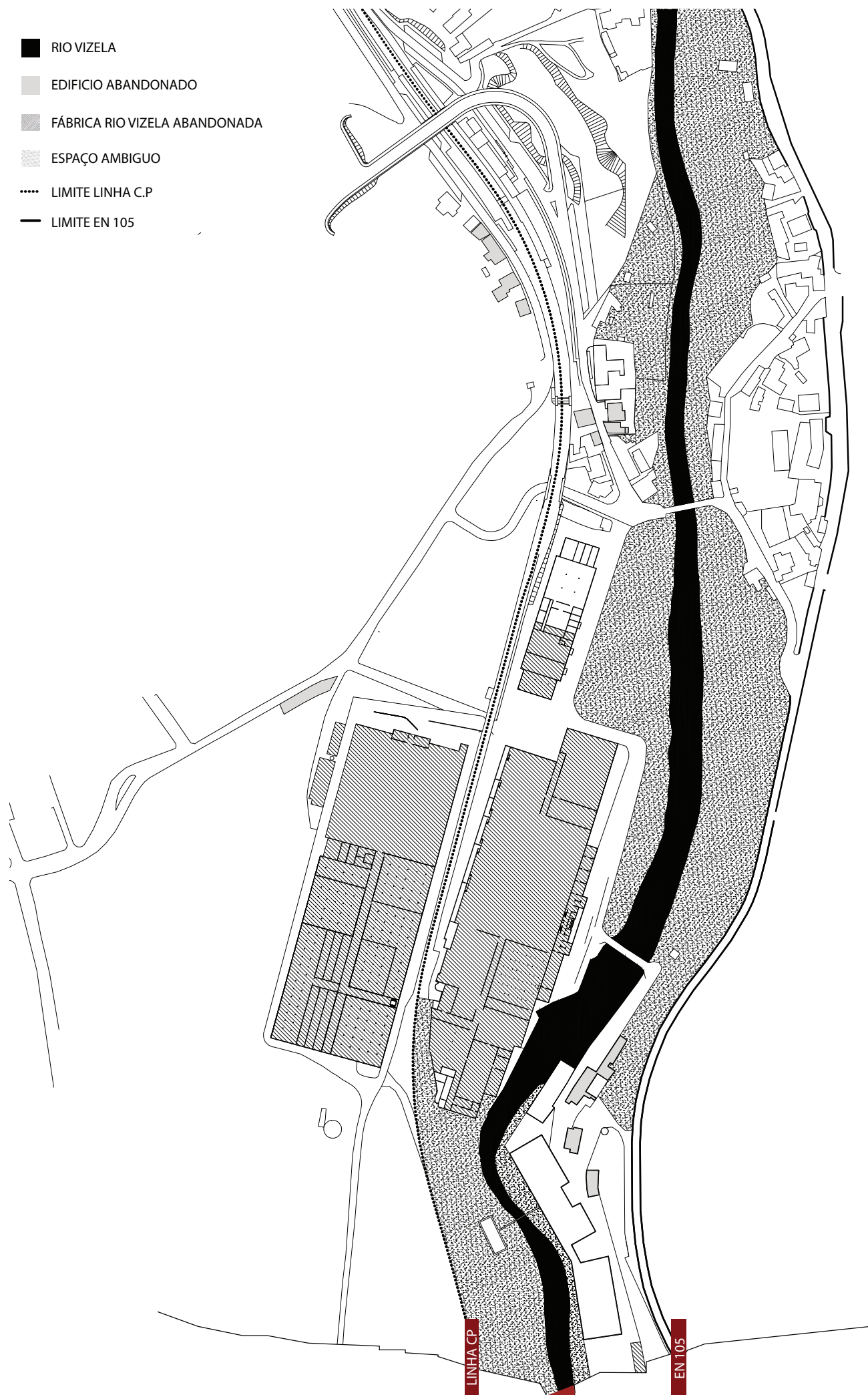
O factor económico, foi a principal causa do abandono da Fábrica Rio Vizela, tendo sido este reforçado pelo o seu isolamento, que gerou o estado actual de ruína. Este isolamento aconteceu devido aos dois elementos: a EN 105 e a linha de comboio CP. Onde nesta situação (figura 12) podem ser vistos como limites, evidentes através da observação do corte na figura 12, pois a sua morfologia linear em planta acompanha e salienta o desenho da topografia do vale. Uma vez visto em corte estes desenham um limite entre o vale e as cotas altas, visto que a EN 105 se encontra a cota 93.4 e a linha de comboio a cota 83.4.

Entre estes limites situam-se uma variedade de parcelas (agrícolas, habitação, industrial), algumas das quais foram interrompidas por estes dois elementos, que, consequentemente, fragmentaram as margens do rio Vizela e geraram “terrain vagues”¹⁴. Esta tipos de espaço podem ser classificada como espaços “expectantes, mais ou menos abandonados, mais ou menos delimitados no coração da cidade tradicional, ou mais ou menos indefinidos nas periferias difusas. São manchas de “não-cidade”, espaços ausentes, ignorados ou caídos em desuso, alheios ou sobreviventes a quaisquer sistemas estruturantes do território”¹⁵ como disse Luís Pedro de Sá Melo.

Em suma, estes são uma consequência da ausência de atividade, onde a maioria resulta das suas ligações à Fábrica do Rio Vizela. Por exemplo, inicialmente alguns espaços eram utilizados para a plantação do linho e para a subsistência. Acompanhando a evolução da Fábrica alguns destes foram divididas em parcelas mais pequenas para formar habitação para os operários. No entanto, uma vez que esta está abandonada estes espaços também se encontram neste estado como se pode verificar na figura 12.

¹⁴ “terrain vagues” são parcelas de terrenos que têm limites mas que se encontram vazias. Sola Morales p186-187

¹⁵ Pedro Sá e Melo, Luís: Terrain Vague : consultado em <http://www.artecapital.net>;



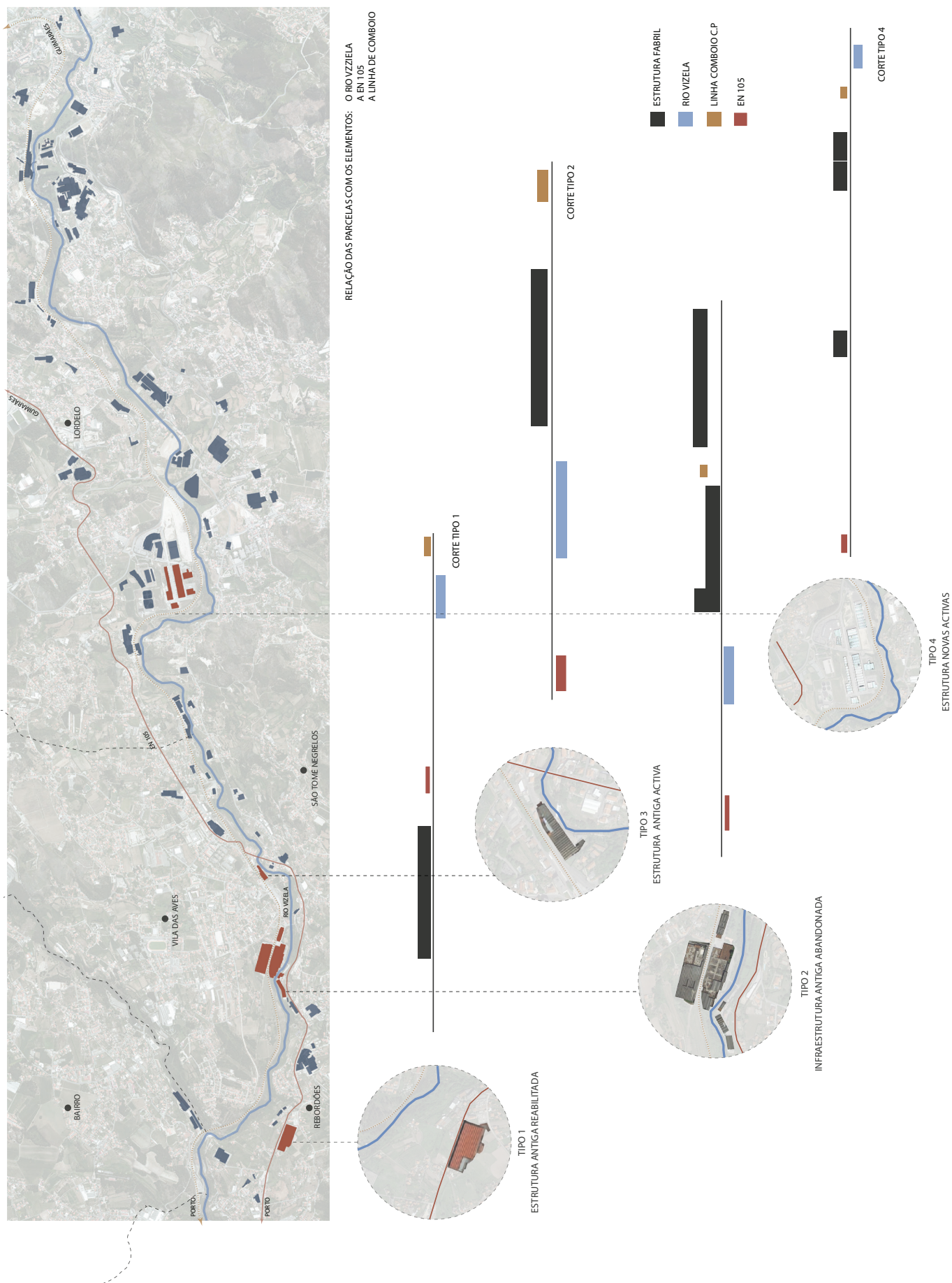
De forma a compreender se o isolamento apenas acontece neste fragmento da envolvente á Fábrica Rio Vizela, ou se, se repete em mais alguma outra, foram seleccionadas quatro estruturas industriais. Estas pertencem ao conjunto de amostras analisadas durante o trajeto, cada uma delas enquadradas num tipo diferente, nomeadamente: tipo 1 - estrutura antiga reabilitada, tipo 2 - estrutura antiga abandonada, tipo 3 - estrutura antiga ativa e tipo 4 - estrutura nova. Destas quatro estruturas industriais, duas encontram-se entre os dois elementos e os outros dois para além destes limites. (Ver Figura 13).

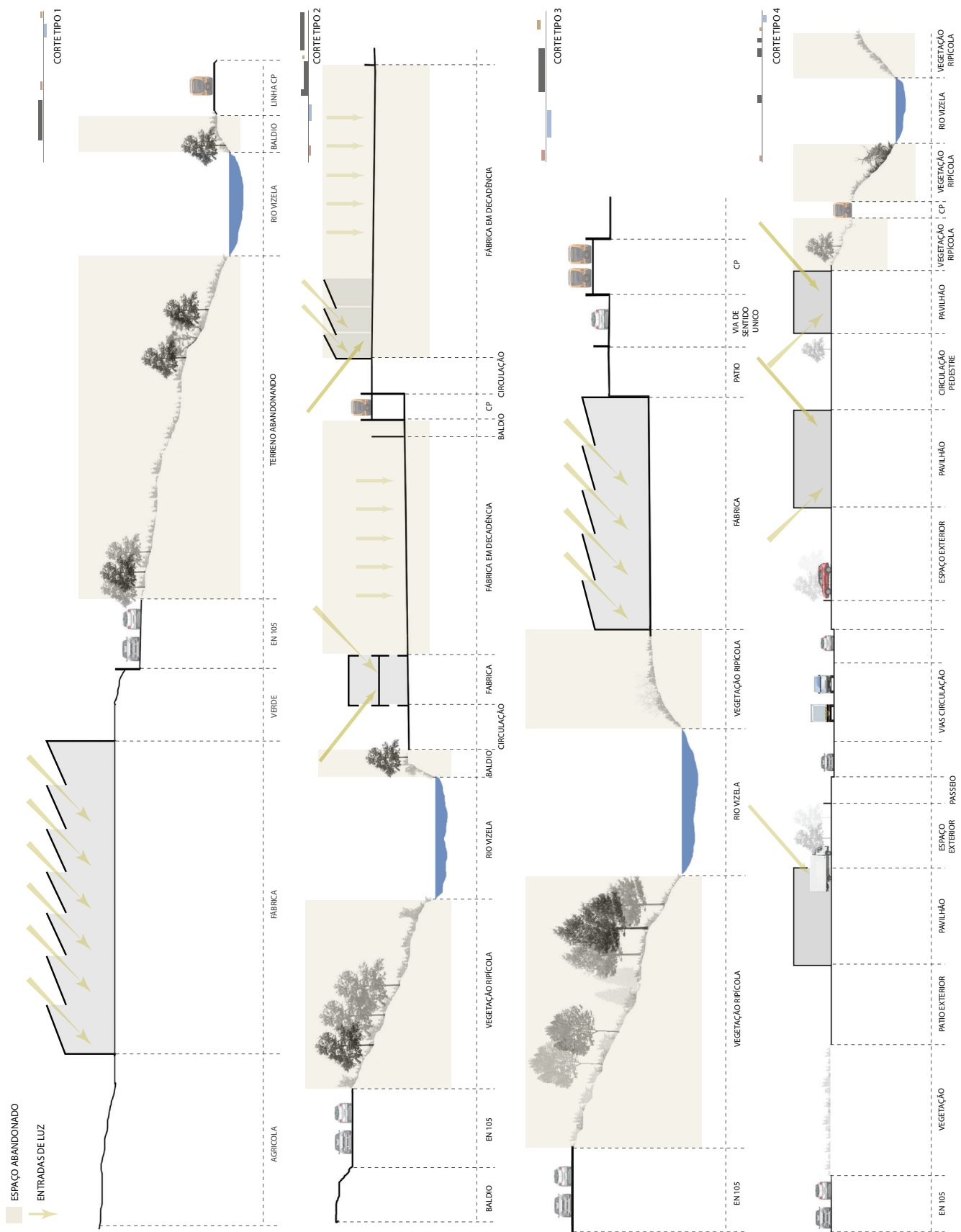
Observando os quatro cortes na figura 14, é possível concluir de imediato que nos quatros casos seleccionados, o rio Vizela e as suas margens encontram-se abandonadas. O rio Vizela, embora já tenha sido um elemento importante para o lugar e as indústrias, serviu como uma solução para descarga de esgotos mas actualmente começaram a ser efectuadas intervenções de limpeza. As suas margens encontram-se completamente tomadas por vegetação rípicola.

As transformações que ocorrem ao longo do tempo resultaram num “afastamento” deste elemento, levando assim ao estado de abandono e degradação do rio. Embora outrora existisse muita atividade, tal como a plantação do linho, algumas destas transformaram-se em espaços industriais ou em pequenas habitações para operários com logradouros para a criação de pequenas hortas de subsistência, encontrando-se agora abandonadas.

Atualmente não existe nenhuma atividade próxima do rio. Neste caso, o único contato que existe com o curso de água, verifica-se a partir das cotas altas, sendo apenas visual, que, acontece pontualmente quando este não é obstruído por uma massa arbórea ou edificado.

No entanto, as fábricas (tipo 2 e 3) que se encontram junto ao rio, encontram-se em pior estado de conservação. A Fábrica Rio Vizela, abandonada, apresenta a necessidade de algumas obras de reabilitação e manutenção, de forma a prevenir a sua degradação eminente. Já as restantes fábricas (tipo 1 e 4) encontram-se ambas bem conservadas, perante o facto de uma ter sido recentemente reabilitada (tipo 1) e outra ser uma construção mais recente, construída na última década (tipo 4).





Voltando para a Fábrica Rio Vizela podemos verificar que este isolamento é mais evidente que nos outros casos, essencialmente pela Fábrica se encontrar inserida no vale como se pode confirmar na cartografia da Figura 15. A topografia do território tem um papel de grande relevância neste isolamento. Como foi visto nos outros casos as margens do rio são estes os espaços em que mais se verifica este processo de abandono.

A Fábrica encontra-se implantada em 2 cotas (78,4 e 83,4), tornando-se despercebida face a sua envolvente do lado de Vila das Aves. Dado deste desaparecimento, a leitura do conjunto fabril da Fábrica de Fiação e Têxtil do Rio Vizela como um todo, é dificultada. Neste momento, é apenas possível uma percepção completa a partir da EN 105 (83,4) por entre os vazios da linha arbórea que esconde a descida íngreme, ou através da linha de comboio.

Os cortes realizados nos vários pontos da macro parcela da Fábrica do Rio Vizela, permitem a leitura deste fragmento do vale (ver Figura 16). Onde a EN 105 e a linha CP, marcam a área isolada, uma vez que, para lá destes limites, encontramos várias dinâmicas que surgem das diversas atividades. Estas são produzidas através da existência de novos programas, tais como serviços públicos (saúde, espaço público) e pequenos comércios, excluindo desta forma, o papel de serviços sociais que as indústrias tinham no século XX, reforçando o isolamento desta macro parcela.

O aparecimento de alguns equipamentos públicos ao longo dos anos 90 retirou as responsabilidades impostas até à época nos sectores privados, como é possível ver no caso da Fábrica de Fiação e Têxtil do Rio Vizela, que integrava no seu programa um posto médico, uma cantina, uma creche e uma banda filarmónica. A partir do momento em que começaram a surgir equipamentos públicos, estas atividades começaram a decorrer em espaços especializados, fora da área balizada, isolando cada vez mais a fábrica, pois os espaços dedicados a estas atividades sociais não eram mais necessárias para desempenhar estas funções.



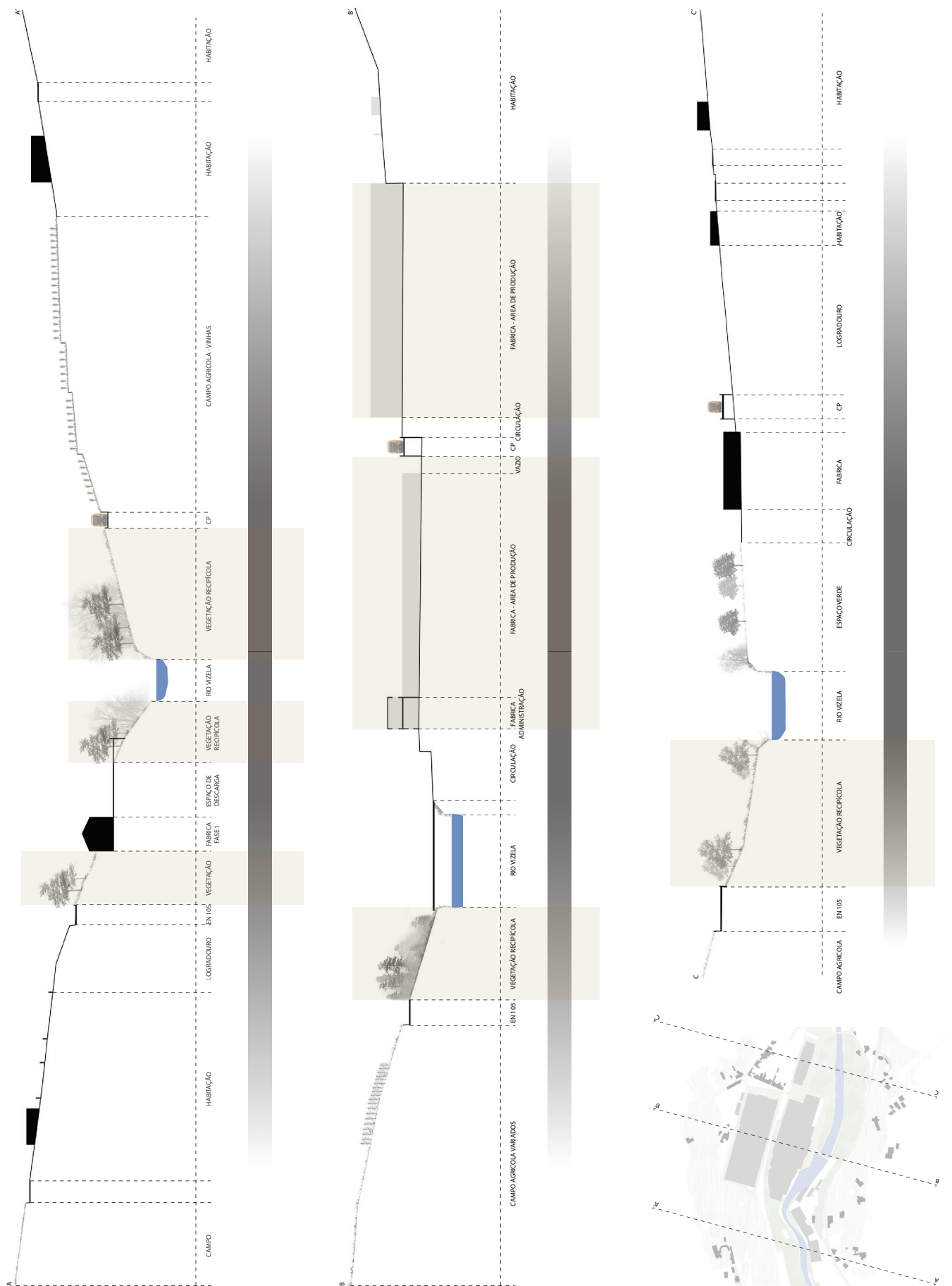


Figura 16: Os espaços Isolados da Fábrica Rio Vizela | 39

1.3.2. Interpretação do Plano Diretor Municipal

Na figura 17, identifica-se a área classificada como habitação tipo II relativo ao actual P.D.M em vigor de Santo Tirso, sendo possível verificar-se que a Fábrica encontra-se englobada nesta categoria. No entanto, antes da nova revisão ao PDM, esta mesma parcela encontrava-se classificada como área industrial.

Esta categoria, conforme o regulamento do P.D.M., está descrita como “uma área destinada preferencialmente a moradias” que “admite tipologias multifamiliares” idealizando “habitação de custos controlados¹⁶”. Para entender melhor esta descrição são identificados alguns exemplos existentes que, como se pode ver na figura 17, são maioritariamente pequenas moradias.

Após a análise anterior à Fábrica, a visualização desta ser transformada em pequenas moradias, presume-se que a solução mais iminente para o conjunto Fabril seria a demolição da sua ruína. Aqui a maior rentabilização económica seria dividir esta macro parcela em micro parcelas. Para contornar esta possibilidade, é entendido no mesmo regulamento que para além das centralidades já pré-definidas existe a possibilidade, caso se justifique, do “reforço ou criação de centralidades”¹⁷.

Após esta análise da evolução cronológica da relação do Lugar e a Fábrica Rio Vizela, é bastante eminente a importância da Fábrica para o lugar, que sustentando a possibilidade desta ser novamente transformada num “centro”. Isto é, propõe-se a criação de um ponto de convergência onde as diferentes categorias do P.D.M se encontram, criando novas atividades e gerando novas dinâmicas dentro da Fábrica Rio Vizela, o que se traduz numa nova fase no ciclo desta macro parcela.

Esta nova fase sera apresentada após um estudo das permanências existentes do conjunto Fabril. Pois a falta desta informação, poderá ter sido uma razão para a desvalorização desta estrutura industrial histórico. O levantamento deste irá permitir perceber a potencialidade das pré-existências, e traçar uma estratégia que valorize o seu novo ciclo.

¹⁶ Informação recolhida do Plano Diretor Municipal em vigor desde 28 de janeiro de 2011: <http://www.cm-stirso.pt>

¹⁷ IDEM



Figura 17 :Mapa de Identificação de habitação Tipo II segundo o P.D.M.

1.4 | As Permanências

Atualmente, permanece nesta macro parcela uma ruína, através da qual o seu estado de degradação é escondido no interior das “carcaças.” (Ver Figura 18) Estas são formadas pelos alçados dos edifícios que o tempo ainda não conseguiu desmoronar, mas, que, através dos vidros quebrados dos vãos é possível observar a ruína, conhecida também como a Fábrica de vidros.¹⁸

Só após uma aproximação à Fábrica, é que se tornou perceptível o avançado estado de degradação dos seus 55,000 m². Após o acesso ao arquivo da fábrica foi possível consultar os registos fotográficos de várias épocas¹⁹ e os desenhos arquitectónicos originais da última intervenção. Foi plausível criar uma imagem dos espaços durante o auge da sua produção. Após ter criado a imagem desta máquina²⁰, no passado com a informação do arquivo, o percurso feito pela ruína gerou um impacto forte. Ao desvendar a sua nova realidade, sendo surpreendido por cada espaço percorrido. Encontrou-se um esqueleto vazio que outrora foi ocupado por pessoas e máquinas.

Ao percorrer a ruína assumiram relevância quatro temas: a acessibilidade, a iluminação, a distribuição e a visibilidade. Cada tema é importante, na medida em que, estes definem a qualidade espacial dos edifícios da Fábrica e o modo como estes se relacionam entre si e com a própria parcela, mas mais importante ainda, são as marcas que permanecem do passado. Estas marcas contam a história, a linha de pensamento dos mestre e dos engenheiros das épocas, explicando a forma dos espaços, que permite perceber como o programa era organizado e distribuído. São estas mesmas permanências que poderão desvendar as pistas para um novo futuro.

Não havendo registo do atual estado da Fábrica foi importante criar um novo levantamento, que permitirá através da reinterpretação das marcas pré-existentes recriar o passado. Isto só foi possível através das várias visitas ao local onde o levantamento foi maioritariamente, através do recurso fotográfico²¹, por ser o método que melhor representa e captura a essência dos quatro temas acima referidos: a acessibilidade, a iluminação, a distribuição e a visibilidade. Como complemento a esta informação é feito um levantamento dos alçados principais que fazem frente com o circuito de circulação dentro da macro parcela. Porém, com o avançado estado de degradação e acesso restrito a alguns espaços não foi possível realizar o levantamento de todos os compartimentos.

¹⁸ ERICE, Víctor: Vidros Partidos: 2012: retirado de <https://www.youtube.com>

¹⁹ Consultar Anexos: 1 | Fotografias do arquivo da Fábrica

²⁰ Consultar fotografias em anexo parte 1

²¹ Consultar Anexos: 2 | Fotografias do pré-existente



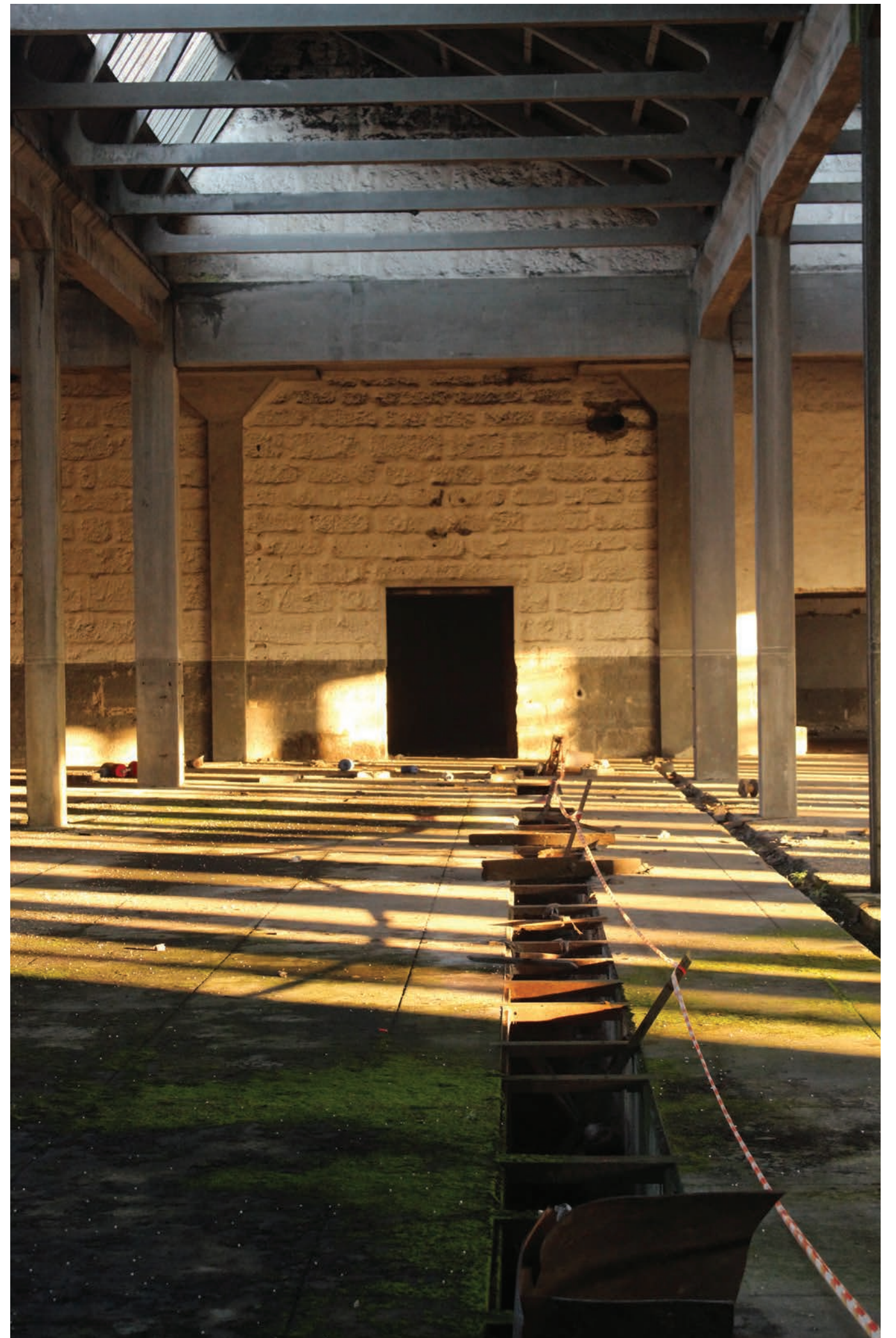
Fábrica a cota 78.4



Fábrica a cota 89.4

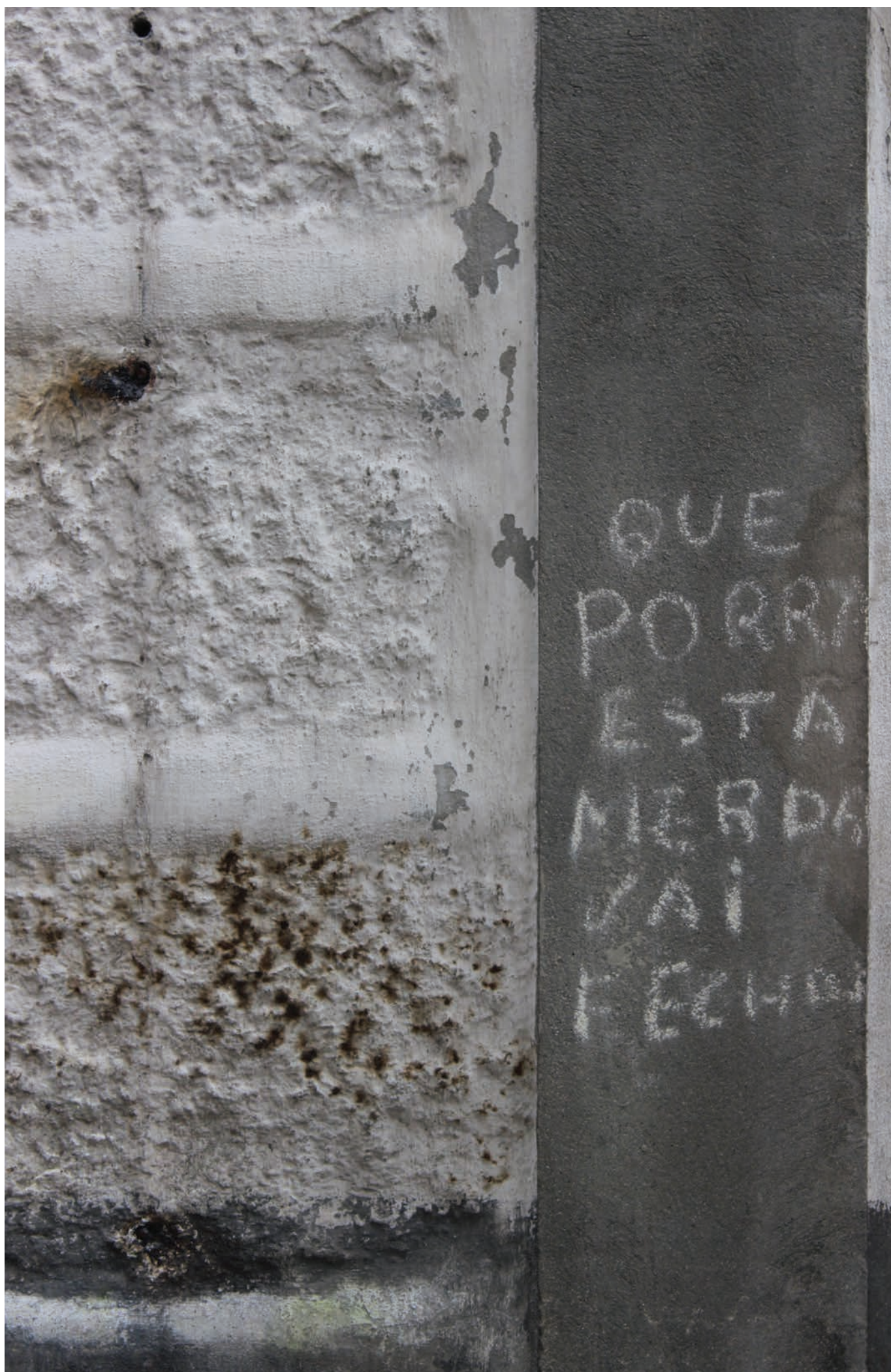


Figura 18: Panorâmicas da Ruína | 43









Existem dois edifícios principais (onde ocorria a produção) cujo a carcaça permanece em pé, e o seu interior em ruína. Estes encontram-se separados por um desnível de seis metros, onde o edifício à cota 78.4 que englobava a zona administrativa, é acedido por dois pontos, um aberto ao público e o outro era constituído pelo acesso às áreas de serviços que era para os operários. Este ponto daria acesso diretamente a um corredor central onde se realizava a distribuição principal. No presente, só permanecem as marcas no chão e as ruínas de paredes que desenhavam este eixo.

No Edifício à cota 83.4 existem três pontos de entrada ainda de pé. Todas estas entradas são entradas de serviço, pois encontram-se a uma cota superior, que está mais resguardada do público. À cota 83.4 existem dois destes acessos, facilmente identificados por serem grandes pórticos, que indicam servir para cargas e descargas. Já o acesso pedonal era realizado à cota 89.4 por um eixo central tal como no Edifício A²², mas nos dias de hoje, ao entrar no edifício não se lê este corredor devido a ruína da cobertura e toda a sua estrutura. O corredor só é lido novamente na outra metade do edifício onde o edifício continua intato. Este corredor central continua ligado ao corredor do edifício A por um acesso vertical que dá continuidade a um túnel que passa por debaixo da linha de comboio como se pode verificar na figura 19.

A macro parcela era acedida por três pontos: a Rua dos Correios, a Avenida da Paradelas e a EN 105. Estes são identificados pelos pórticos monumentais (figura 23), no entanto só duas destas encontram-se ativas: relativo à Rua dos correios que é identificada como a ligação principal a Fábrica devido à ligação com a estação de comboio de Vila das Aves. Este é mais ativo em relação à entrada pela EN 105, pela facilidade de aceder o circuito de circulação da Fábrica. Já o acesso pela EN 105 ao circuito é mais dificultado, devido à diferença de cota de 89.4 para 78.4 esta transição é feita numa distância curta e através de um percurso estreito dificultando a mobilidade mais no sentido da Fábrica para a EN 105.

22 Letra para distinguir Edifício da Fábrica a cota 78.4

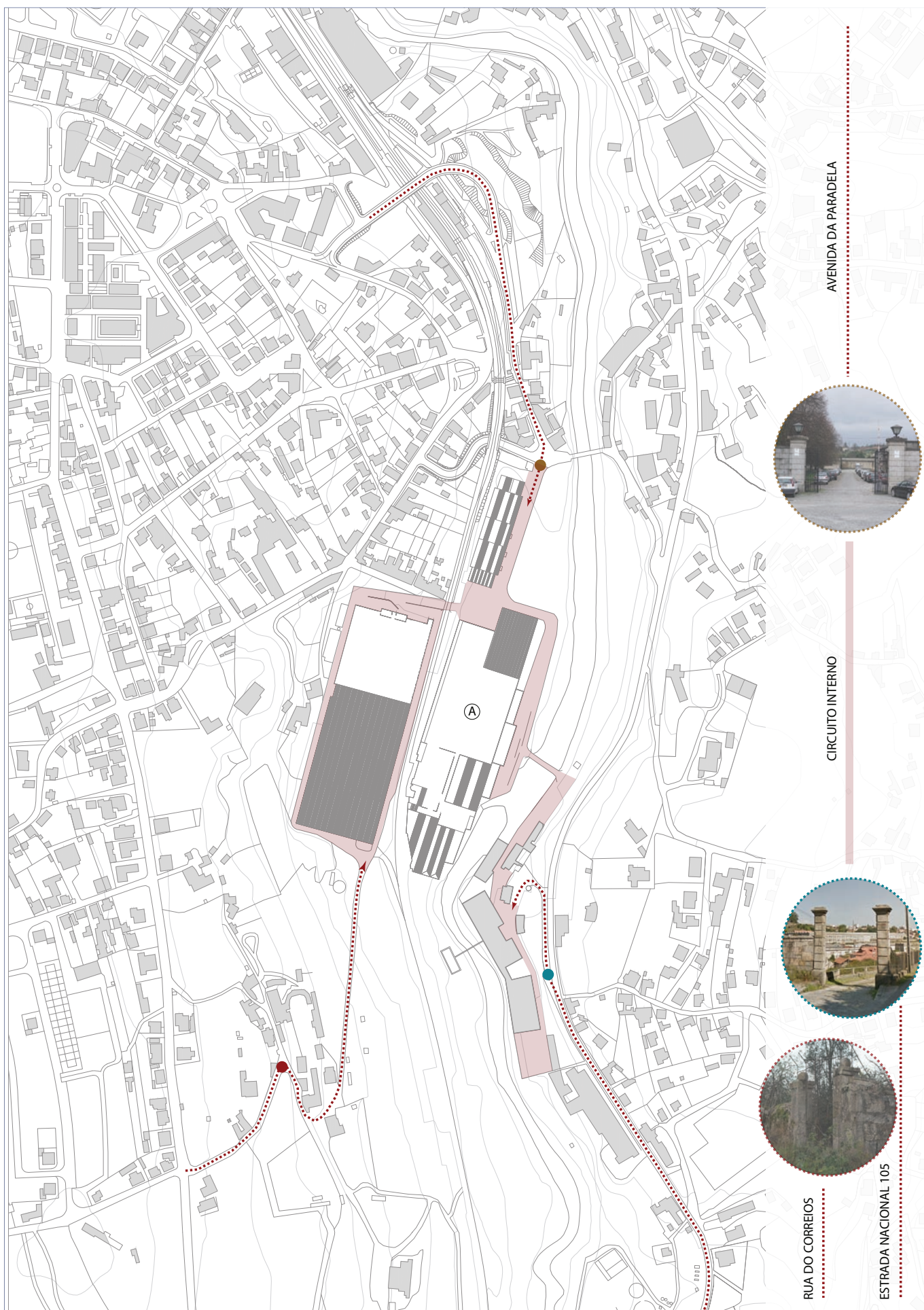


Figura 23 : Os acessos a Parcela da Fábrica Rio Vizela | 49

A Fábrica Rio Vizela é considerada uma tipologia shed²³, (devido a sua coberturas em forma de dentes de serra), indicando que a sua construção foi feita e pensada através de uma métrica modular. A leitura desta métrica é possível ser lida através das marcas que foram encontradas no chão da Fábrica. No entanto, existem espaços que ainda continuam de pé, sendo visível a forma das coberturas e as clarabóias que se orientavam a Norte. É, através destes espaços encerrados pré existentes, que se percebe a luminosidade dos espaços. Onde o seu carácter industrial, frio transmite uma atmosfera de conforto devido à qualidade da iluminação. Esta qualidade provém não só das clarabóias pré-existentes como também dos grandes vãos das fachadas. (Ver Figura 24)

Concluiu-se que do conjunto da Fábrica de Fiação e Têxtil do Rio Vizela resta apenas um esqueleto de tudo aquilo que outrora existiu, onde cada visita resultava sempre no descobrimento de algo novo, desde artigos que eram produzidos em rolos de linha pronto para a tecelagem e catálogos de amostras de tecidos. No local, existiam objetos pessoais de operários que ficaram lá abandonados, escondidos entre os escombros, como memória da vivência de todos aqueles que por lá passaram.

23 SANTOS, Ademir Perreira dos – Arquitectura Industrial: São José dos Campos: A.P.S., 2006. ISBN – 85-902-305-1-1

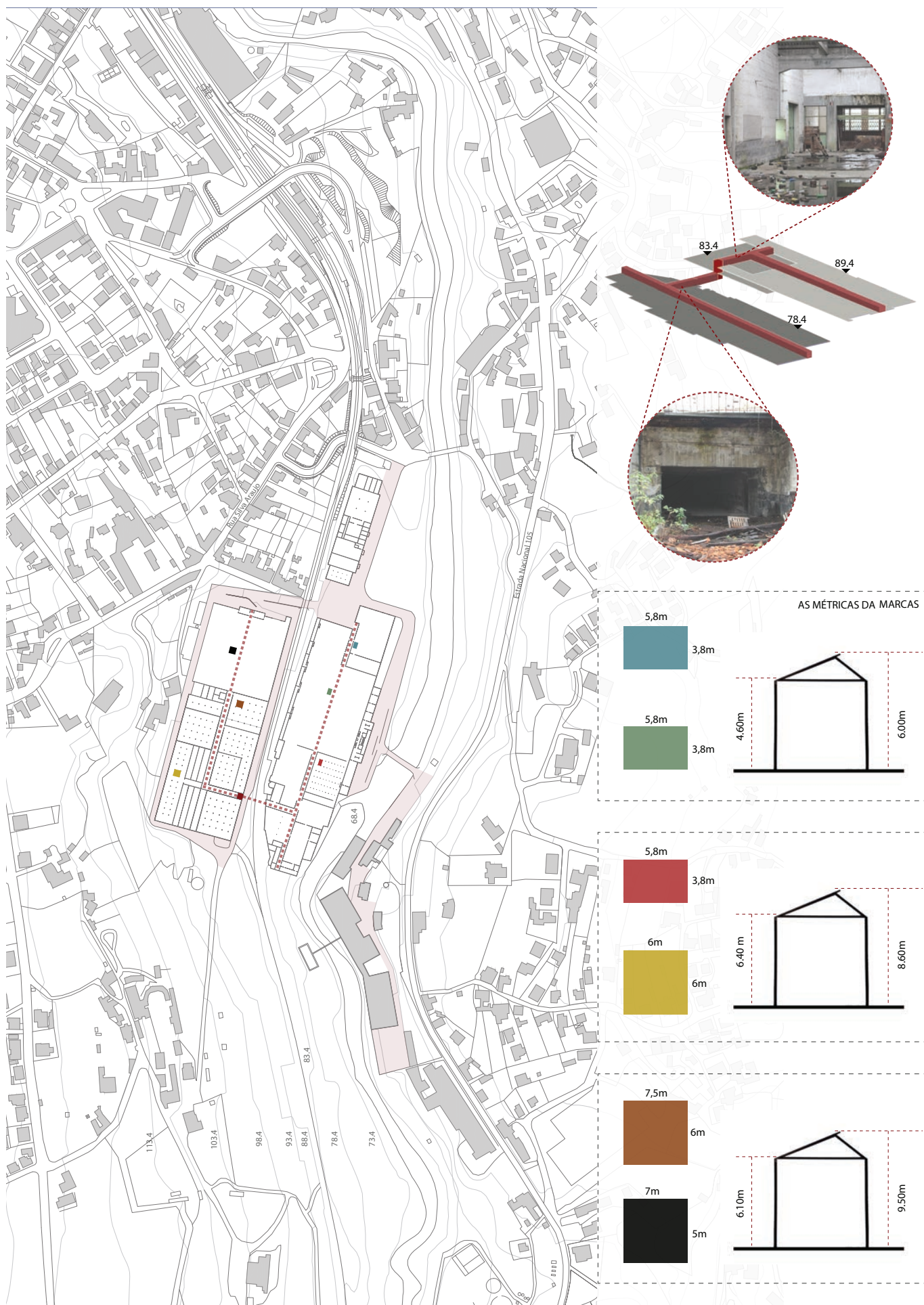
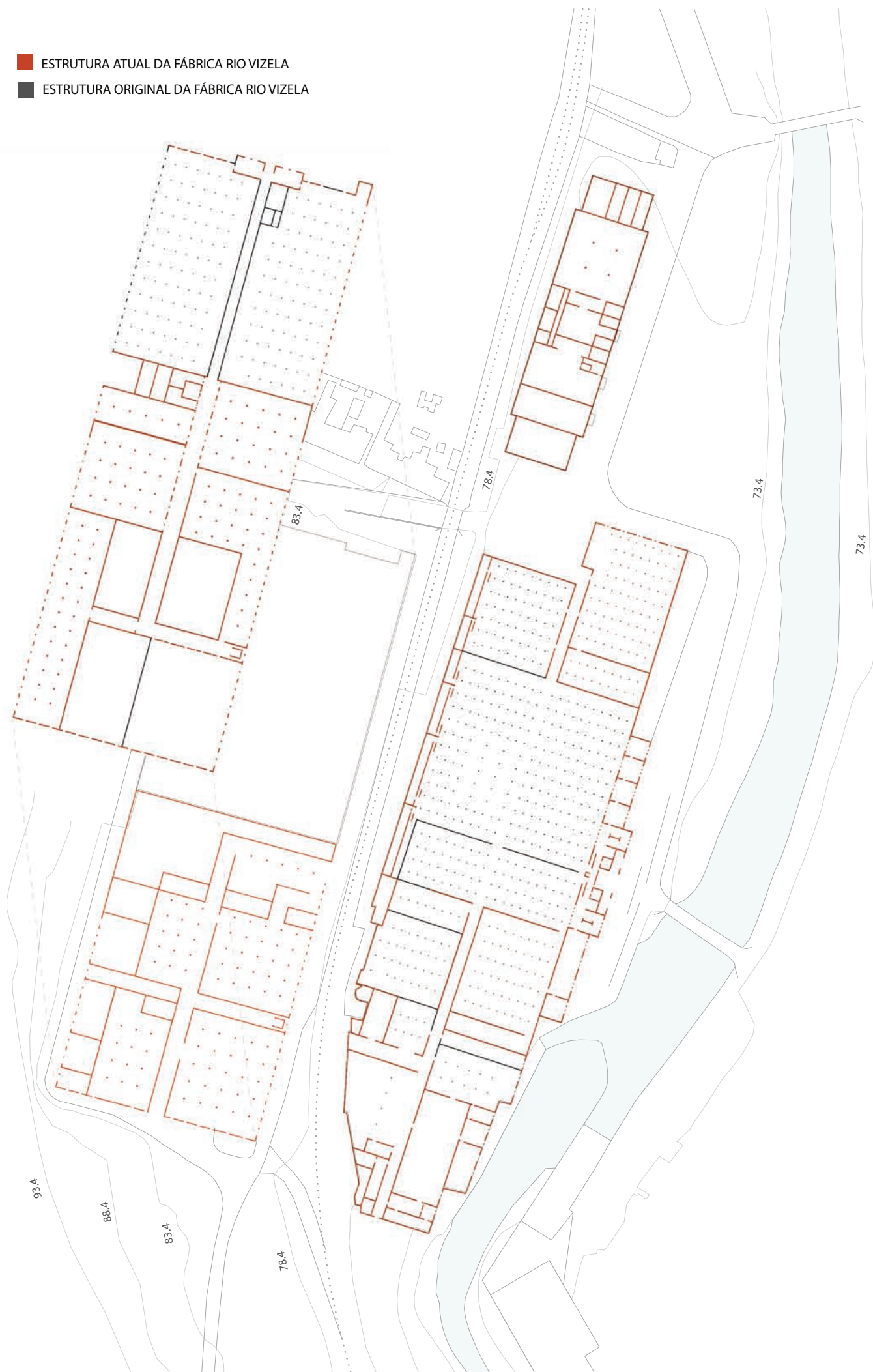


Figura 24 : Percurso interior da Fábrica e a identificação da Métrica dos espaços | 51

- ESTRUTURA ATUAL DA FÁBRICA RIO VIZELA
- ESTRUTURA ORIGINAL DA FÁBRICA RIO VIZELA



COBERTURA PRÉ-EXISTENTE
COBERTURA RUIU

PLANTA DE COBERURAS
DURANTE PRODUÇÃO

AREA TOTAL EDIFICADO: 51.800
AREA COBERTA: 29.850
AREA DESCOBERTA: 21.900
SOLO IMPERMEAVEL: 36.260

PLANTA DE COBERTURAS
DA RUINA



RUINA: INTERIOR DA FÁBRICA A COTA 78.4



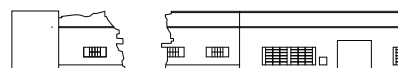
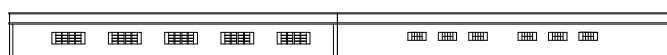
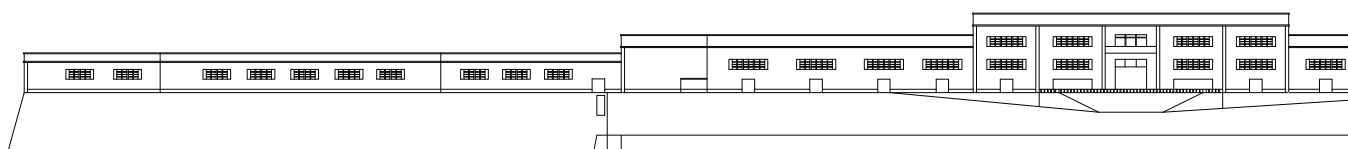
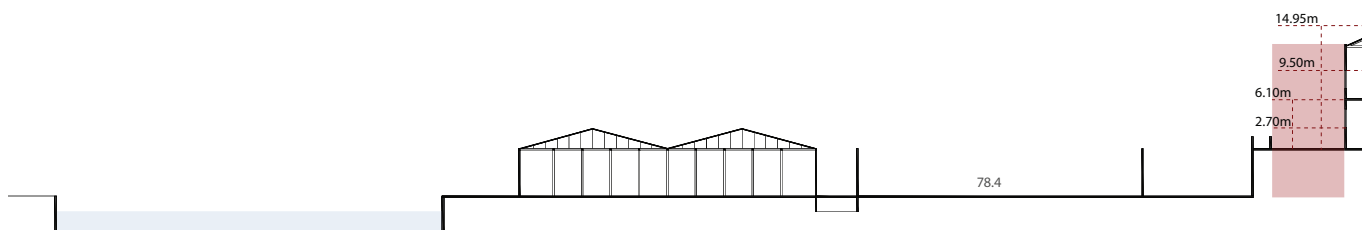
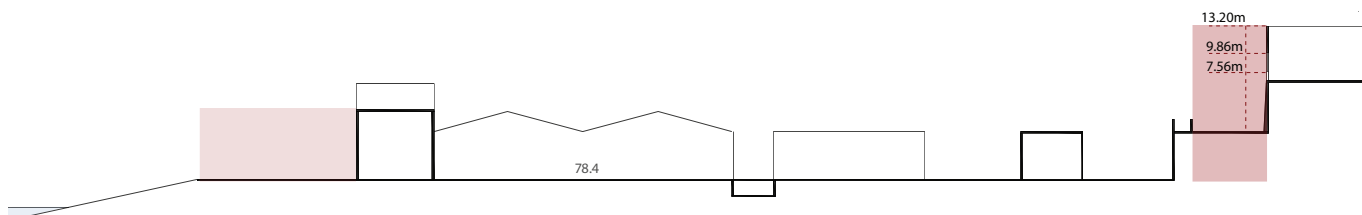
RUINA: INTERIOR DA FÁBRICA A COTA 78.4



ANTIGO INTERIOR DA FÁBRICA A COTA 78.4

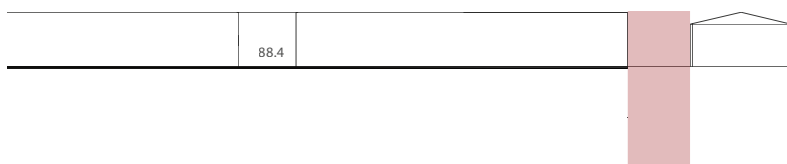


ANTIGO INTERIOR DA FÁBRICA A COTA 78.4



ALÇADO NASCENTE 78.4

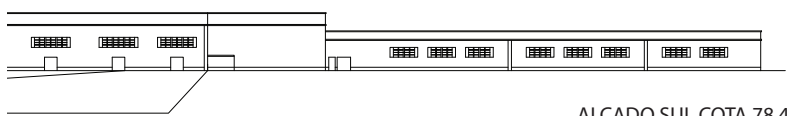




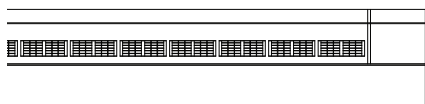
CORTE AA'



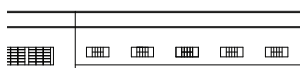
CORTE BB'



ALÇADO SUL COTA 78.4



ALÇADO SUL COTA 83.4



ALÇADO NASCENTE 89.4



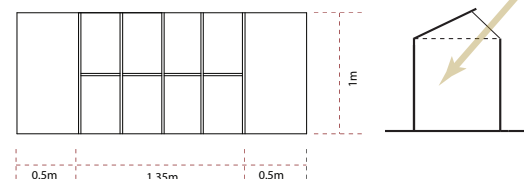
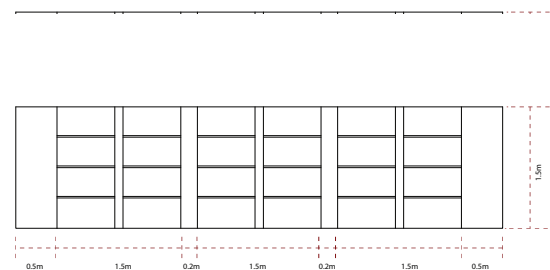
ILUMINAÇÃO INTERIOR

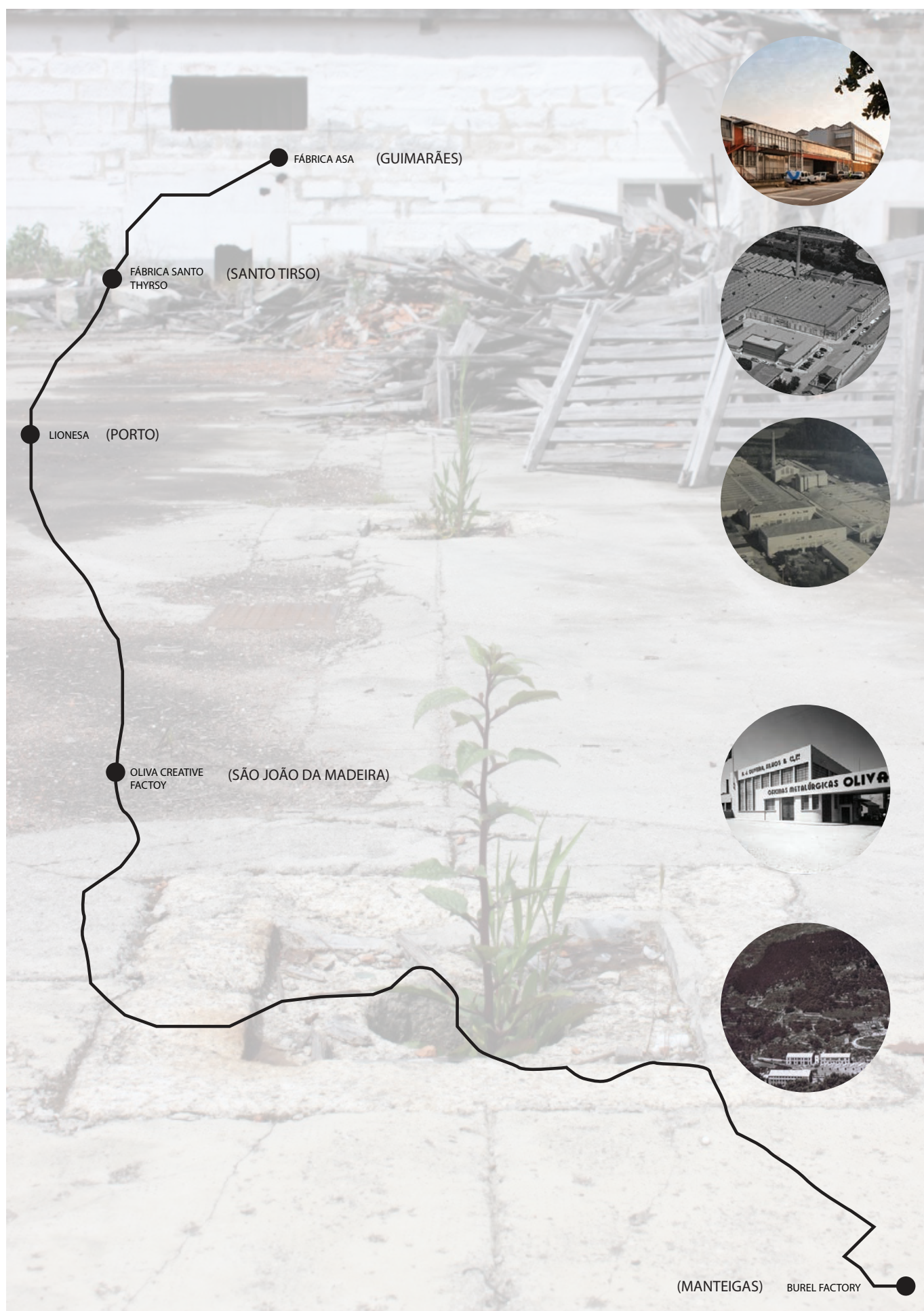


CLARABOIA



ILUMINAÇÃO INTERIOR





2 | RESILIÊNCIA A CAPACIDADE DE RECUPERAR

Resiliência é aquilo se pode considerar capacidade de superar, e recuperar de adversidades. Segundo Jack Thakara “é a capacidade de um sistema se reorganizar, absorver perturbações e se reorganizar enquanto submetido a mudança.”²⁴

A Fábrica de Fiação e Têxtil do Rio Vizela carece desta oportunidade de recuperação. O conceito de Resiliência será aplicado de forma a compreender a capacidade de recuperação deste conjunto industrial, através de novas vivências e de um novo programa. Como diria Le Corbusier “a arquitectura deve ser a expressão do nosso tempo e um plágio das culturas passada.”²⁵. Assim sendo, a estratégia de tornar a Fábrica Rio Vizela resiliente. Onde a memória da Fábrica é mantida, focando na memória da imagem da Fábrica enquanto estrutura e das vivências de quem por lá passou.

O processo para ativar a Fábrica pode ser conseguido através de três acções: o reconstruir, o restaurar e o reabilitar. Na atualidade estas ações são cada vez mais utilizadas para reverter o estado de abandono. No entanto, o método como estas são aplicadas, difere de caso para caso e de lugar para lugar, sendo que cada espaço e cada edifício tem a sua importância histórica, repleta de marcas das nossas culturas passadas.

Para uma melhor compreensão do conceito da Resiliência, e consequentemente do ato de recuperar, foram realizadas visitas a cinco casos nomeadamente: a fábrica Asa, a fábrica Santo Thyrsó, a fábrica Lionesa, a Oliva Creative Factory e a Burel Factory (Ver Figura 27). Estes casos foram selecionados com o intuito de compreender a estratégia imposta em cada caso na recuperação das suas ruínas. A observação das estruturas e análise do seu estado atual permite entender como cada caso foi aproveitado para traçar uma nova estratégia a aplicar na Fábrica Rio Vizela.

Em cada caso é analisado os mesmos temas que foram observados nas permanências da Fábrica do Rio Vizela: a iluminação, a acessibilidade, a distribuição, a visibilidade, acrescentando agora, o novo programa de cada caso para servir de referência para a futura estratégia proposta.

²⁴ Cit In: wp.doorsofperception.com visitado a 24.11.2015

²⁵ Cita: Agost Muñoz, Lidón. “A essência do “RE-”: Recuperar o passado através da arquitetura” [La esencia del “RE-”: Recuperar el pasado a través de la arquitectura] 23 Jun 2014. ArchDaily Brasil. Acessado 11 Mar 2016.v

2.1 | Fábrica Asa

A fábrica Asa localiza-se na cidade de Guimarães, e na última década foi desativada da sua actividade indústria, dedicada à produção de lençóis. Antes, conhecida por Fábrica de lençóis ASA, que, encerrou as suas portas por questões financeiras.

Esta fábrica não chegou a manifestar indícios de abandono. Isto, deve-se à sua estrutura fabril ser uma construção “relativamente recente” (séc. XX), e ao pouco tempo de inatividade, sendo que o espaço foi aproveitado para incubar programas culturais no âmbito de Guimarães Capital da Cultura em 2012. Com esta nomeação entraram vários fundos Europeus que permitiram a realização das grandes obras públicas.

A estratégia para ativar este espaço já foi referida, a introdução de vários espaços culturais, permitindo assim uma flexibilidade nos eventos que possam decorrer. A intervenção foi mínima, aproveitando as estruturas e os espaços existentes, e pontualmente a criação de novos para acolher programas mais pequenos. Mantendo assim a sua característica industrial.

Porém, na atualidade a Fábrica ASA é um espaço pouco utilizado e “morto” por falta de atividade. Isto é uma consequência do excesso de espaços culturais no centro de Guimarães e no restante da cidade. Existindo assim, um desequilíbrio entre os locais disponíveis para acolher eventos culturais e como consequência há demasiada oferta para os eventos efectuados podendo resultar novamente no abandono da fábrica novamente.

Pode assim assumir-se que a estratégia demorou algum tempo a desenvolver a sinergia após o ano de 2012, onde a antiga fábrica seria transformada num espaço de criatividade.

“Um edifício emblemático da arquitectura industrial portuguesa dos anos 60 agora reconvertido em condomínio empresarial. plataforma criativa, lugar de trocas, fusão e experiências, onde cada um participa na reinvenção do passado. re.fazer, re.viver, re.animar, re.conhecer, re.criar, re.inspirar, re.misturar, re.afirmar, re.formar. Esta é a nossa proposta, um espaço de sinergias re.made by you.”²⁶

26 Citação retirada de: <http://www.fabricaasa.eu> 08.02.2015



Figura 28 : Mapa de localização e esquema do interior da Fábrica Asa

Acessibilidade

A localização da fábrica é um local de fácil acesso seja, ele pedonal, por automóvel ou de comboio. A fábrica encontra-se perto da estação de Covas na entrada sul de Guimarães com a fachada principal voltada para a EN 105 que faz o percurso entre Porto e Guimarães. A sua grande escala em relação aos outros edifícios na sua envolvente próxima faz com que a mesma se destaque.

O edifício tem a fachada principal orientada a poente, onde existem dois pontos de entrada bem delimitados, distinguindo-se a entrada principal e a entrada secundária. Esta forma de distinção é visível através da criação de um grande espaço que serve de átrio, criando a transição do exterior para o interior. A entrada secundária é delimitada por um portão que por vezes se encontra fechado dependendo do horário de funcionamento.

Iluminação

Após uma visita às infraestruturas da fábrica, a primeira observação que se fez foi a falta de iluminação natural, devido às condições que a infraestrutura oferece.

O interior do edifício transmite uma atmosfera muito fria devido à escolha de cores e os materiais de revestimento interiores e exteriores. É perceptível a quem entra nesta infraestrutura entender que a ideia principal seria manter o seu carácter industrial, contudo este não se mostrou muito benéfico para o projeto por não ser muito convidativo a visitar o espaço. No rés-do-chão a iluminação é feita pelo dois pontos de entrada, e através da fachada Nascente onde existe uma grande aberturas e outras mais pequenas e pontuais.

A Fábrica Asa contém mais dois pisos, à exceção do último, onde o espaço é bem iluminado havendo uma relação com o exterior, o primeiro piso é novamente pouco iluminado por aberturas pontuais e encerrado. Isto faz com que o espaço necessite de ser iluminado por luz artificial.

Distribuição

A distribuição no interior da fábrica é simples e confinada a um espaço central por onde é feita a distribuição vertical e transversal, na parte do piso do rés-do-chão a circulação é mais fluida.

Começando com o piso de rés-do-chão onde se encontram dois corredores largos distribuindo as pessoas pelos espaços principais. Um destes corredores flui para um espaço amplo de multiusos. Aqui, a circulação é fluída porque não existem espaços premeditados, o espaço é transformado conforme a utilização. É a partir deste espaço que se acede ao núcleo central de distribuição.

Nos pisos superiores, o espaço central após a saída do elevador depara-se com um corredor de distribuição com diversas quebras de visibilidade devido à mudança de direção.

Organização programática

A fábrica Asa não tem uma função concreta. Esta fábrica está destinada a servir uma variedade de público, um lugar versátil para a sua utilização, existindo espaços pré-estabelecidos com o intuito de serem alugados.

Começando pelo rés do chão, as pessoas, que chegam do exterior, são recebidas num átrio que serve de transição do exterior para o interior do edifício. Uma vez dentro, encontramos um grande vazio que pode ser utilizado para workshops e exposições. Ligados a este espaço, que se assemelha a uma praça, estão pequenos comércios de variadas atividades desde a restauração a um espaço dedicado a crianças. Pode-se entender que esta parte do piso demonstra uma continuidade da rua no interior do edifício.

Desta mesma praça, temos acesso a um espaço mais resguardado pela privacidade que os espaços requerem e o controlo de quem os acede. No mesmo piso, existe a black box que é um auditório versátil a conferências, workshops ou peças de teatro. Nos restantes pisos não existe nenhuma função específica pois são espaços que são alugados para as diversas atividades.

Nos espaços envolventes ao edifício principal encontramos um pavilhão desportivo que é de acesso ao público. Pode-se dizer que o edifício não é confinado a nenhum programa específico que procura adaptar-se a qualquer especificidade.

Visibilidade

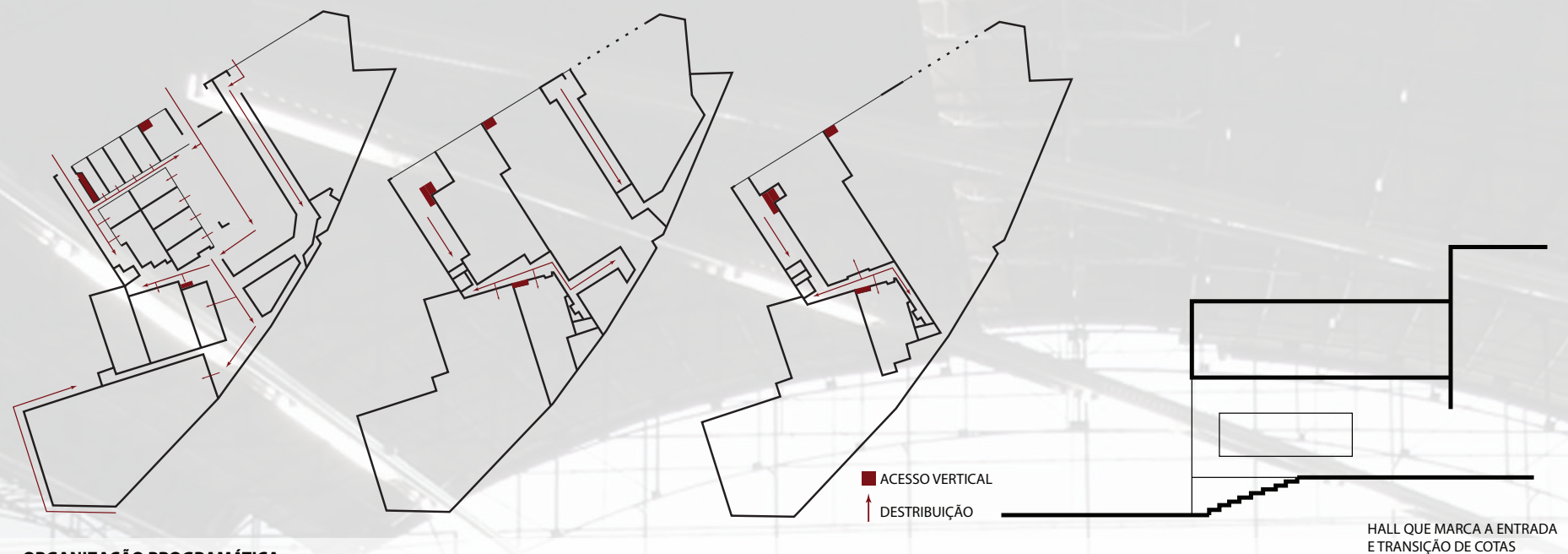
No que diz respeito à relação a envolvente, o edifício marca-se pela sua grande escala e fachada colorida com diversos painéis de tecido que a tornam muito dinâmica e apelativa.

Quando se analisa a visibilidade entre o interior do edifício e o exterior, são poucas as oportunidades de relação onde se pode ter uma clara percepção do exterior, sendo este momento no piso superior do edifício. Para uma intervenção do século XXI onde a transparência e a luz são grandes temas abordados este projeto não se destaca.²⁷

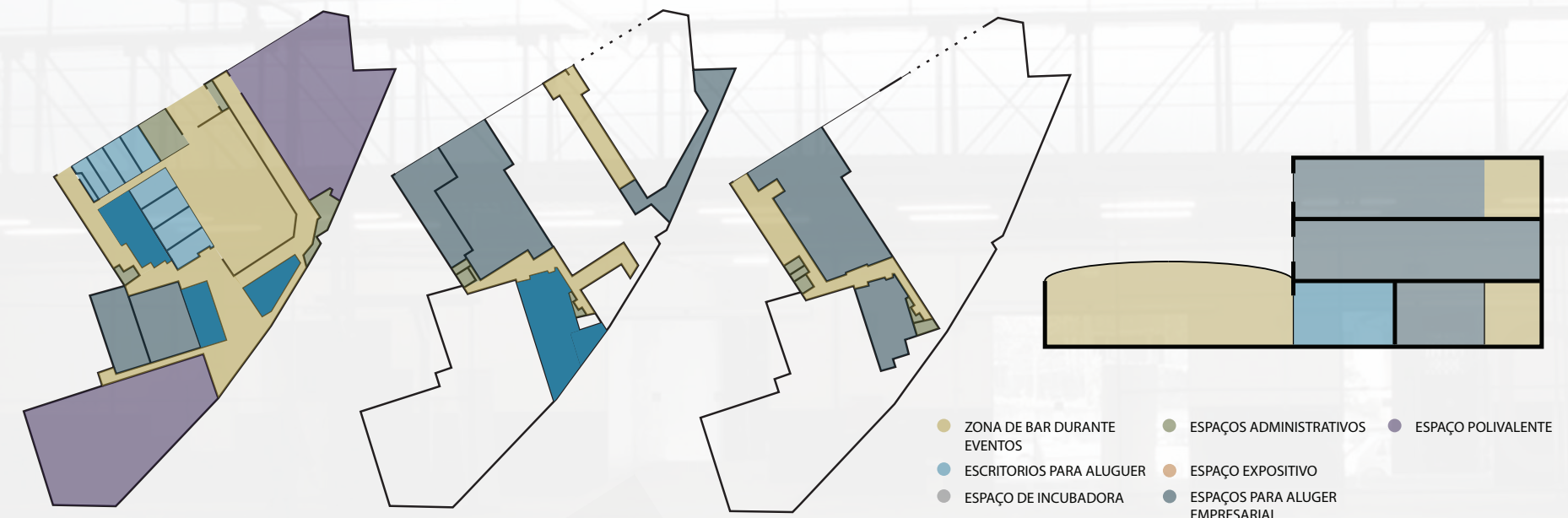
²⁷ Consultar Figuras 29 e 30.



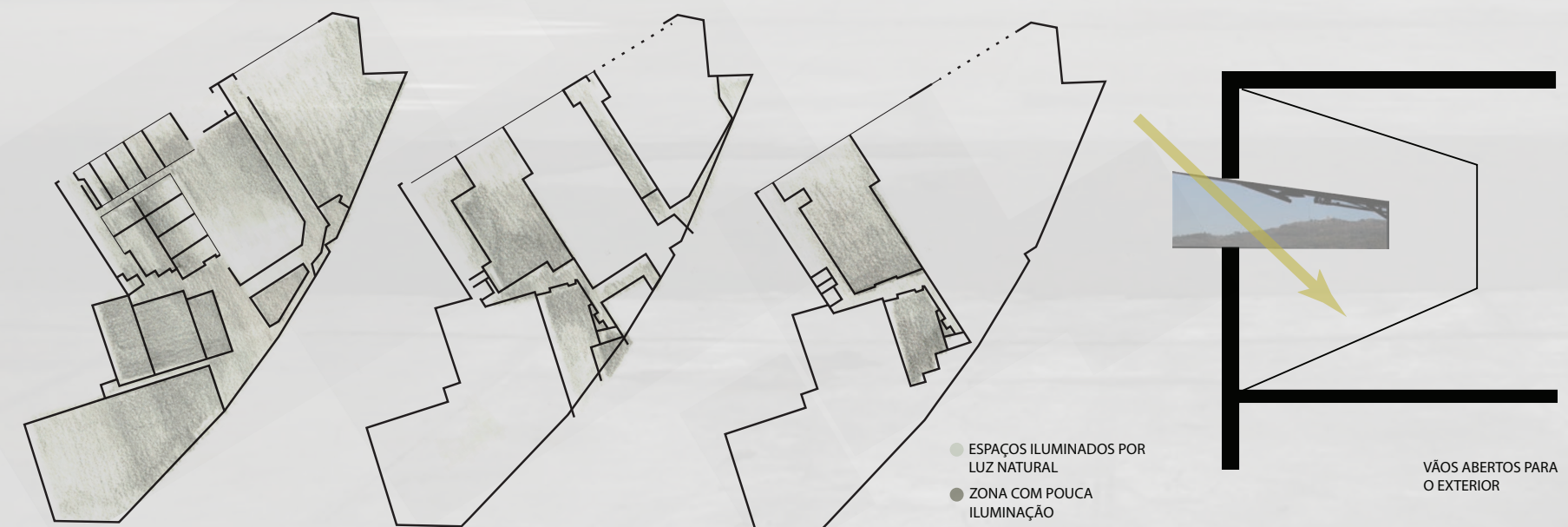
DISTRIBUIÇÃO E CIRCULAÇÃO



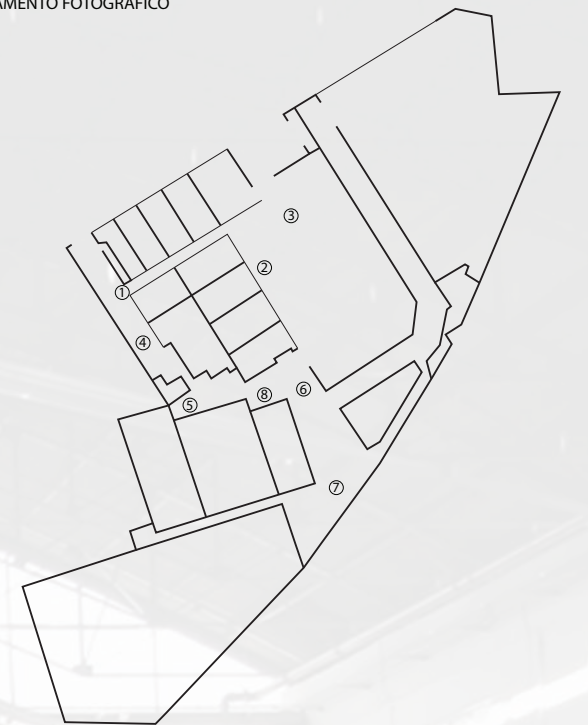
ORGANIZAÇÃO PROGRAMÁTICA



ILUMINAÇÃO DOS ESPAÇOS INTERIORES



LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



2.2 | Fábrica Santo Thyrso

Fundada em 1898, a Fábrica de fiação e Tecidos de Santo Tirso foi uma indústria muito emblemática no Vale do Ave, nomeadamente para a cidade de Santo Tirso, e9 que no seu pico de produção chegou a empregar três mil pessoas, tendo um papel importante como uma das principais empregadoras da cidade.

A fábrica, outrora dedicada à indústria têxtil, ocupava um quarteirão, onde no mesmo complexo havia uma diversidade de programas tais como: produção têxtil, habitação para os operários, serralharia, carpintaria, . Estes programas complementavam-se uns aos outros, tomando-se um complexo “sustentável”, Por exemplo, a oficina de mecânica ajudava a concertar as avarias que surgiam nas máquinas da linha de produção, a carpinteira na manutenção do estrutura do edifícios.

Após a sua falência, através de uma estratégia para criar um quarteirão cultural e criativo, formou-se a Fábrica Santo Thyrso, ativando e dando um novo uso à ruína que lá se encontrava. A Recuperação da fábrica começou por criar uma estratégia geral que transformou este complexo num quarteirão cultural, foram estabelecidas bases para o novo programa que iria ser implementado cujo o tema seria novamente o têxtil.

A organização do programa e a recuperação dos espaços, é feita através de um pequena intervenção. Aqui, são recuperados os espaços existentes, mantendo as características, tais como: os vãos, as clarabóias e a métrica da estrutura. Uma vez que os espaços são recuperados, introduzem-se novas grandes aberturas com uma métrica distinta das existentes e novos espaços modulares.

As únicas alterações introduzidas situam-se nos pátios exteriores entre os edifícios principais. Estas surgem através da demolição de uma secção da antiga estrutura. No entanto, são mantidos elementos que permitem perceber que no passado este edifício era todo um. Porém, esta fragmentação não quebrou a interligação que existia entre os diferentes programas, como indicou Margarida Carronda²⁸ “ o mundo têxtil baseia-se nos contactos que se fazem. São estes contactos que ajudam a exportar os produtos para o exterior.” Este comentário permite salientar a importância de relação entre os diferentes programas e empresas existentes.

28 Coordenadora da Incubadora da Fábrica Santo Thyrso

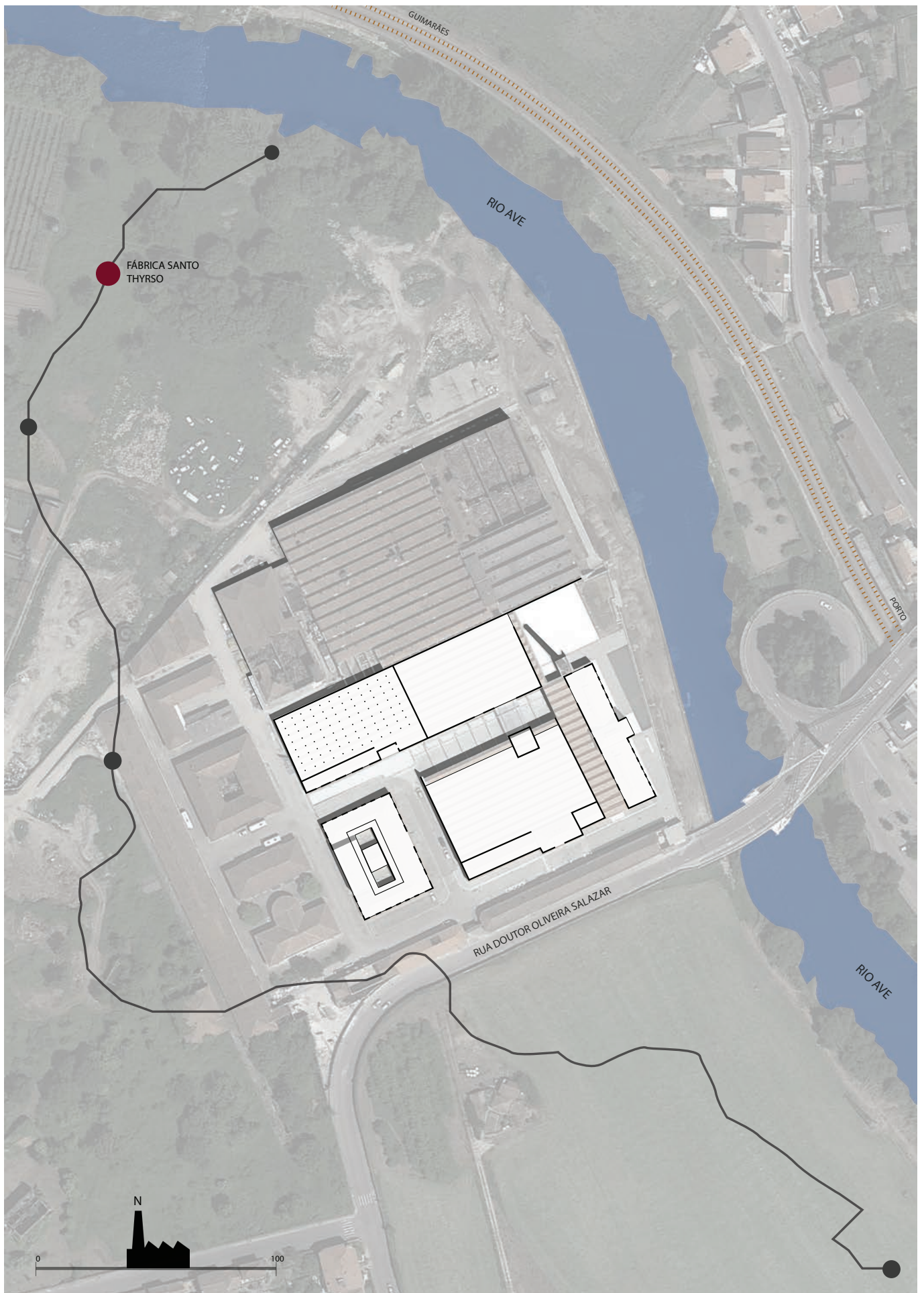


Figura 31 : Mapa de localização e esquema do interior da Fábrica Santo Thyrsó 165

Acessibilidade

A fábrica localiza-se na margem do rio Ave, próxima da estação de comboio de Santo Tirso, onde o acesso principal é efectuado através da fachada orientada a sul. Aqui, encontram-se dois pontos de acesso, que serviam como acesso principal à fábrica e o outro era a entrada de serviço para cargas e descargas. Hoje, a fábrica mantém estes dois acessos, com a mesma hierarquização, uma que serve de entrada principal ao incubador e outros espaços abertos ao público; e, a outra é uma entrada de serviços, para aceder ao estaleiros da câmara de Santo Tirso.

Iluminação

A luz foi um dos temas principais na intervenção efectuada, esta leitura é possível no modo como o arquiteto trabalhou o espaço e as estruturas pré-existentes.

A entrada de luz é trabalhada de três formas: através dos vãos pré-existentes; através da utilização das clarabóias nas coberturas orientadas a norte, permitindo a entrada de uma luz constante; e, por fim através a introdução de novas fachadas de vidro em pontos do edifício e em escalas diferentes. Uma das fachadas principais surgiu em consequência da demolição de parte da cobertura para criar blocos separados.

Todos os edifícios são iluminados por vãos, à exceção da zona da incubadora, em que toda a iluminação é feita através da cobertura, mesmo os módulos do espaço de trabalho, onde a iluminação é feita através do tecto translúcido.

Distribuição

O modo de percorrer este complexo é simples, não existe distinção entre os percursos públicos e serviços, uma vez que um visitante entre no complexo está livre de percorrer o espaço da forma que desejar.

Existe uma distribuição destinta nos três blocos: o bloco empresarial, o bloco de exposição e por fim o da incubadora. Nos dois principais blocos o movimento é fluido e só é definido com base na utilização do evento que está a decorrer no espaço. Isto, só é possível devido ao formato de open space. Já no bloco empresarial o movimento é feito em torno de um corredor que contorna o edifício distribuindo as pessoas pelos diversos espaços.

Organização programática

O programa do complexo pode ser catalogado em quatro tipos: incubadora, área de lazer, empresarial e escritórios. A distribuição deste programa foi desenhada de forma simplificada devido à variedade espacial dos edifícios, sendo que cada programa requer um escala de espaço diferente; então reaproveitando os espaços novos e existentes foi uma questão de relacionar o programa com a escala de cada bloco.

Especifica-se agora, cada caso em particular começando pela incubadora que está conectada ao espaço empresarial para criar uma ligação de apoio mais direta entre os dois. O espaço neste edifício é organizado através de dois módulos, colocado na malha rígida formada pelos pilares. Estes espaços modulares são zonas de trabalho para alugar e de apoio a estes módulos do lado direito encontram-se espaços delimitados por cortinas que são espaços de confecção. No lado oposto, após à entrada no edifício, deparamo-nos com uma parede que vem limitar um suposto espaço futuro que irá servir de exibição dos produtos produzidos pela start up.

Os espaços de escritórios são todos distribuídos pela fachada exterior de forma a obter mais iluminação natural. O novo acréscimo ao edifício vem criar a forma de 'M' permitindo a criação de dois pátios separados pelo espaço de conferências. Estes pátios permitem iluminar o corredor distribuidor.

O edifício de exibição é um espaço flexível, um open space. Os espaços encerrados encontram-se ao longo da fachada sul por onde se tem acesso. O ponto de entrada é feito por um hall que gere a distribuição para os espaços administrativos, de exibição e um pequeno museu que explica a memória da fábrica. Os edifícios não estão todos ocupados, existem ainda partes em estado de decadência. Mas a expansão da Santo Thyrso é feita de forma sustentada, onde criam-se novos espaços com usos específicos às necessidades.

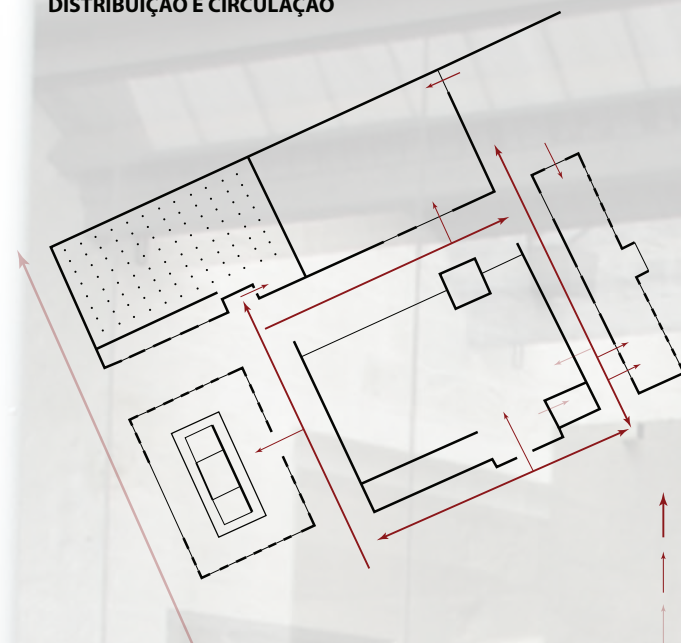
Visibilidade

Devido ao facto do projeto se desenvolver num complexo fechado, as relações visuais com a envolvente são mínimas. Estas relações são mais trabalhadas entre edifícios. O único momento em que se tem percepção da envolvente é numa praça branca que vai de encontro com a linha de comboio e o rio Ave. Mesmo não tendo muita relação visual com a envolvente a Fábrica marca grande presença pela sua escala e por estar num dos pontos de entrada a cidade de Santo Tirso.²⁹

²⁹ Consultar Figuras 32 e 33



DISTRIBUIÇÃO E CIRCULAÇÃO

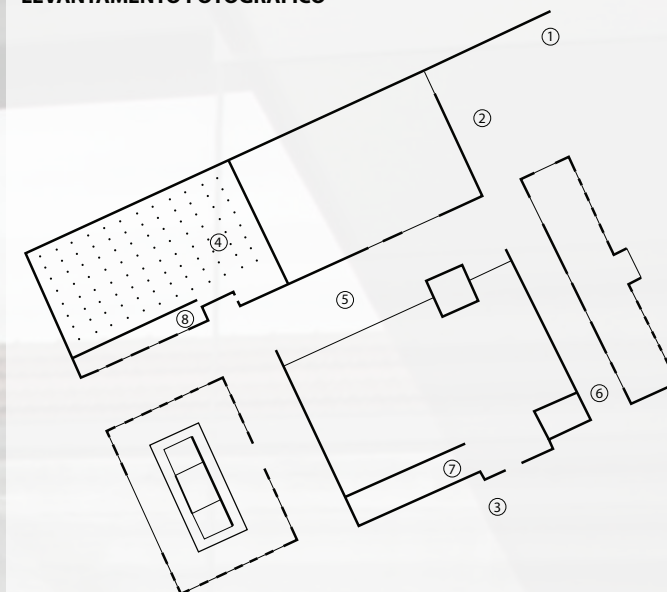


↑ DISTRIBUIÇÃO EXTERIOR PÚBLICO
↑ PONTO DE ACESSO AO INTERIOR
↑ PONTO DE ACESSO DE SERVIÇO



ENTRADA NOVA PARA ESPAÇO DA INCUBADORA

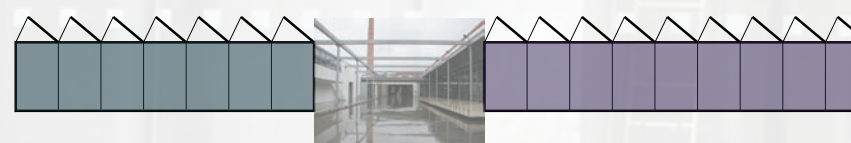
LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



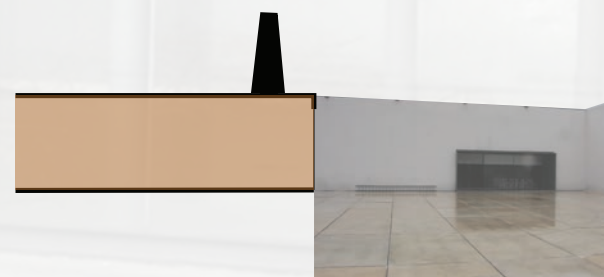
ORGANIZAÇÃO PROGRAMÁTICA



● ESPAÇO EXPOSITIVO
● ESPAÇOS PARA ALUGUER EMPRESARIAL
● ESPAÇOS ADMINISTRATIVOS
● ESPAÇO POLIVALENTE
● ZONA DE BAR DURANTE EVENTOS
● ESCRITÓRIOS PARA ALUGUER
● ESPAÇO DE INCUBADORA



ESPAÇOS DE DISTRIBUIÇÃO
RELAÇÃO ENTRE PROGRAMA



ESPAÇO DE PRAÇA
RELAÇÃO ENTRE PROGRAMA

ILLUMINAÇÃO DOS ESPAÇOS INTERIORES



● ESPAÇOS ILUMINADOS POR LUZ NATURAL
● ZONA COM POUCA ILUMINAÇÃO



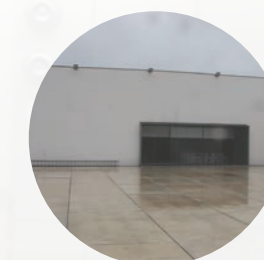
TIPO 1
JANELAS DA ESTRUTURA EXISTENTE



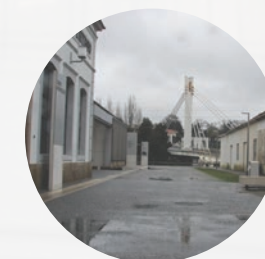
TIPO 2
CLARABOIAS VIRADAS A NORTE DA ESTRUTURA EXISTENTE



1



2



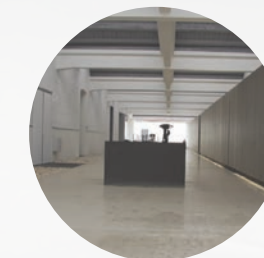
3



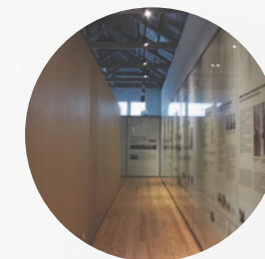
4



5



6



7



8

2.3 | Fábrica Lionesa

A Fábrica Lionesa foi fundada em 1944, permanecendo em atividade até o ano 2000 onde viria a ser declarada insolvência. Esta foi uma das fábricas pioneiras na indústria têxtil, especializada na produção de seda, tanto a nível nacional como internacional. Isto tomou-a num exemplo industrial importante, tendo sido considerada uma das 100 melhores fábricas portuguesas, com mais exportação a nível internacional.

Situada em Leça do Balio, próximo do Mosteiro e rodeada pelas parcelas agrícolas que outrora foi dominada pela Mosteiro, esta fábrica foi a primeira indústria nesta paisagem maioritariamente agrícola, mais tarde abrindo a porta a outras indústrias, prevalecendo sobre o cultivo que pertencia ao Mosteiro.

Após a sua insolvência este edifício entrou num processo de abandono, sendo recuperado com um novo programa mas mantendo o conjunto fabril original . A estratégia define-se através de uma intervenção simples que tenta recuperar o máximo da estrutura que existia, reconstruindo apenas o que se encontrava em pior estado. No entanto, os espaços antes eram contínuos e amplos, e agora estão subdivididos em espaços pequenos e modulares para acolher o novo programa diversificado.

Apesar da intervenção, o objectivo passou por evitar transformar a imagem do que foi a fábrica no passado, tendo sido introduzidas novas aberturas, com uma métrica nova, de forma a existir uma distinção da estrutura pré-existente. Isto permitiu introduzir mais luz em espaços fechados, tal como no corredor central que se pode verificar na análise descritiva dos espaços atuais. Como se pode verificar através da própria administração do complexo “O seu espaço adquire maior abertura, torna-se mais convidativo e vanguardista e dá origem a uma arrojada rede de empresas que impactam fortemente o conceito de que <a rede é a nova alma do negocio>”³⁰

³⁰ Citação retirada de: <https://www.facebook.com/Lionesa.Desde1944>



Figura 34 : Mapa de localização e esquema do interior da fábrica Lionesa

Acessibilidade:

O acesso a esta fábrica é o mais direto em comparação com os outros casos de estudo. Os principais pontos de acesso estão no lado oeste do prédio da Rua Lionesa, existindo três pontos principais de acesso a partir da rua, dois são direcionados para o uso dos automóveis, e terceiro a pedestres. A fábrica é encontrada num local industrial em Leça do Bailo, no Porto.

Iluminação:

Um dos pontos mais fortes desta fábrica são, as proporções dos espaços e a qualidade da iluminação. Existe uma grande quantidade de luz natural vinda de vários pontos de entrada. O edifício transmite a sensação de transparência devido às suas grandes aberturas de vãos; e o desenho da cobertura que reúne uma forte quantidade de luz constante do Norte.

Nesta fábrica a iluminação não foi considerada como uma restrição para a intervenção, permitindo flexibilidade na distribuição dos espaços. Todos os espaços são bem iluminados e o uso de cores fortes, em contraste com o branco ajuda a refletir luz, criando um ambiente acolhedor e convidativo. A principal alteração à estrutura inicial, e que permitiu ir buscar mais luz, foi a criação do corredor central que liga os dois edifícios principais. Este corredor, coberto com material translúcido, cria um espaço coletivo e de transição do exterior para o interior.

Distribuição funcional

A distribuição dentro deste complexo é simples e funcional. Existem três canais principais que distribuem as pessoas a todos os espaços. Não existe uma separação entre o acesso de serviços ou do público, para além um dos acessos de automóvel que é controlada. Os canais de distribuição acompanham a orientação longitudinal do edifício, de modo pontual existem momentos transversais onde uma pessoa pode passar de um “canal” para outro.

Não existe um percurso formalizado sobre como aceder à fábrica. Os acessos principais pré-existentes foram mantidos tal como a memória do lugar.

Organização programa

A organização do programa nesta fábrica não enfrentou restrições na sua distribuição, o seu desenho simples, e proporções modulares do interior libertou a forma em que ele pôde ser organizado. O programa da Lionesa pode ser catalogado em quatro categorias: comercial, incubadora, empresarial e lazer.

Estes quatro grupos são divididos em proporções iguais pelos edifícios, oferecendo uma diversidade espacial. Com a dispersão destas categorias de programa, foi possível criar um lugar dinâmico.

A variedade programática torna o espaço mais rentável e aberto a possíveis adaptações. Esta versatilidade deve-se a diferentes ocupações temporais, por serem programas fixos como a cantina ou temporários como a incubadora. Este espaço introduziu um centro de negócios, pois pode ser coletivo para ir almoçar, ou fazer uma passeio e ver os produtos disponíveis.

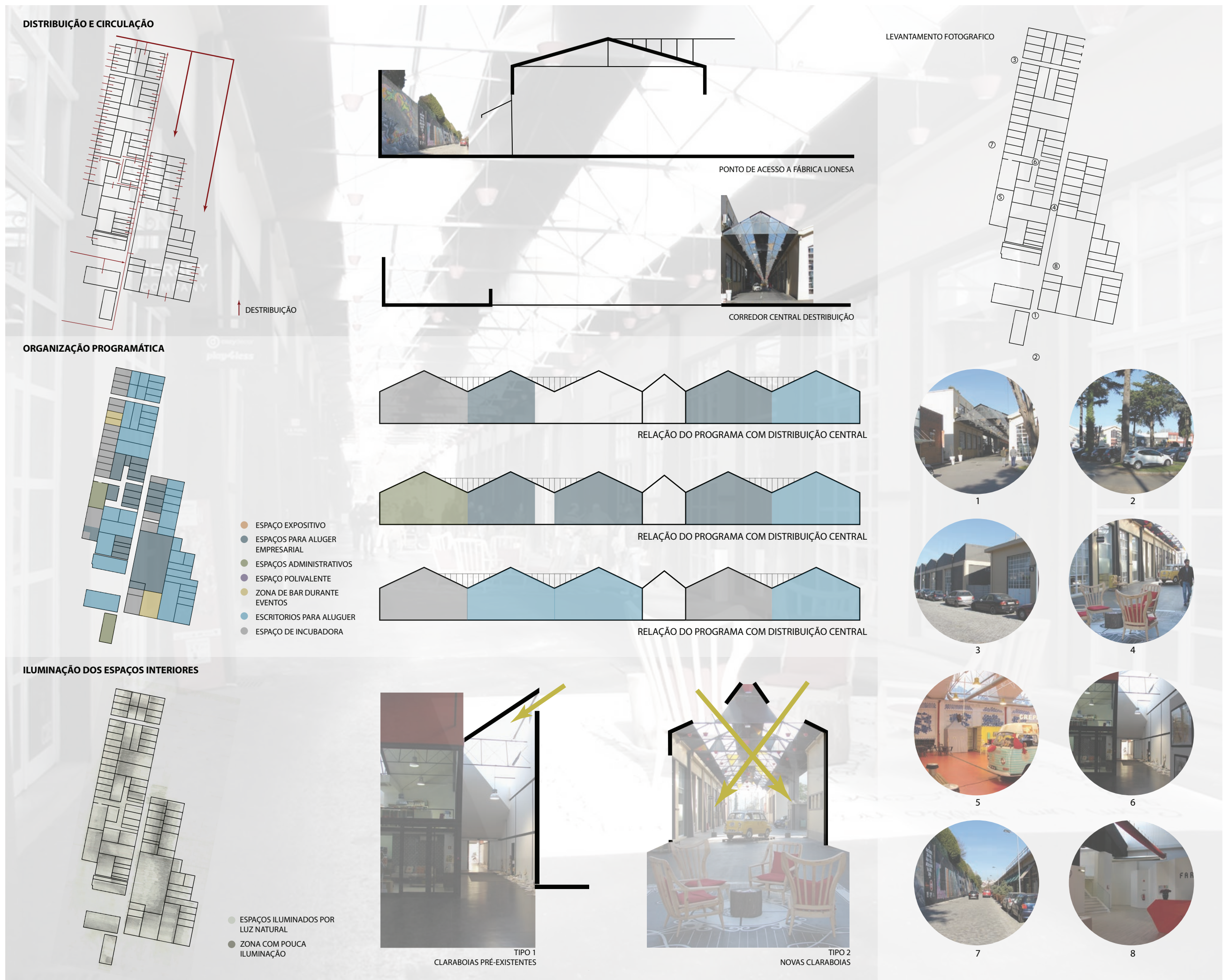
Visibilidade

A fábrica não é visível a partir de uma grande distância por se encontrar numa cota baixa junto às parcelas planas agrícolas. No lado poente, tem uma outra infraestrutura industrial de cerveja a uma cota mais elevada, que cria uma barreira visual das estradas principais.

Para compensar o facto de se encontrar muito escondida, tentando assim ganhar algum protagonismo, a Lionesa criou um mural que marcou este lugar na cidade do Porto. Este mural é considerado o maior mural de arte urbana, atraindo vários visitantes, e como a Lionesa é muito próxima do Mural, e acaba por criar uma relação de proximidade visual através dos grandes vãos, relacionando o interior e o exterior. ³¹

31 Consultar Figuras 34 e 35





Oliva Creative Factory

Fundada em 1925, a atual Oliva Creative Factory era conhecida por Oliveira, filhos e Cº Lda. Fundada por António José de Oliveira, esta dedicava-se a produção de equipamentos e peças mecânicas. Em 1948, a fábrica via a sua produção a crescer, quando, arriscou entrar num novo mercado de máquinas de costura. Este investimento que impulsionou a sua expansão só se concretizou devido ao acordo assinado com o governo da época, onde era concedida autorização para a sua expansão. Isto é, nos 5 anos seguintes dedicavam-se a fornecer somente a nível nacional de forma a conseguir abastecer a indústria têxtil.

Posteriormente, a Oliva viu o seu sucesso a aumentar e abriu portas a nível internacional, quando começou a exportar. Com isto começou a investir também em formas de publicidade para dar mais visibilidade à marca através de concursos nacionais, tais como, o concurso “Miss Oliva” em homenagem aos modelos das máquinas de costura que tinham sido patenteadas com esse nome.

O fundador António José Pinto de Oliveira não via o seu Império, em que se tinha transformado a fábrica Oliva, como uma fonte de rendimento. Ele era defensor que o desenvolvimento social era o maior factor para o seu sucesso. O objectivo pessoal era manter todos os seus empregados motivados até mesmo depois da sua morte mantiveram este objectivo, através do seu sucessor. Ele veio criar o Centro de Reeducação e Recreio Oliva, que era direccionado a jovens que queriam aprender uma das artes da Fábrica Oliva, permitindo assim uma possibilidade de formar mão de obra necessária. Os trabalhadores ganhavam benefícios pelo seu esforço e trabalho árduo.³²

Durante anos esta fábrica permaneceu em ruína até serem implementados novos programas culturais. Devido a grande área, como se verifica na figura 36 foram seleccionados dois pontos para recuperar. Um deles foi o edifício principal onde se encontra a torre Oliva (B), que constituía um marco para localizar a fábrica, e o outro foi o ponto da fábrica que se encontrava em melhor condições para reutilizar (A). No entanto a estratégia foi a mesma em ambos os locais, manter o pré-existente e dar uma nova “cara” reabilitando o seu interior com a mesma linguagem que tinha no passado. Mas, foram desenhados espaços mais pequenos através de vãos envidraçados, permitindo uma maior transparência, que, permite perceber como era o espaço no passado e diferenciar o novo do existente.

³² Informação lomecida pela Entidade São João da Madeira Património Industrial, e através do site <http://turismoindustrialsaojoaodamadeira.blogspot.pt/p/blog-page.html>



Figura 36 : Mapa de localização e esquema do interior da Oliva Creative Factory 177

Acessibilidade

A Fábrica Oliva está dividida em dois blocos diferentes. Esta divisão é feita pela estrada da Fundição que permite um acesso mais fácil, e reduz a escala do quarteirão. Ambos os lados foram abandonadas e apenas duas seções foram recuperadas: a torre e o bloco de fresagem no lado direito da estrada. O acesso a esta fábrica é fácil, pois a sua localização centralizada faz frente com uma das principais vias de acesso de São João da Madeira. A torre e a Oliva Creative Factory são ambas acedidas a partir das suas fachadas a sul.

Iluminação

A iluminação é feita através de vãos e clarabóias pré-existentes. Na torre, o trabalho de luz é feito principalmente com a luz natural que entra através dos vãos, especialmente nos espaços públicos. Os espaços resultantes, que são restritos ao público são mais escuros, adaptando-se melhor ao programa localizado neste espaço.

A Oliva Creative Factory no bloco mais pequeno é bastante iluminado com luz natural dada a existência de um grande número de vãos. A maioria dos vãos são pré-existentes, no edifício ocupado pela incubadora foram criados novos vãos na fachada permitindo mais transparência. Esta transparência repete-se novamente no interior, porque a maior parte dos espaços são divididos por painéis de vidro.

Em áreas como o salão de eventos a iluminação é mais controlada e os vãos não são a principal fonte de luz, as clarabóias iluminam o espaço com uma luz indireta. O espaço de exposições é o único lugar onde não há luz natural só artificial para conseguir maior controlo de acordo com as exposições.

Distribuição funcional (edifício A)

Como se pode constatar através da análise da acessibilidade, a distribuição e forma de percorrer os edifícios é muito simples, funcional e bem limitado. A distribuição é feita no sentido longitudinal, acompanhando a forma e orientação dos edifícios; na área da incubadora os percursos são marcados por duas paredes principais, que fazem a divisão do acesso público e o de serviços. O acesso do público é feito a partir da fachada nascente.

Nos dois espaços coletivos não existe um percurso predefinido, sendo eles espaços abertos e polivalentes. Quando se trata da zona das incubadoras há apenas um ponto de acesso principal tanto para o utilizador como para o público.

No entanto, no edifício à direita, este é dedicado a exposições e os pisos superiores são apartamentos para os artistas. Este espaço é dividido por um muro transversal, desenhando o limite do espaço de exposições das áreas de serviço. O espaço

de exposições, como no edifício ao lado, é um espaço polivalente de forma a poder expor vários tipos de exposição.

Organização programa (Edifício A)

Os programas da Torre Olive e a Oliva Creative Factory são distintos, porém foram implementados na mesma infraestrutura. A torre transformou-se na sede principal do turismo Industrial do Norte. Esta foi uma opção adequada, devido ao facto de São João da Madeira ser considerado um grande centro industrial.

O Foco está na Oliva Creative Factory, onde o programa é organizado em seis categorias: lazer, áreas de serviço, áreas de oficina, área de incubação, recepção e espaços expositivos.

A divisão do programa é realizada de forma diferente entre os dois edifícios, o que permite a criação de dinâmicas diferentes, com a multiplicidade de usos temporais. O edifício à direita alberga a incubadora, que atrai mais movimento por ser uma zona de trabalho, com acesso a um espaço aberto de grandes dimensões, onde podem trabalhar todos juntos trocar ideias. No norte do edifício, temos um area polivalente aberto a vários eventos desde concertos a pequenas feiras de artesanato, contudo, também encontramos espaços de oficina, permitindo área de workshops expandir-se para este espaço e usá-lo também para expor o trabalho produzido. No sul do edifício junto à entrada, há uma pequena cafetaria aberta para os utilizadores deste espaço.

Visibilidade

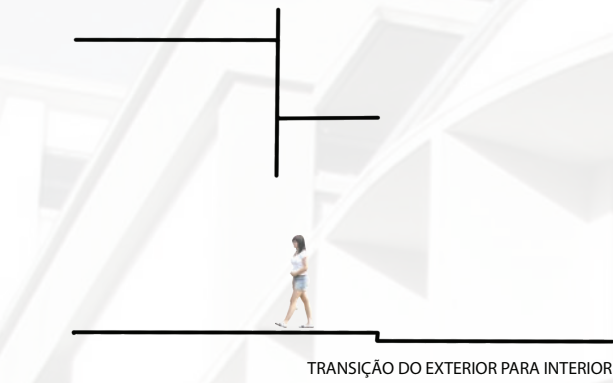
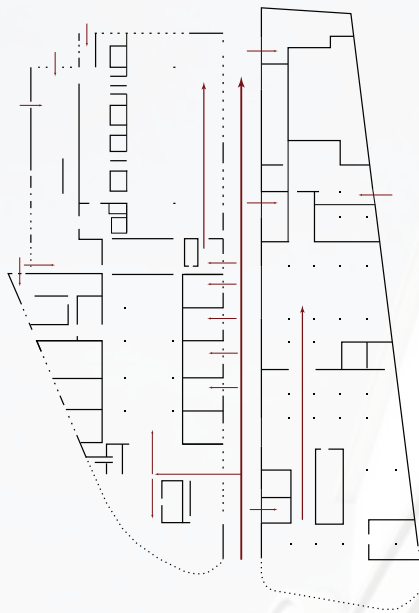
Esta fábrica está bem localizada, mas devido às seu abandono na última década, tornou-se pouco perceptível para quem lá passa. A estrada Fundição esteve praticamente inutilizada até à ativação da fábrica.

A Torre Oliva sendo um ponto marcante desta infraestrutura, tornou a fábrica visível a partir de vários pontos. Conseguiu assim atrair pessoas para o lugar, sendo complementada pelo desenho da rua Fundição, que orienta as pessoas em direção a Oliva Creative Factory. A decisão estratégica de ativar dois pontos diferentes desta infraestrutura poderá vir a abrir caminho para ativação das restantes estruturas.³³

33 Consultar Figuras 38 e 39



DISTRIBUIÇÃO E CIRCULAÇÃO

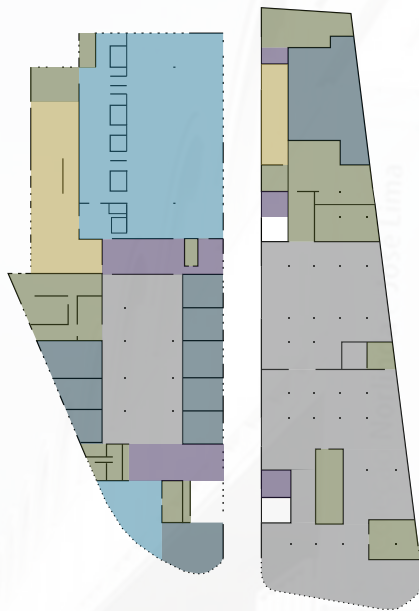


DISTRIBUIÇÃO

TRANSIÇÃO DO EXTERIOR PARA INTERIOR

DESTRIBUIÇÃO CENTRAL EXTERIOR

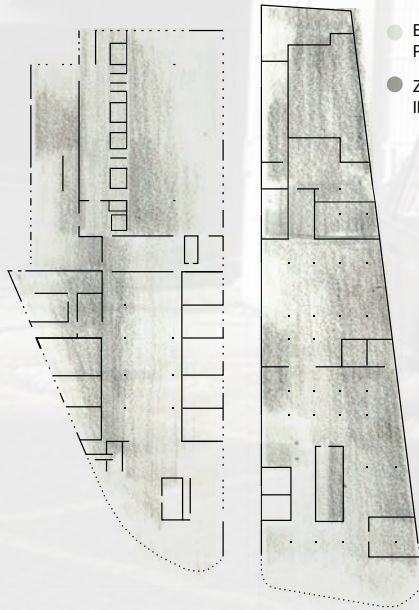
ORGANIZAÇÃO PROGRAMÁTICA



RELAÇÃO PROGRAMÁTICA

- ESPAÇO EXPOSITIVO
- ESPAÇOS PARA ALUGER EMPRESARIAL
- ESPAÇOS ADMINISTRATIVOS
- ESPAÇO POLIVALENTE
- ZONA DE BAR DURANTE EVENTOS
- ESCRITÓRIOS PARA ALUGUER
- ESPAÇO DE INCUBADORA

ILUMINAÇÃO DOS ESPAÇOS INTERIORES



- ESPAÇOS ILUMINADOS POR LUZ NATURAL
- ZONA COM POUCA ILUMINAÇÃO

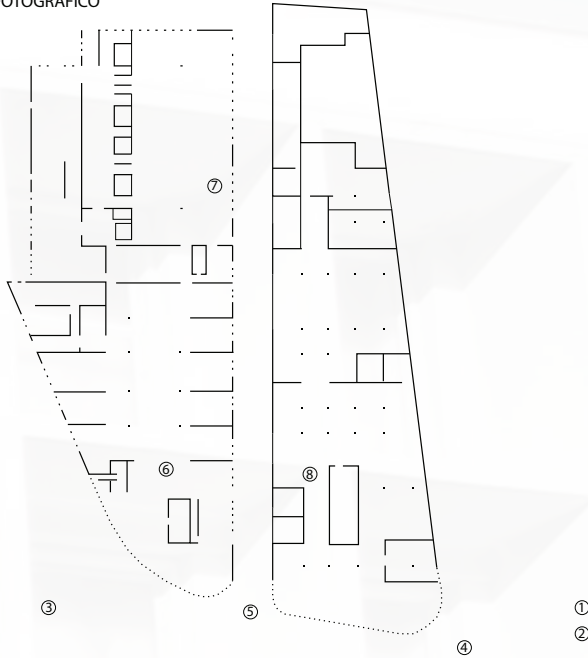


TIPO 1
CLARABÓIAS EXISTENTES



TIPO 2
JANELAS EXISTENTES

LEVANTAMENTO FOTOGRAFICO



1



2



3



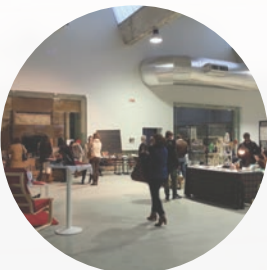
4



5



6



7



8

2.5 | Burel Factory

A Burel Factory é uma pequena indústria que opera num espaço da antiga Lanifícios Império, localizada na localidade de Manteigas. O seu nome, Burel, vem de um tipo de tecido tradicional da região da Covilhã, mais propriamente a Serra da Estrela. Este tipo de tecido era utilizado para a produção de casacos e mantas devido às suas qualidades térmicas.

Nas duas últimas décadas, devido à falta de inovação no fabrico de padrões e falta de investimento para manter esta “cultura” viva, ocorreram alguns encerramentos de várias indústrias ao longo do Rio Zêzere, incluindo a Lanifícios Império. Foi aqui, que Isabel Costa e o seu marido, os atuais donos da Burel Factory, viram a oportunidade de expandir a sua pequena atividade da Burel Factory. Com a falência da Lanifícios Império o casal viu valor no produto e acreditaram num novo potencial para ativar a produtividade do Burel novamente. A falência desta Empresa iria ter grandes impactos no lugar e na paisagem, tendo sido este factor que levou Isabel Costa a aproveitar para negociar o espaço atual da fábrica, ficando com máquinas com centenas de anos, e os 10 empregados que iriam ficar sem emprego.

Levou vários anos até à Burel Factory conseguir atingir o nível de produção em que se encontra atualmente. Inicialmente, era formada por um pequeno grupo de pessoas agora é procurada por inúmeras que querem trabalhar lá. Para além de (re)ativar a produtividade do Burel e uma produção industrial, conseguiram criar uma ligação internacional, abrangendo um mercado global.³⁴

O facto de Isabel Costa e o seu marido já possuírem um hotel no topo da serra, em Penhas Douradas, facilitou a estratégia de criar uma ligação entre a fábrica e o hotel. Uma ligação que iria permitir conectar a produção e o turismo. A fábrica e o hotel foram intervencionados pelos mesmos arquitetos, para manter a mesma linguagem em ambos os espaços. Embora ambos os casos sejam transformações de ruínas, a fábrica não se encontrava em estado de degradação. A intervenção aproveitou todo os elementos pré-existentes, introduzindo novos módulos que geram espaços novos.

³⁴ LABASTIDA, Marta; BAIA, Pedro; CERA, Nuno; artigo publicado no J-A 249, Jan-Abr 2014, p. 260-271.

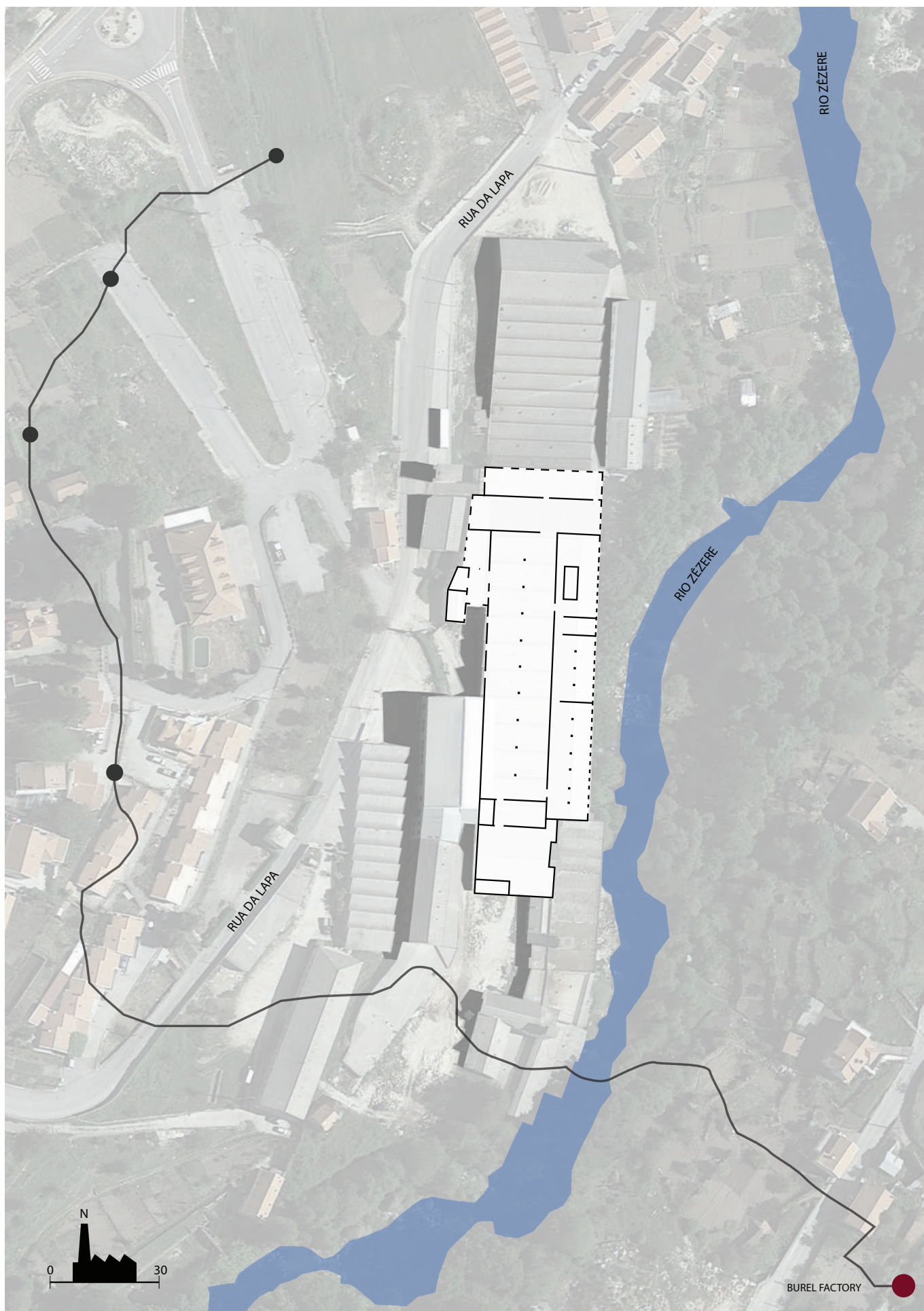


Figura 40 : Mapa de localização e esquema do interior da Burel Factory 183

Acessibilidade

O acesso à Burel Factory não é simples devido à sua localização na Serra da Estrela. Manteigas fica inserida num vale, e as instalações da fábrica podem ser encontradas junto à margem do rio Zêzere. O acesso por vias de automóvel não tem grandes alternativas, mas encontra-se em boas condições. As estradas acompanham a topografia do terreno, estando a fábrica orientada de forma a acompanhar o curso do rio Zêzere, o que limita o acesso a partir do lado poente das infraestruturas.

Iluminação

A iluminação na fábrica Burel é feita através de dois sistemas, duas aberturas para o exterior permitindo a entrada de luz natural e iluminação artificial.

A área da produção é o lado mais escuro, porque a pouca luz natural que ilumina o espaço é uma luz indireta, mas constante, que entra pelas clarabóias orientadas a norte. Para complementar esta “falta de luz”, nos pontos necessários, esta é reforçada com iluminação artificial.

Na outra metade da estrutura, encontramos grandes vãos na fachada nascente de frente para o rio, a dimensão destes vãos e o espaçamento entre eles, permitem entrar uma quantidade regular de luz tornando o espaço acolhedor e mais adequado para a fase de acabamentos.

Distribuição funcional

A entrada para a fábrica é feita a partir do lado poente, por um pequeno edifício que faz a transição de cotas. Mas a entrada principal faz-se pela cota mais baixa, uma vez lá dentro, tem-se a sensação de estar numa pequena casa típica de pedra, com o piso em ripas de madeira. A estrutura pré-existente à vista, forma um pequeno espaço de recepção. A partir daqui entra-se num espaço transitório, que faz a transição de pequena escala de habitação para a estrutura industrial.

Esta estrutura é adaptada num eixo longitudinal onde o primeiro ponto de interação é com o fim da linha de produção. A produção é feita num espaço amplo que é dividido por um eixo central. Ao percorrer este eixo vê-se a desconstrução do processo têxtil. Na outra metade desta estrutura encontramos o lado mais iluminado, aqui se encontra os processo de acabamento e confecção. O percurso aqui é feito no mesmo eixo longitudinal marcado por grandes portas metálicas pré-existent.

Conforme se vai percorrendo e passando nestas portas encontramos compartimentos com diferentes programas, por fim acede-se a um espaço pequeno polivalente que está a ser transformado em museu para expor máquinas antigas onde se conta a história do Burel.

Organização programática

A distribuição do programa está fortemente ligada à iluminação. A linha de produção é encontrada no lado mais escuro da fábrica, sendo este o lado mais frio. Este ambiente frio não é apenas por causa das atividades mecânicas, mas também devido à pouca iluminação natural.

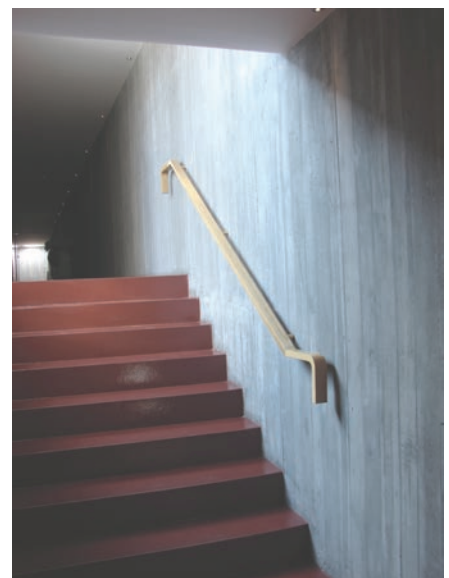
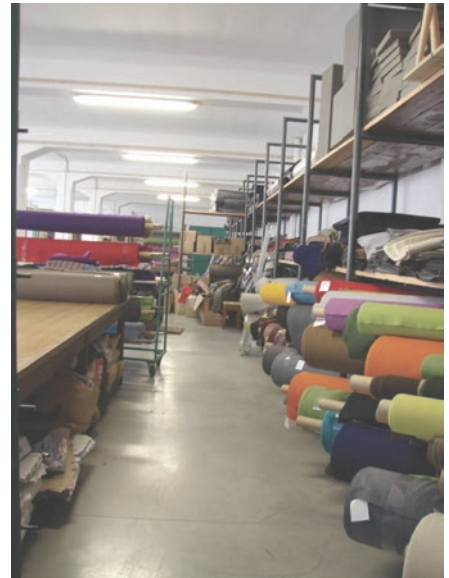
Na outra metade, encontramos o espaço dedicado aos acabamentos, tais como a qualidade do produto, à sua concepção e design. Nas zonas mais pequenas depara-se com o novo conceito de programa que liga ao Hotel Penhas Douradas a Manteigas. A cantina, para além de servir quem lá trabalha serve de restaurante para os hóspedes do hotel que queiram visitar Manteigas. Existem outros espaços onde se localiza uma pequena sala de reuniões de apoio à fábrica e a quem queira alugar o espaço. E numa sala maior existe um espaço expositivo onde uma grande variedade de produtos feito com burel estão expostos para venda. Este programa foi todo implementado em espaços existentes, as únicas construções novas foram dois cubos de serviços, que servem para estruturar alguns compartimentos como a sala de reuniões.

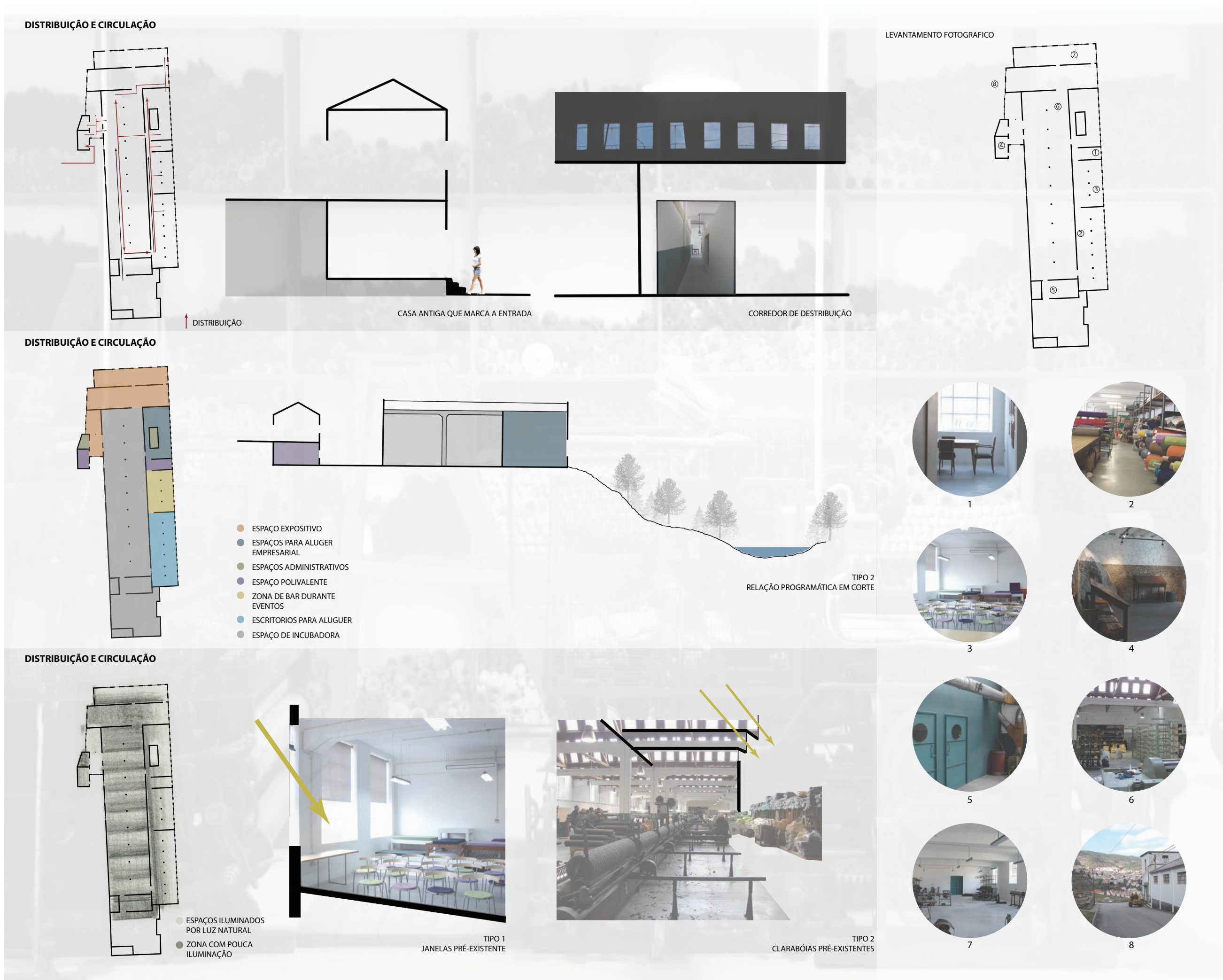
Visibilidade

A infraestrutura da fábrica encontra-se numa cota baixa e, devido aos materiais de construção serem de cores neutras, integram-se na paisagem envolvente. Porém, esta pode ser vista de uma cota mais alta.

O edifício serve de barreira, impossibilitando o contacto visual com o Rio. Visto de uma cota alta, ou da cota do edifício não é perceptível a forma que a estrutura resolve a grande diferença de cota. Uma vez no interior, quando estamos nos grandes vãos conseguimos ter um contacto direto com o rio.³⁵

³⁵ Consultar Figuras 41 e 42





Como se pode observar na análise dos cinco casos de estudo, cada um foi abordado com estratégias distintas. No entanto, o ponto de partida comum a todos foi o abandono. Este processo ocorreu devido às acções de insolvência das antigas indústrias, onde as condicionantes da paisagem em que estavam inseridas, influenciavam o seu isolamento, prolongando o processo de abandono. Como foi referido no caso do Rio Vizela, onde o seu isolamento complementou para o seu estado de ruína.

Existe, um facto comum e relevante entre todas estas fábricas; elas tinham um papel social importante no lugar em que se encontravam implantadas. Papel que foi transposto para a atualidade através da nova estratégia e que consequentemente se refletiu no novo programa imposto. Estes, geram novas atividades nas fábricas, com a criação de várias dinâmicas temporais, ou seja, existem dinâmicas fixas onde a apropriação dos espaços é diária e noutras situações temporária, que varia consoante a atividade.

O estado de abandono de cada caso não constituiu razão suficiente para demolir as pré-existências e reconstruir estruturas novas. Em todos os casos, houve o cuidado e a delicadeza/sensibilidade de manter viva a essência e a memória do passado através da manutenção das suas pré-existências. Existem pequenas alterações aplicadas para acolher o novo programa, que permitiu potencializar alguns espaços. Isto foi conseguido através da introdução de novos elementos, gerando assim uma melhoria na qualidade espacial.

Pode-se considerar que em todos estes os casos, preservou-se o património pré-existente através da restauração da estrutura. Foi sempre tida em conta a reconstrução da memória do que lá existiu através de pequenos pormenores de intervenção e a recuperação da sua importância no papel perante a envolvente. Em todos os casos pode-se verificar que as estratégias procuraram, introduzir uma variação de programa seja ele cultural ou empresarial. Houve sempre a tentativa de inserir programas de escalas diferentes de forma a que sustentasse a apropriação destes grandes espaços. No entanto a diferença entre estas cinco intervenções foi mais uma questão estética na escolha de materialidade e acabamentos, para criar uma imagem adequada ao novo programa, demonstrando que grandes estruturas podem ser transformadas com pequenas intervenções sem perder a sua essência e característica industrial.

“A potencialidade das novas espacialidades e materialidades das ruínas e seus fragmentos requerem a compreensão profunda das condições presentes. Se um fragmento isolado é casuístico, e uma metodologia isolada pode ser apenas especulação, reunir e dialogar com um conjunto largo de experiências recentes, que estão em curso, traz-nos, novas possibilidades para pensar “o que fazer” com a ruína.”

Inês Moreira: *Crítica; Após a fábrica*

3 | Ativar a Memória da Fábrica de Fiação e Têxtil do Rio Vizela

A importância em intervir na antiga Fábrica Rio Vizela, não reside apenas no facto desta se encontrar abandonada, mas também no impacto social e económico que pode ter nos lugares de São Tomé de Negrelos e Vila das Aves.

Durante o estudo da evolução da Fábrica e da sua relação recíproca com a envolvente, tornou-se evidente que o papel que a estrutura outrora desempenhou ao nível social, é uma importante característica que deveria ser recuperada: a Fábrica e a comunidade cresceram em simbiose, e as marcas desta relação, apesar de estarem em vias de desaparecimento e esquecimento, são ainda hoje visíveis na paisagem. Desta forma, a estratégia de projecto pretende focar-se na *permanência da memória do lugar* enquanto impulsionador de *dinâmicas entre a Fábrica e as comunidades próximas*: memória enquanto catalisador projectual.

As intervenções propostas pretendem ser ideias para uma estratégias de intervenção, intenções que visam despertar para a consciência crítica projectual através de uma análise cuidada do local e das marcas que o caracterizam, fazendo alusão a uma componente humana muitas vezes esquecida em intervenções de arquitectura. Assim, irão ser utilizados elementos presentes na estrutura abandonada ligados às acções de produção e a características sociais que outrora ajudaram a definir a Fábrica, sustentando a capacidade de recuperar da ruína de um modo fundamentado e indo de encontro a uma sensibilidade arquitectónica que se insere no local.

Esta estratégia de intervenção foi metaforicamente dividida tendo em conta três fases que caracterizaram as antigas produções algodojeiras: *Urdir, tecer e tingir*, sendo que cada uma delas representa, respetivamente, uma fase distinta daquela que é a estratégia global: *Reconstruir, Recuperar e Reabilitar*.

3.1 | Reconstruir a relação entre a Fábrica Rio Vizela e o lugar

A primeira fase da intervenção, Reconstruir, inicia-se com o intuito de restabelecer uma ligação perdida entre a envolvente e a Fábrica. Esta ligação é conseguida através da criação de infraestruturas de mobilidade que facilitam a aproximação à Fábrica, melhorando os seus acessos e ligar a Fábrica a malha urbana envolvente.

Estas infraestruturas são introduzidas seguindo, uma das fases pertencentes às produções têxteis: a urdisagem, que é o processo de preparação dos fios de forma a que na fase seguinte se proceda à sua tecelagem (criando-se, assim, uma malha). Para que a fase de tecelagem se realize, é necessário que durante a urdisagem os fios sejam dispostos em duas direções, longitudinal e transversal, para que assim no processo seguinte, haja a criação de uma malha. De forma análoga, a direção da EN105, do Rio Vizela e da Linha CP, serve como guia a novos percursos pedonais e rodoviários introduzidos na proposta, seguindo assim a direção destes 'fios' da envolvente.

A direção longitudinal é definida pela via Silva Araújo. Tal como se observa no figura 44, esta conforma uma barreira entre a envolvente e a Fábrica uma vez que a contorna. De forma a criar-se uma relação com a estrutura, é proposto um desvio que vem permitir uma ligação directa entre a via e os espaços da Fábrica (Figura 44), relacionando de forma directa o interior e a envolvente da estrutura através do alinhamento em relação ao túnel que se encontra sob a linha férrea. Esta nova ligação é possível através da demolição de uma casa abandonada e é também proposta a criação de passeios de forma a melhorar as condições e qualidade das vias destinadas aos peões.

A via Silva Araújo é responsável por ligar todos os 'fios' transversais correspondentes aos percursos pedonais da Fábrica Rio Vizela. Nos momentos em que estas vias longitudinais e transversais se intersectam, geram-se pequenas praças que podem ser vistas como rótulas, uma vez que permitem a distribuição de fluxos pela rede estabelecida Figura 43

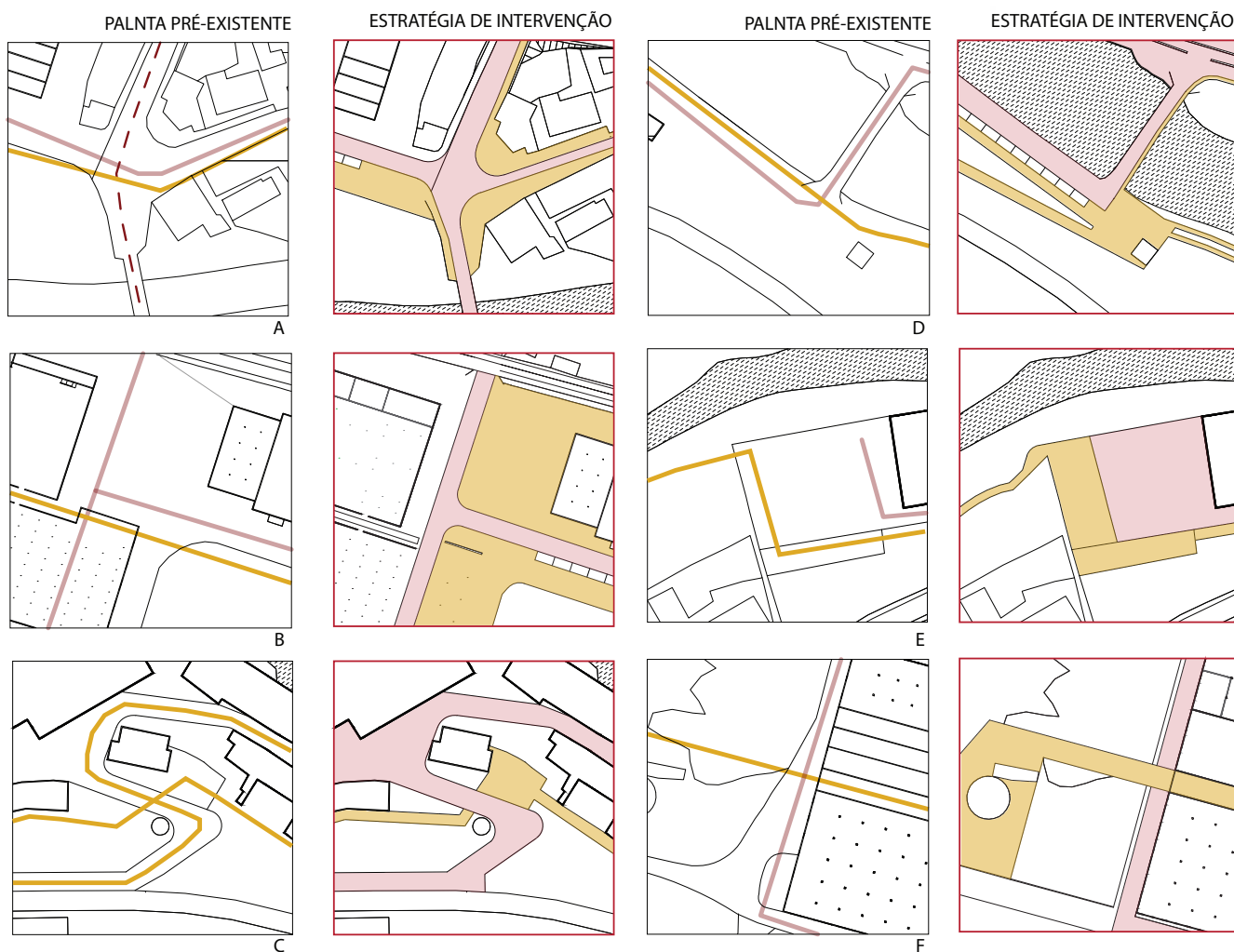
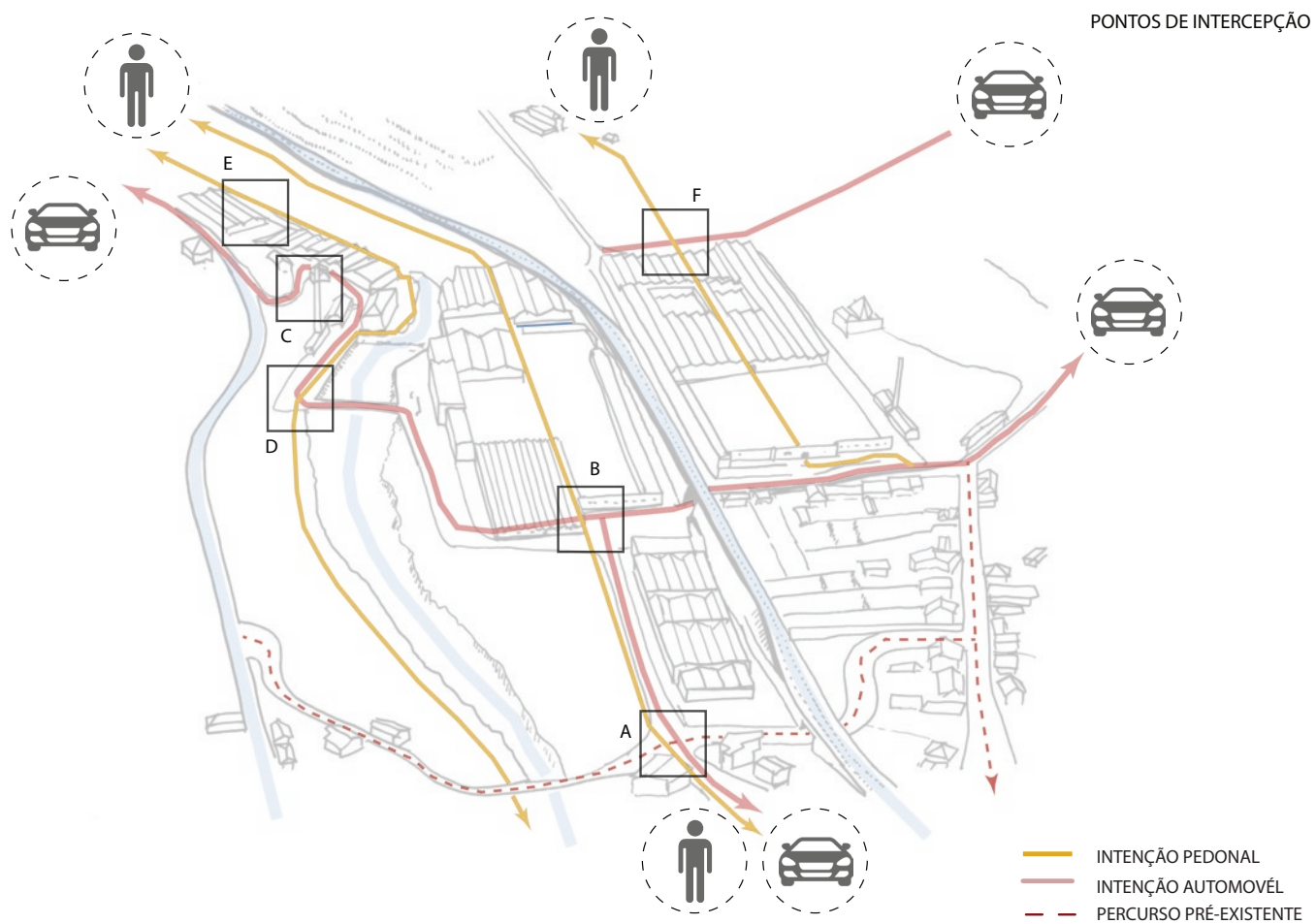
De forma a compreender as características da via, foram realizados cortes esquemáticos assinalado a amarelo o pré-existente (Figura 45). Analisando estes cortes, foi possível concluir que existia uma falta de hierarquização da via, tendo sido propostas estratégias, assinaladas a azul, correspondentes à via de circulação automóvel, e a vermelho, correspondentes à via de circulação pedestre.

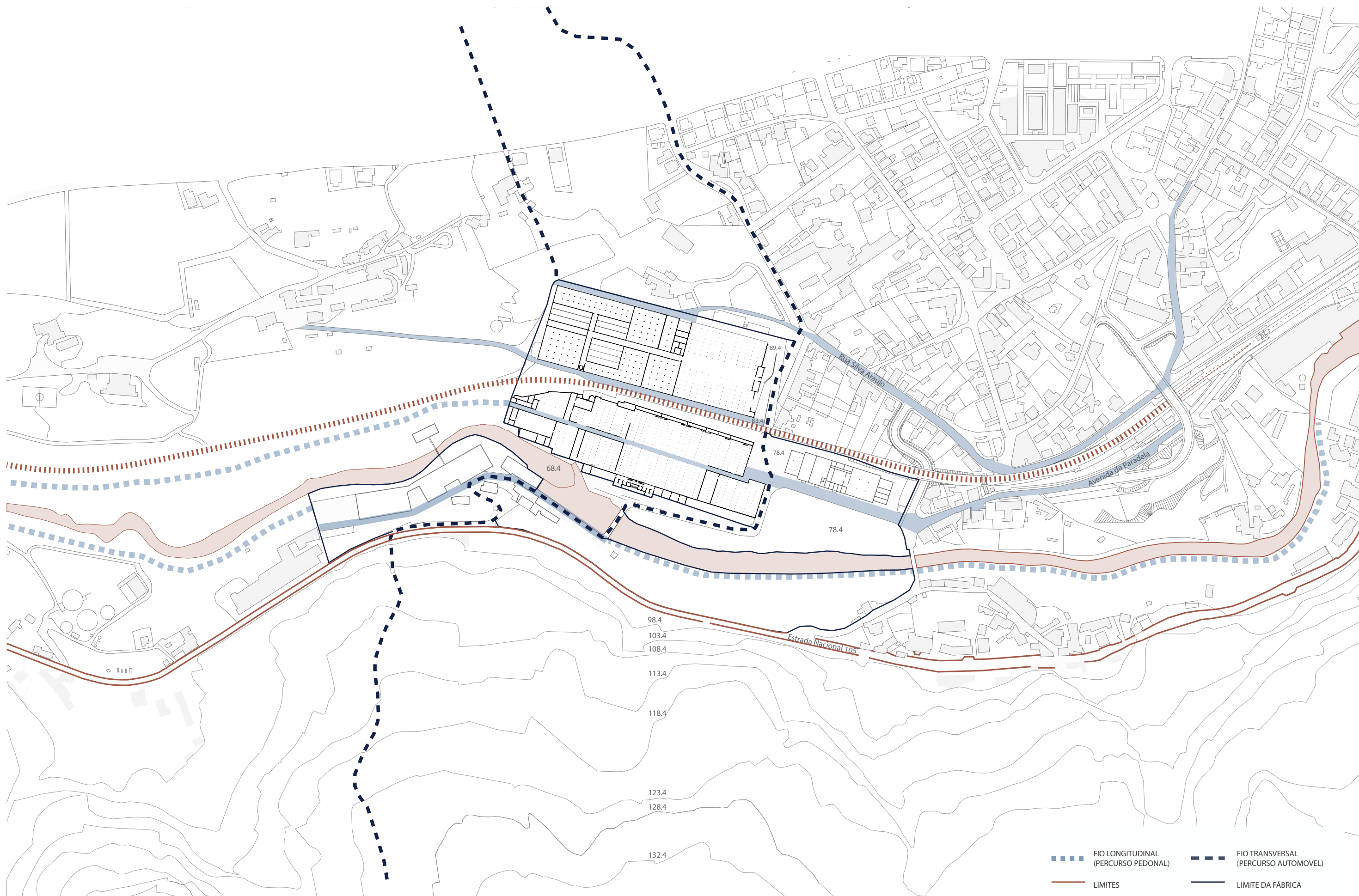
As direcções longitudinais propostas acentuam continuidades lineares e foram introduzidas com o propósito de servirem trânsito pedonal. A sua largura foi definida tendo em conta o seu uso quer por peões quer por bicicletas, sendo que a ciclovía está localizada no meio. Tal como indicam os desenhos Figura 46, é possível observar que existe uma igualdade hierárquica entre estas vias e as vias automóveis. O número destas vias é também superior, uma vez que, na estratégia de intervenção se pretende valorizar a utilização do espaço pelo Homem. Se por um lado a estrutura da Fábrica está intimamente ligada à ideia da máquina, por outro, sem o Homem esta jamais seria capaz de funcionar. Fundamentadas na importância que a estrutura teve na vida social e privada dos trabalhadores, que outrora operaram na Fábrica, as intervenções propostas pretendem reativar relações humanas através da qualificação do espaço.

São assim propostos três percursos pedonais, sendo que dois destes atravessam os dois edifícios principais da Fábrica. O primeiro inicia-se no edifício da Fábrica à cota 89.4 a partir de uma praça à cota 93.4 e percorre todo o seu comprimento, culminando numa rótula e dirigindo-se para a quinta do complexo fabril, acentuando a relação entre os dois espaços.

O segundo percurso pedonal veio restabelecer a relação entre a Fábrica e a Estação de Comboios, outrora de grande importância. Esta relação de proximidade potencia o uso deste percurso e, conseqüentemente, dos espaços do complexo fabril por pessoas que utilizem o comboio como meio de transporte. A via é ligada ao eixo longitudinal existente no interior da Fábrica, perfazendo assim um percurso contínuo e que se estende ao longo das margens do rio, contribuindo para a sua requalificação,

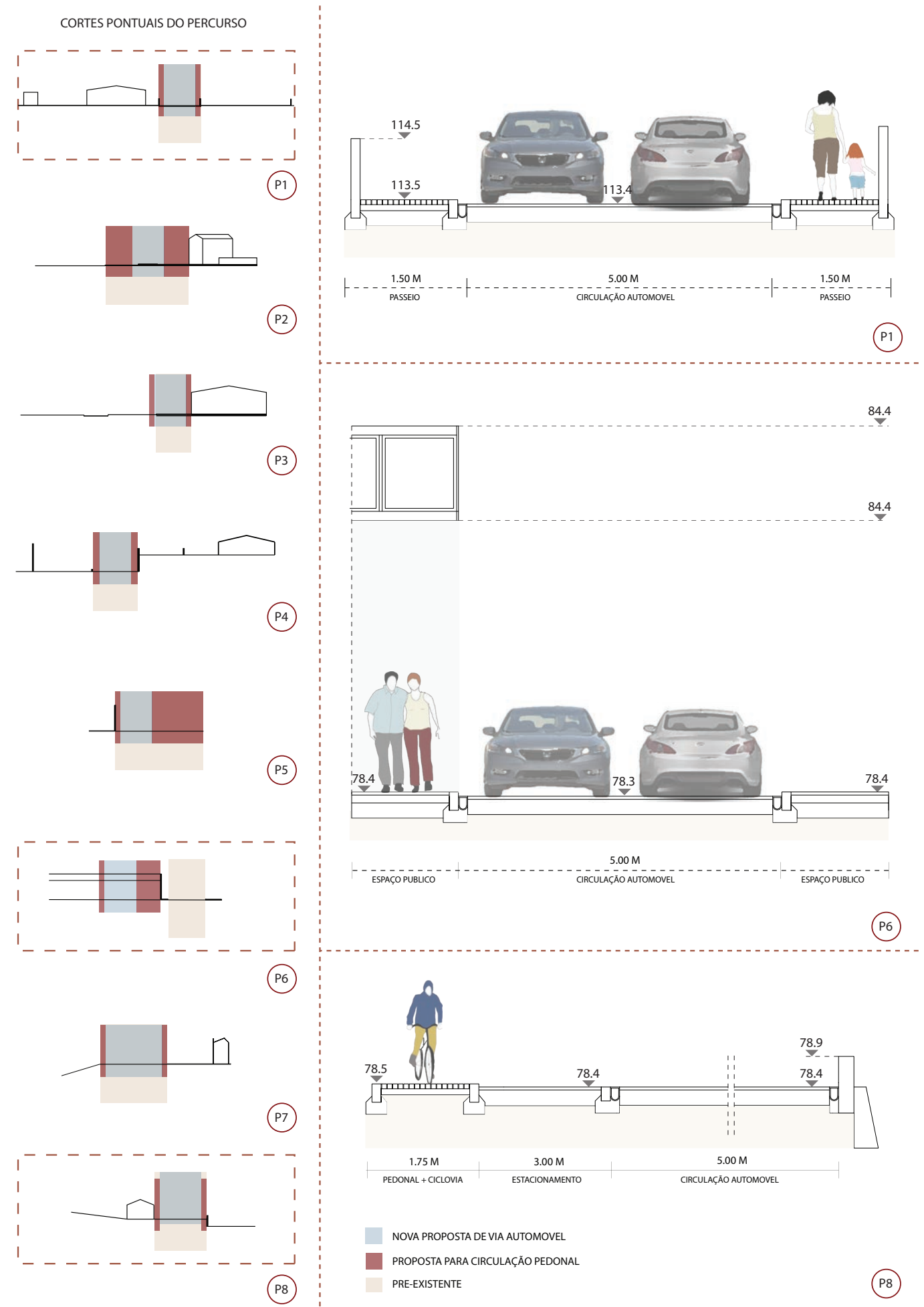
O terceiro e último percurso foi introduzido a partir de marcas pré-existentes no local (ver Figura 46) com o objectivo de reativar a relação de uso que em tempos existiu entre a população e o Rio Vizela, através desta proximidade, novas dinâmicas podem ser implementadas ao longo das suas margens, regenerando-as através da criação de jardins e zonas de lazer. Ao longo do percurso surgem pontualmente espaços de estar onde é possível interromper a marcha e contemplar a paisagem ou simplesmente descansar de uma caminhada. Para além de ativar as margens do rio, este 'fio' pedonal contorna também as estruturas ativas pertencentes ao complexo Rio Vizela. Neste fragmento de percurso, embora se sinta a presença da água, o contato entre transeuntes e o rio não é tão direto comparativamente ao restante percurso,



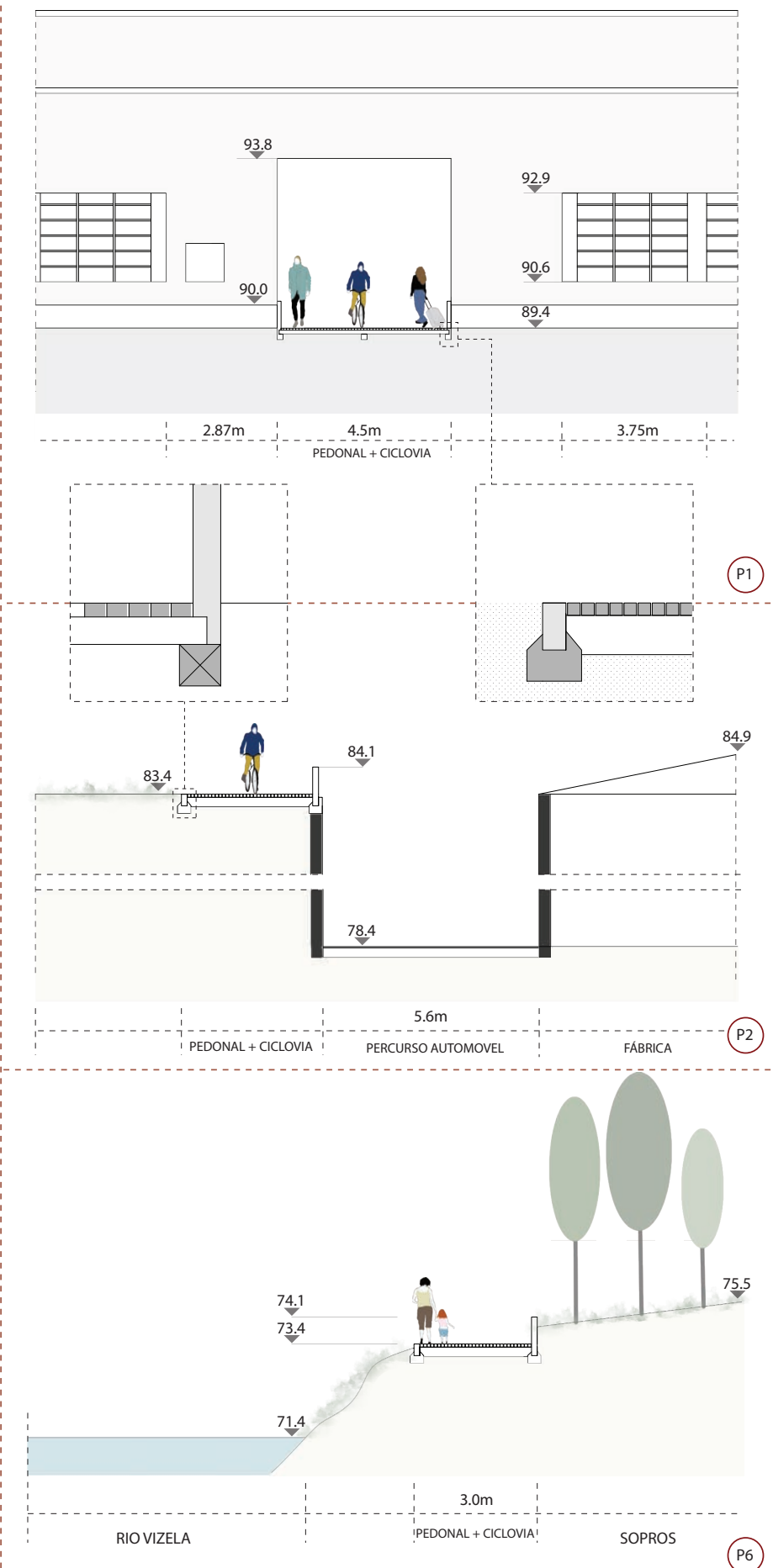
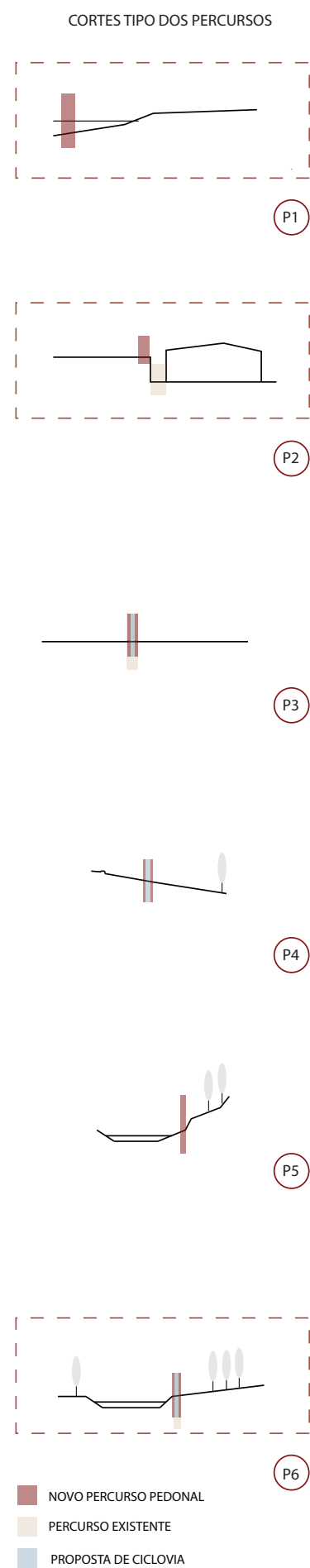


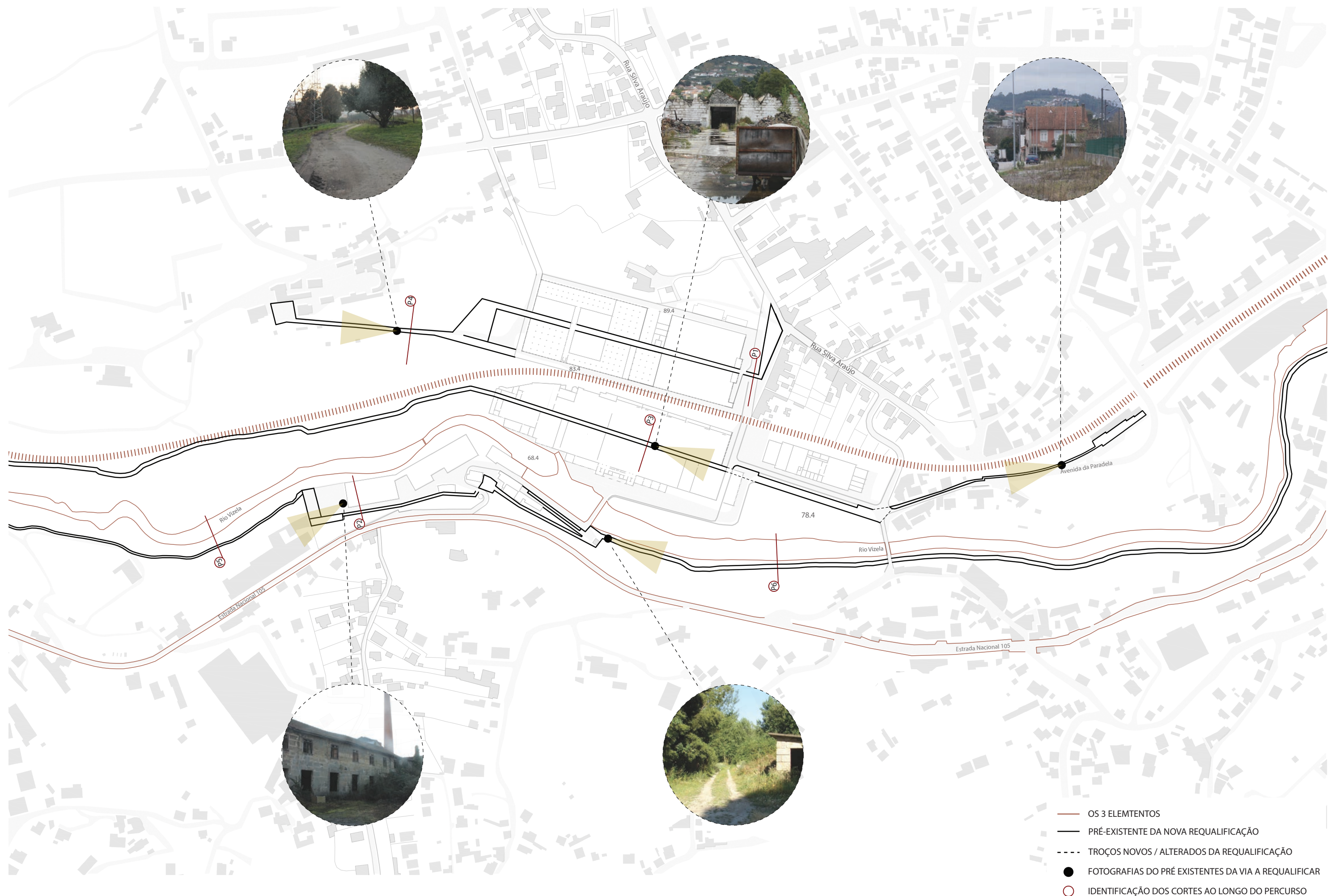
■ ■ ■ ■ FIO LONGITUDINAL (PERCURSO PEDONAL)
 ■ ■ ■ ■ FIO TRANSVERSAL (PERCURSO AUTOMOVEL)

— — — — LIMITES
 — — — — LIMITE DA FÁBRICA









- OS 3 ELEMENTOS
- PRÉ-EXISTENTE DA NOVA REQUALIFICAÇÃO
- - - TROÇOS NOVOS / ALTERADOS DA REQUALIFICAÇÃO
- FOTOGRAFIAS DO PRÉ EXISTENTES DA VIA A REQUALIFICAR
- IDENTIFICAÇÃO DOS CORTES AO LONGO DO PERCURSO

3.2 | Recuperar o carácter social da Fábrica Rio Vizela

O carácter social é uma das mais importantes características inerentes à própria história da Fábrica, tendo-se perdido ao longo dos anos em consequência do abandono da estrutura. Esta permanece apenas presente na memória de alguns habitantes de Vila das Aves e de localidades próximas.

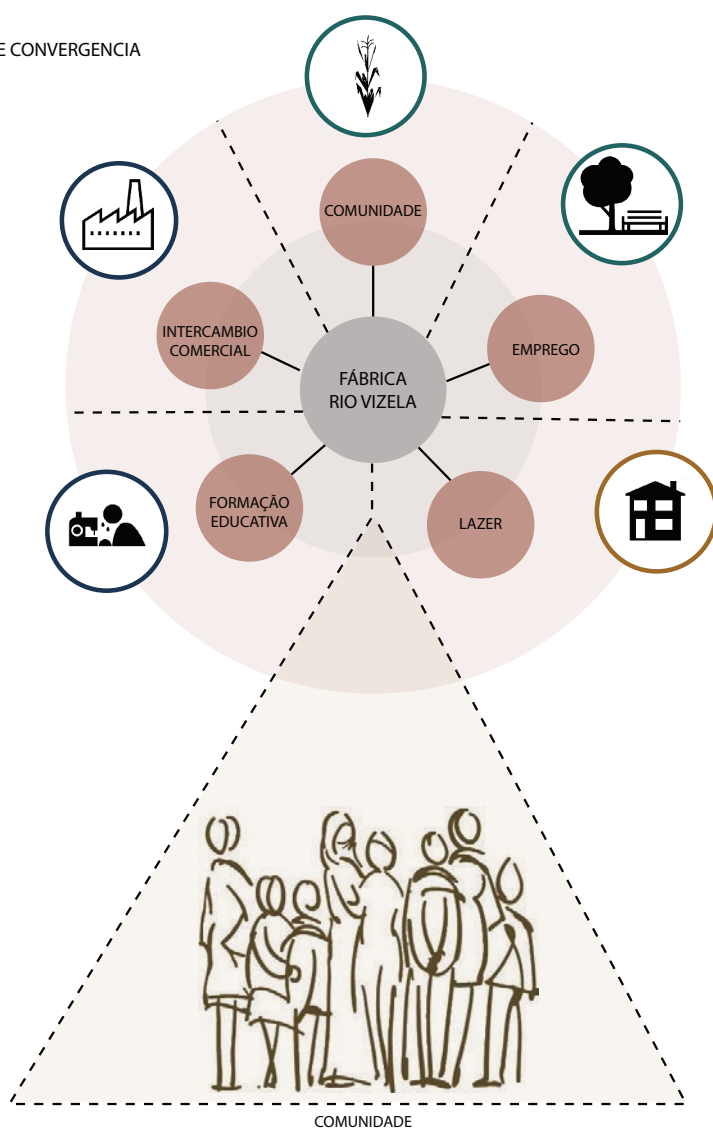
Esta permanência da memória está relacionada com o impacto e importância que estas indústrias tiveram junto às comunidades operárias, tendo sido um importante motor de desenvolvimento das localidades onde se encontravam. Muitos destes trabalhadores permaneceram na Fábrica durante anos, sendo que muitas famílias ficaram durante mais de uma geração ligadas à sua atividade³⁶. De forma a manter os operários próximos do seu local de trabalho durante o máximo de tempo possível, muitas destas fábricas prestavam um conjunto de serviços, tais como assistência médica e creches, que asseguravam as necessidades básicas dos trabalhadores (analisado também no caso da Fábrica Oliva). É esta interação social que se procura regenerar através das estratégias propostas, devolvendo à Fábrica Rio Vizela atividades que geram dinâmicas sociais e que transformam a estrutura num ponto de convergência direcionado à comunidade. (figura 49)

Ainda que o edifício se encontre em ruínas, existem espaços exteriores da Fábrica que continuam a ser utilizados e apropriados pela população local, para fazerem festas populares e entre outros eventos coletivos. Estas apropriações, em conjunto com os contextos históricos do lugar, tornam evidente a importância e a potencialidade do lugar enquanto gerador de acontecimentos. Se por um lado existe uma ligação histórica e emotiva entre os habitantes e a Fábrica, por outro, a qualidade espacial da estrutura torna o local propício à introdução de programas que potencializam uma aproximação em comunidade. Assim, o programa proposto pela estratégia de intervenção deverá conjugar a memória dos espaços (físicos e sociais) com necessidades contemporâneas. Estas incluem áreas de lazer, um lugar de formação educativa que permite a formação de mão de obra especializada para servir as indústrias da região, espaço para intercâmbio comercial com parcelas arrendáveis que visam a exploração de pequenos investimentos, e espaços comunitários, tais como atividades agrícolas e pequenas habitações unifamiliar.

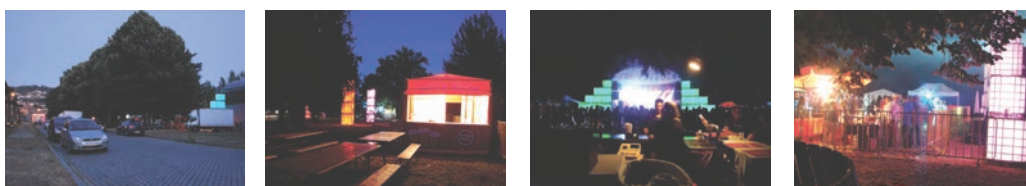
Após determinado o programa, definiu-se uma estratégia de distribuição dos espaços de forma a conciliar este com a qualidade espacial. Para esse efeito, retirou-se do local características que ajudaram a definir e a conjugar o pré-existente com o novo programa introduzido. Uma destas características diz respeito à iluminação natural (figura 51) e a consequente qualidade espacial já existente. Esta foi também aproveitada

³⁶ ERICE, Victor: Vidros Partidos: 2012: retirado de <https://www.youtube.com>

FABRICA RIO VIZELA UM PONTO DE CONVERGENCIA

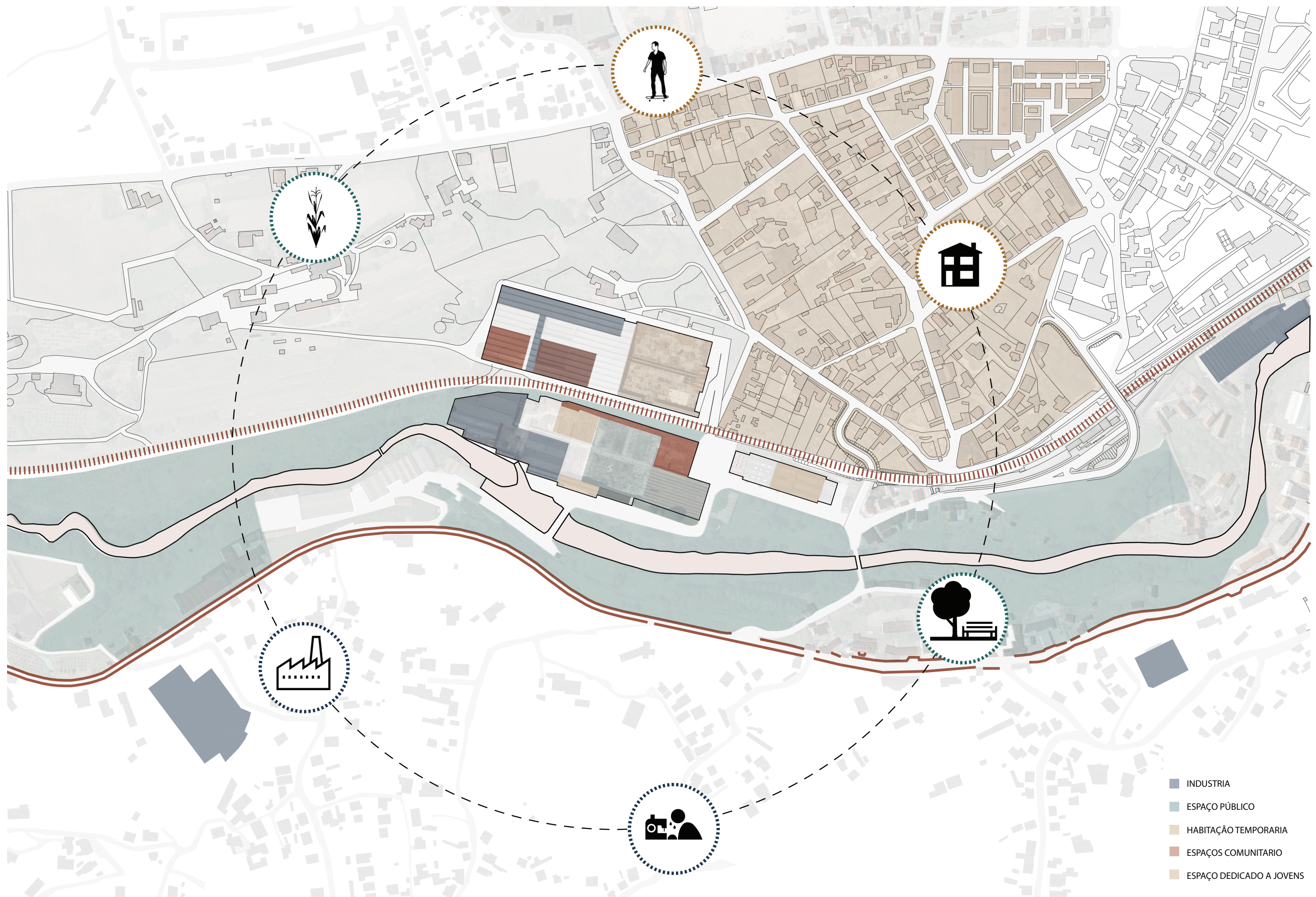


FESTIVAL RIO VIZELA



FESTA POPULAR VILA DAS AVES





em alguns casos de estudos analisados, como a fábrica Santo Thyrsó, Burel Factory e a Lionesa. Neste casos, a qualidade e organização do espaço é influenciada pela luz, sendo introduzidas algumas novas aberturas que se distinguem das pré-existentes.

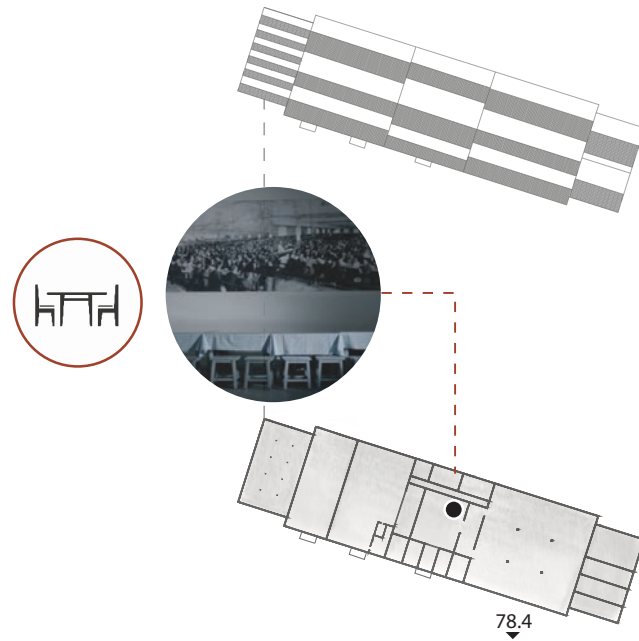
Uma vez que a Fábrica Rio Vizela se encontra maioritariamente em ruínas, existe uma grande parte da estrutura que se encontra exposta ao exterior tomando-a, desta forma, muito iluminada. Da área total que constitui a Fábrica, apenas 29,850m² é que se encontram cobertos. Dos espaços que ainda estão encerrados, são aproveitados os vãos e aberturas já existentes. Assim, nas fachadas a sul os espaços são muito iluminados uma vez que existem vãos que são complementados pelas clarabóias das coberturas. Já nas fachadas orientadas a norte, a área encerrada é menos iluminada, característica mais acentuada na porção do edifício situada à cota 83.4, uma vez que está parcialmente enterrado e a luz natural que recebe não é suficiente de forma a qualificar o interior. Assim, foi decidido que parte da cobertura será demolida de forma a facilitar a iluminação do espaço e potenciar a relação entre pisos.

A partir de uma análise lumínica dos espaços, foi decidido que nas áreas mais escuras do edifício à cota 83.4 (localizadas no piso inferior, se localizaria um parque de estacionamento e um skatepark. A escolha do piso inferior para a colocação deste programa prende-se também com o facto deste requerer um trabalho de chão para aplicar as rampas e pools. Já no piso superior, optou-se por colocar espaços para habitação unifamiliar e residências para estudantes que frequentam as oficinas das artes, escolha que se deveu não só à abundância de iluminação natural como também ao carácter privado, conseguido graças à elevação em relação à cota de chão. (Figura 52)

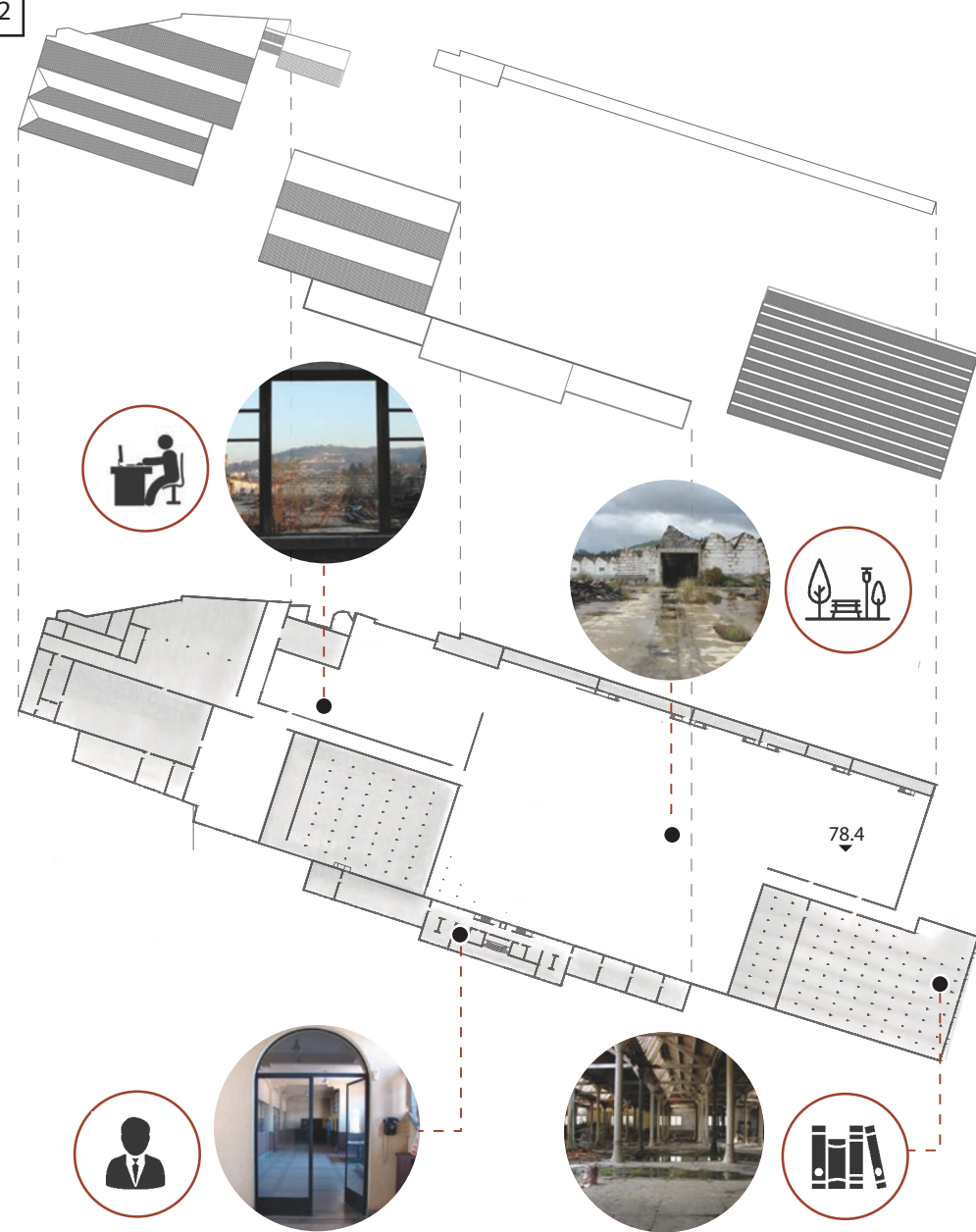
Já no edifício à cota 78.4, o programa proposto é vocacionado para um carácter de serviços públicos. Graças à abundância de luminosidade e ao facto dos espaços intactos estarem dispersos pela estrutura, é possível implantar um programa mais variado. Este carácter público é reforçado pela ligação existente entre o edifício e a estação de caminhos-de-ferro, facilitando o acesso ao complexo por pessoas que utilizem este meio de transporte. Assim, os programas sugeridos são a oficina das artes, um espaços dedicado ao ensino dos diferentes ofícios tais como: carpentaria, serralharia etc. Áreas empresariais, espaços para lojas de comércio, uma pequena biblioteca, uma incubadora de projectos e empresas.

PLANTAS A COTA 78.4

E1

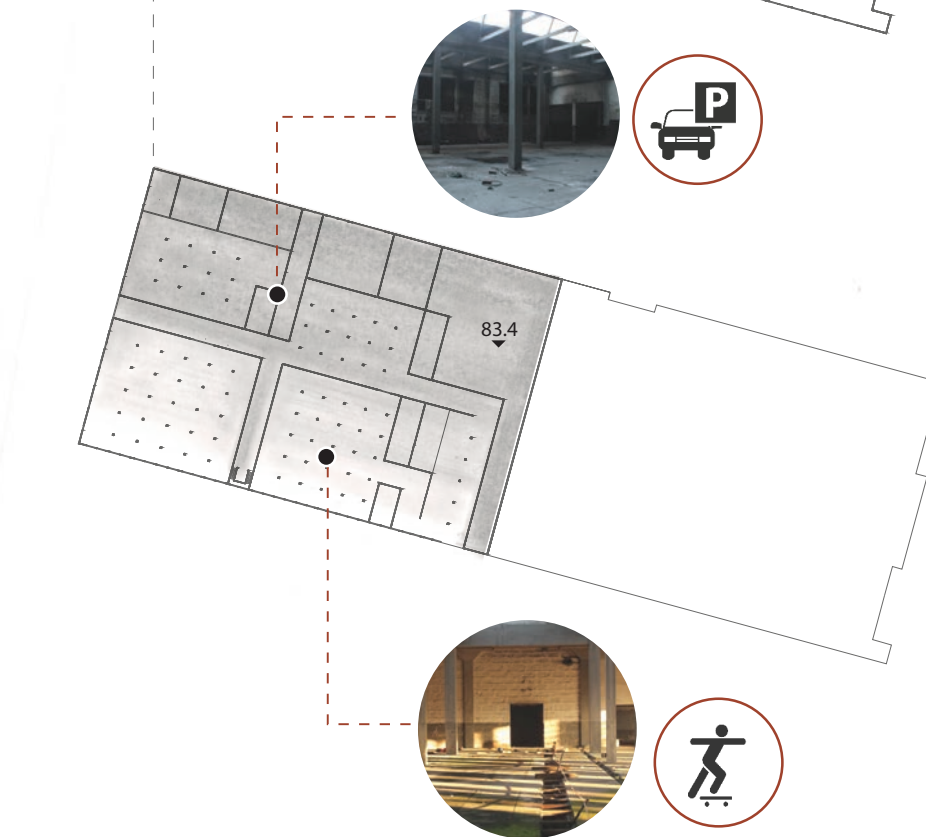
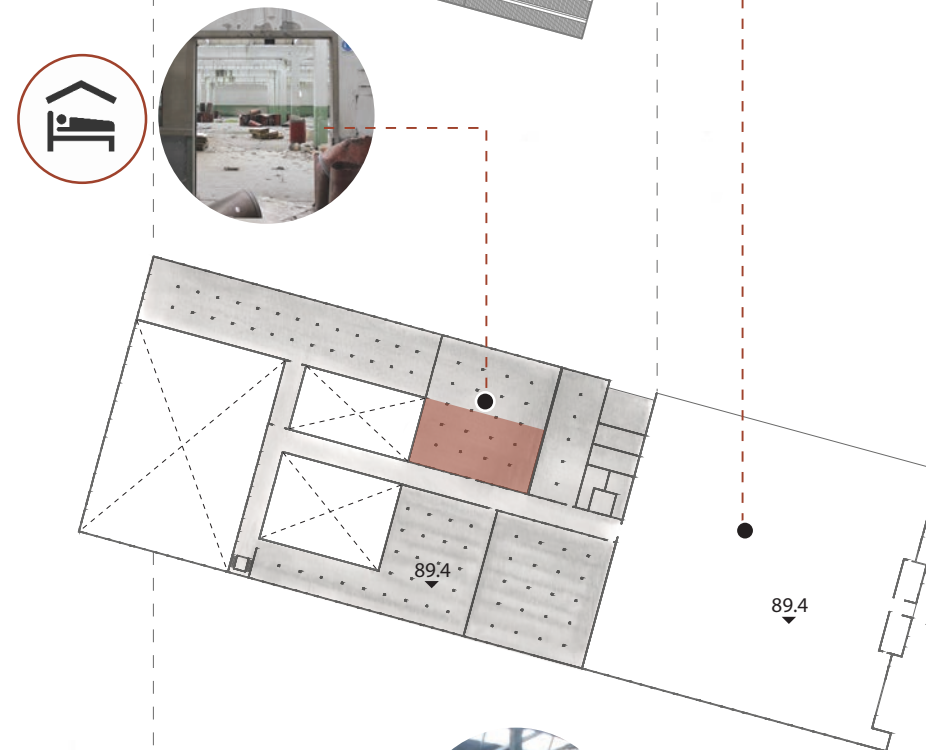
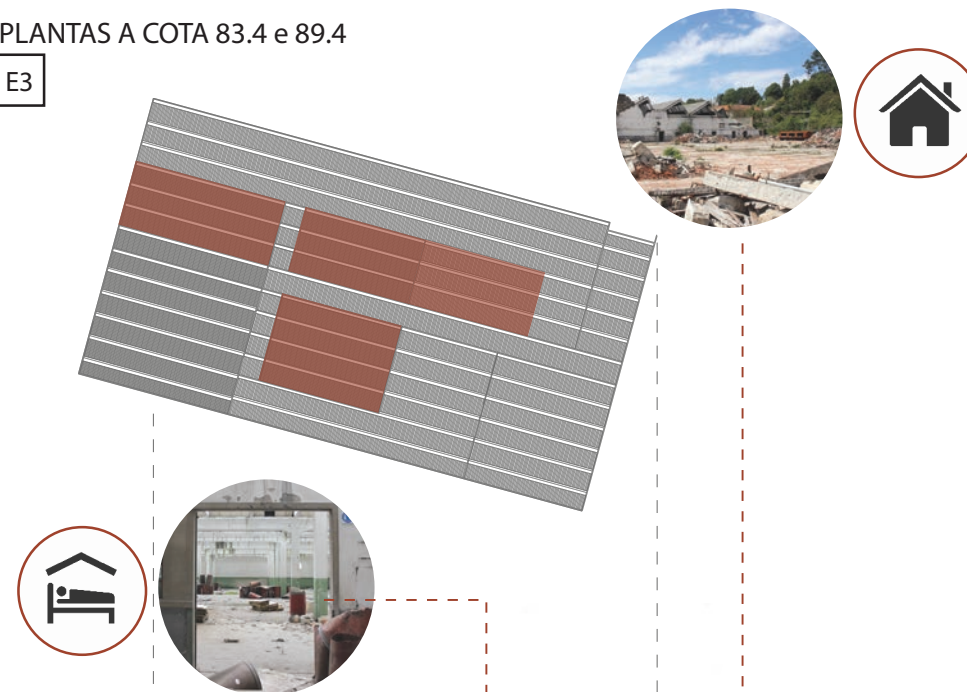


E2

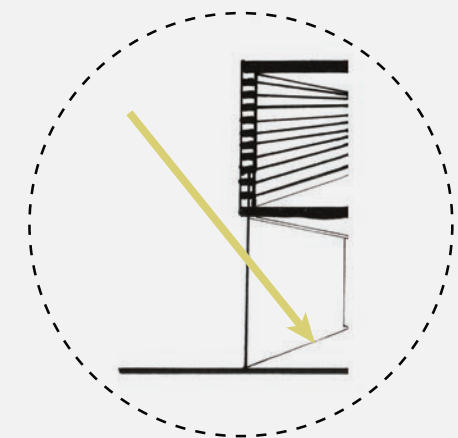


PLANTAS A COTA 83.4 e 89.4

E3

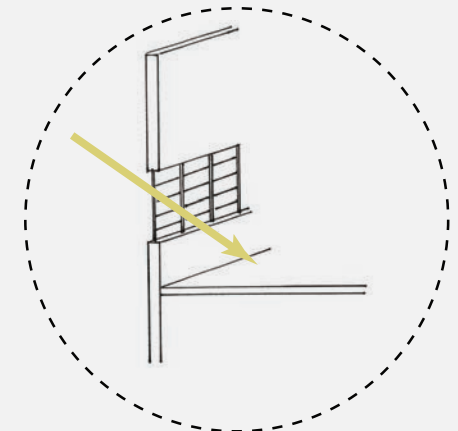


V1



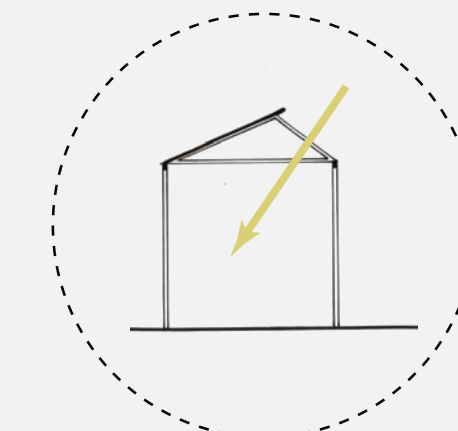
PROPOSTA DE NOVOS VÃOS

V2

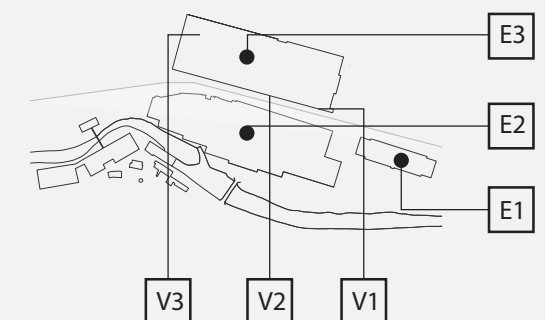


VÃOS NAS FACHADAS PRÉ-EXISTENTES

V3



CLARABOIAS PRÉ-EXISTENTES ORIENTADAS A NORTE



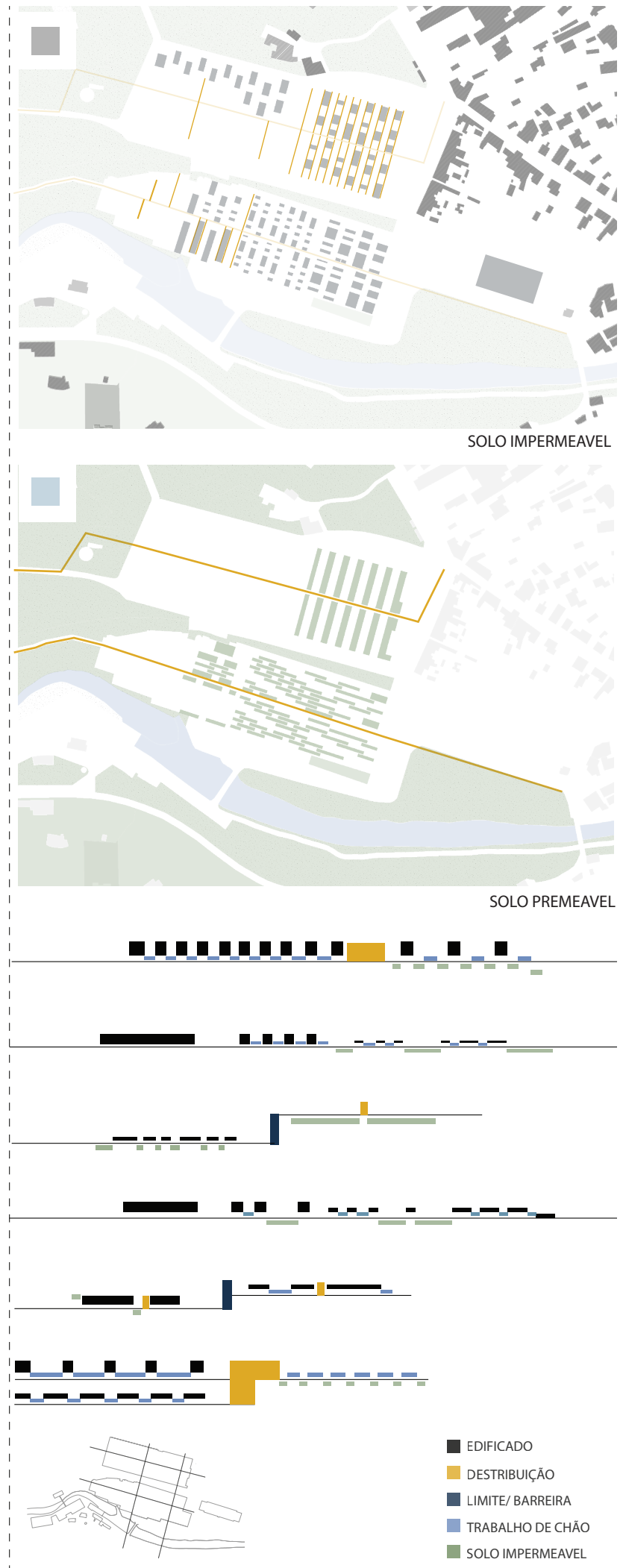


Figura 53 : Patchwork: uma bordada de amostras de tecidos | 107

Os diferentes programas são interligados através de relações espaciais de forma a gerarem-se dinâmicas no espaço que possam proporcionar relações entre as pessoas. Assim, a localização e ligação entre cada programa foram pensadas tendo em conta estes vínculos espaciais e sociais, observável entre as residências e as oficinas das artes (frequentadas por estudantes) através do túnel que une as duas cotas, na localização da oficina das artes próxima da incubadora (com o intuito de se relacionar com os estudantes da escola), e a existência de uma pequena biblioteca e uma área empresarial que suportam tanto a oficina das artes como a incubadora. Apesar de ser um programa mais direcionado para o ensino, estes espaços podem também servir um público mais abrangente, estimulando a integração de toda a comunidade no mesmo espaço.

A distribuição e dimensão dos espaços que albergam cada programa, são definidas conceptualmente através de um trabalho de patchwork - uma peça única bordada constituída por diferentes amostras. Estes tecidos correspondem aos diferentes programas e a quem os utiliza, sendo que o número de utilizadores influencia o tamanho de cada amostra. Tal como se pode observar na figura 53, a cor azul sinaliza programa correspondente a áreas descobertas que serão transformadas em solo permeável, sinalizado a verde nos esquemas e que segue as continuidades da envolvente. Já o cinzento marca os espaços fechados que são introduzidos na estrutura existente. Estas amostras são ‘cosidas’ pelo fio de distribuição que atravessa o comprimento dos edifícios da Fábrica.

3.3 | Reabilitar o Espaço da Fábrica Rio Vizela

A ruína da Fábrica é o principal elemento a ter em conta na estratégia de intervenção proposta uma vez que esta testemunha marcas do passado através das suas permanências. Pretende-se, assim, aproveitar e reforçar estas marcas de forma a reabilitar coerentemente cada espaço da estrutura.

3.3.1 | Amostra 1: Habitação

A primeira amostra localiza-se na fração da Fábrica à cota 89.4 e está identificada na figura 54. Em consequência das várias visitas ao local e através de um olhar cuidado destas permanências que se evidenciam na ruína, foi selecionada a característica que condicionará a intervenção para este espaço: a (re)introdução da permeabilidade. Figura 54.

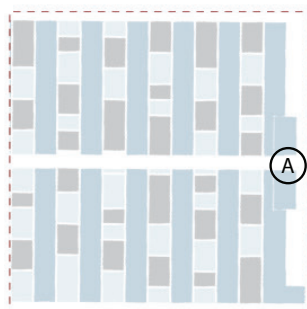
Esta intervenção será realizada tendo em conta a métrica das marcas pré-existentes que suportavam a antiga estrutura da cobertura dos espaços. Esta métrica é bastante evidente e importante uma vez que era a responsável pela divisão e dimensionamento dos espaços construídos da Fábrica. As suas dimensões são modulares e foram responsáveis pela expansão da estrutura ao longo do tempo. No chão são evidentes estas marcas onde outrora se encontravam os pilares, apresentando uma métrica de 7x5m.

A partir da área desenhada por estas marcas, são introduzidos espaços que conformam a horta e a habitação, sendo que esta última é construída a partir de uma estrutura modular cuja forma e disposição em diferentes planos fazem alusão à antiga cobertura shed, perceptível através da figura 55.

A partir desta métrica, é possível combinar de diferentes formas os módulos, originando assim diferentes tipologias de habitação que são desenvolvidas através do número de habitantes. Pretende-se ainda que a leitura de cada módulo de forma individual se mantenha, sendo que, nas tipologias em que são combinados mais do que um módulo, esta distinção é feita através de aberturas. Existem ainda espaços dedicados a hortas individuais, cujo o desenho surge da mesma lógica modular.



PERMEABILIZAR O SOLO



■ HORTAS
■ ESPAÇO FECHADO
■ SOLO EXTERIOR IMPERMEAVEL

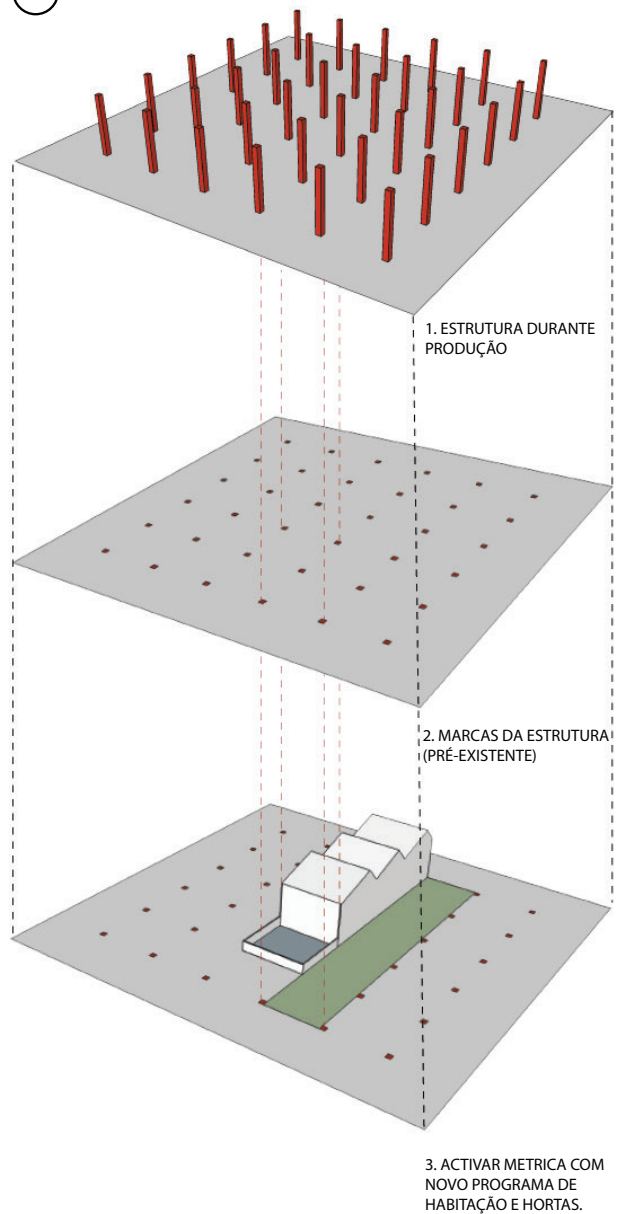
A1

LOCALIZAÇÃO DA AMOSTRA



A

ESTRATÉGIA PARA ESTA AMOSTRA



3.2 | Recuperar o carácter social da Fábrica Rio Vizela

O carácter social é uma das mais importantes características inerentes à própria história da Fábrica, tendo-se perdido ao longo dos anos em consequência do abandono da estrutura. Esta permanece apenas presente na memória de alguns habitantes de Vila das Aves e de localidades próximas.

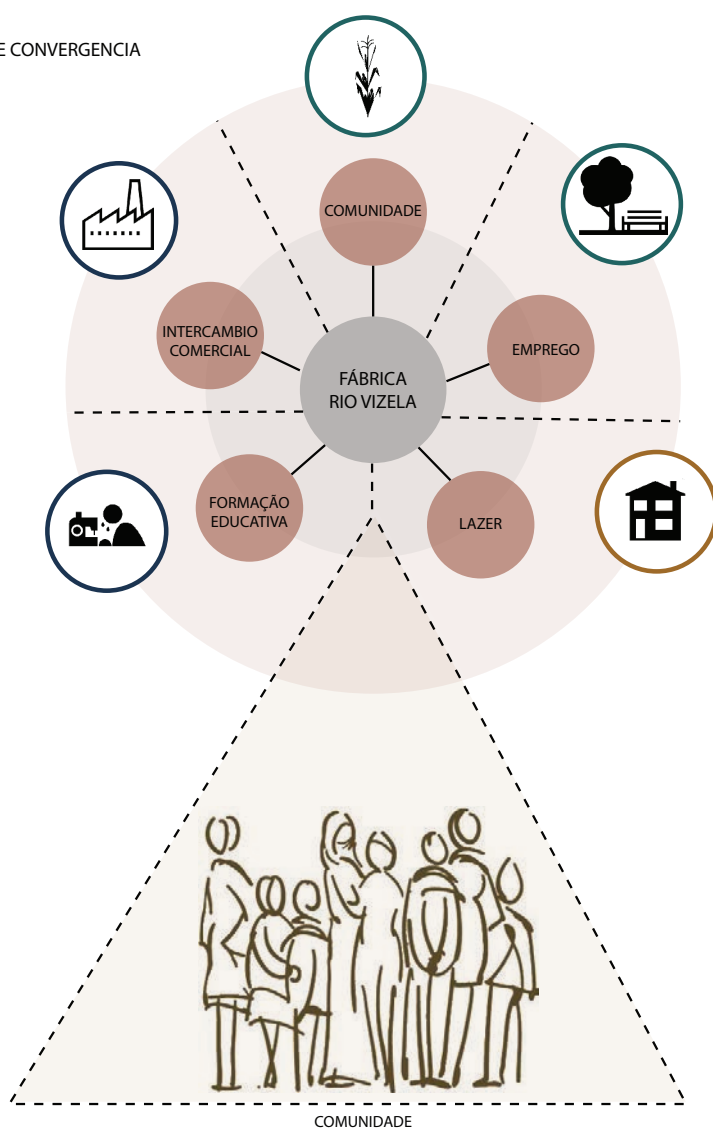
Esta permanência da memória está relacionada com o impacto e importância que estas indústrias tiveram junto às comunidades operárias, tendo sido um importante motor de desenvolvimento das localidades onde se encontravam. Muitos destes trabalhadores permaneceram na Fábrica durante anos, sendo que muitas famílias ficaram durante mais de uma geração ligadas à sua atividade³⁶. De forma a manter os operários próximos do seu local de trabalho durante o máximo de tempo possível, muitas destas fábricas prestavam um conjunto de serviços, tais como assistência médica e creches, que asseguravam as necessidades básicas dos trabalhadores (analisado também no caso da Fábrica Oliva). É esta interação social que se procura regenerar através das estratégias propostas, devolvendo à Fábrica Rio Vizela atividades que geram dinâmicas sociais e que transformam a estrutura num ponto de convergência direcionado à comunidade. (figura 49)

Ainda que o edifício se encontre em ruínas, existem espaços exteriores da Fábrica que continuam a ser utilizados e apropriados pela população local, para fazerem festas populares e entre outros eventos coletivos. Estas apropriações, em conjunto com os contextos históricos do lugar, tornam evidente a importância e a potencialidade do lugar enquanto gerador de acontecimentos. Se por um lado existe uma ligação histórica e emotiva entre os habitantes e a Fábrica, por outro, a qualidade espacial da estrutura torna o local propício à introdução de programas que potencializam uma aproximação em comunidade. Assim, o programa proposto pela estratégia de intervenção deverá conjugar a memória dos espaços (físicos e sociais) com necessidades contemporâneas. Estas incluem áreas de lazer, um lugar de formação educativa que permite a formação de mão de obra especializada para servir as indústrias da região, espaço para intercâmbio comercial com parcelas arrendáveis que visam a exploração de pequenos investimentos, e espaços comunitários, tais como atividades agrícolas e pequenas habitações unifamiliar.

Após determinado o programa, definiu-se uma estratégia de distribuição dos espaços de forma a conciliar este com a qualidade espacial. Para esse efeito, retirou-se do local características que ajudaram a definir e a conjugar o pré-existente com o novo programa introduzido. Uma destas características diz respeito à iluminação natural (figura 51) e a consequente qualidade espacial já existente. Esta foi também aproveitada

³⁶ ERICE, Victor: Vidros Partidos: 2012: retirado de <https://www.youtube.com>

FABRICA RIO VIZELA UM PONTO DE CONVERGENCIA

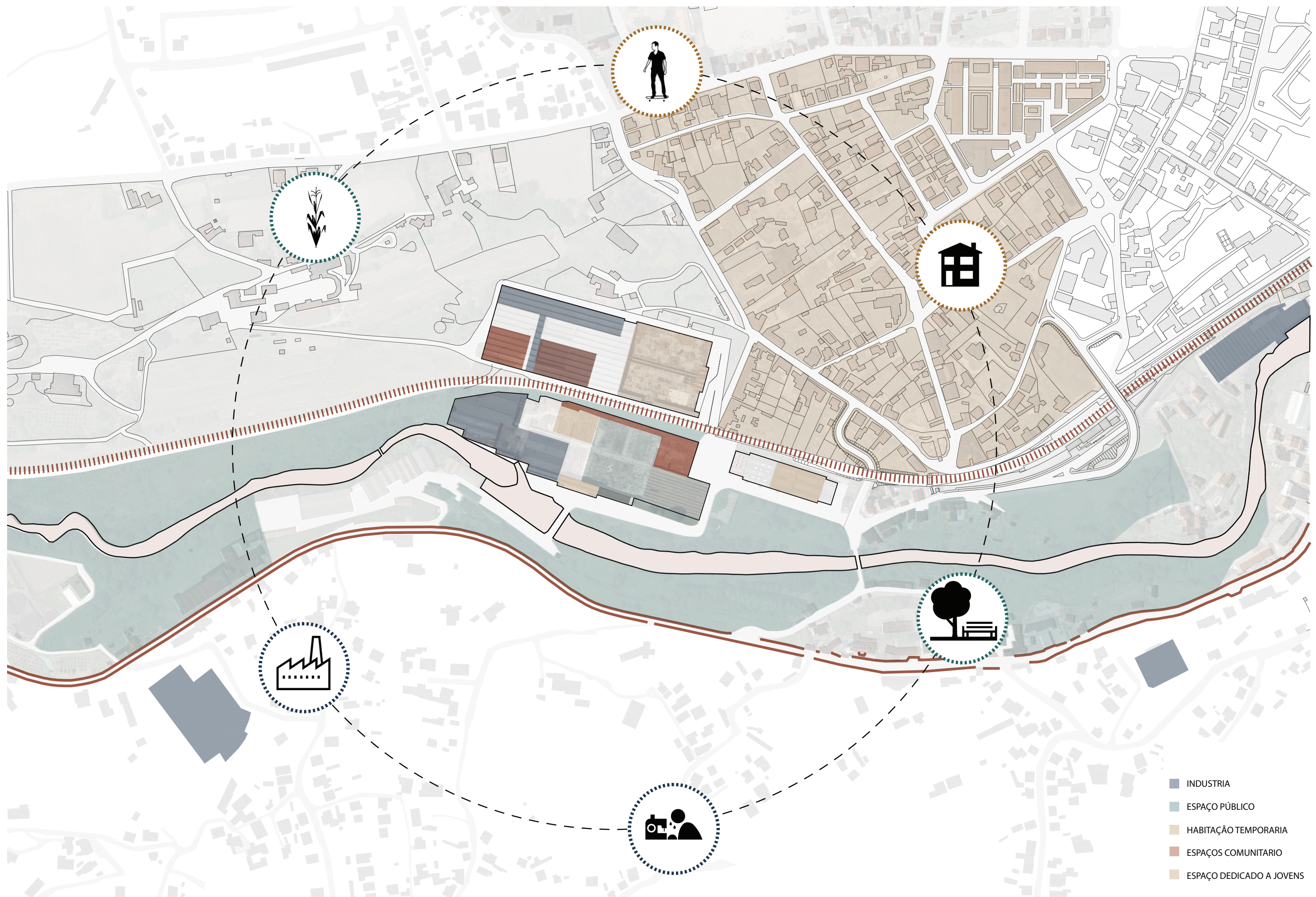


FESTIVAL RIO VIZELA



FESTA POPULAR VILA DAS AVES





em alguns casos de estudos analisados, como a fábrica Santo Thyrsó, Burel Factory e a Lionesa. Neste casos, a qualidade e organização do espaço é influenciada pela luz, sendo introduzidas algumas novas aberturas que se distinguem das pré-existentes.

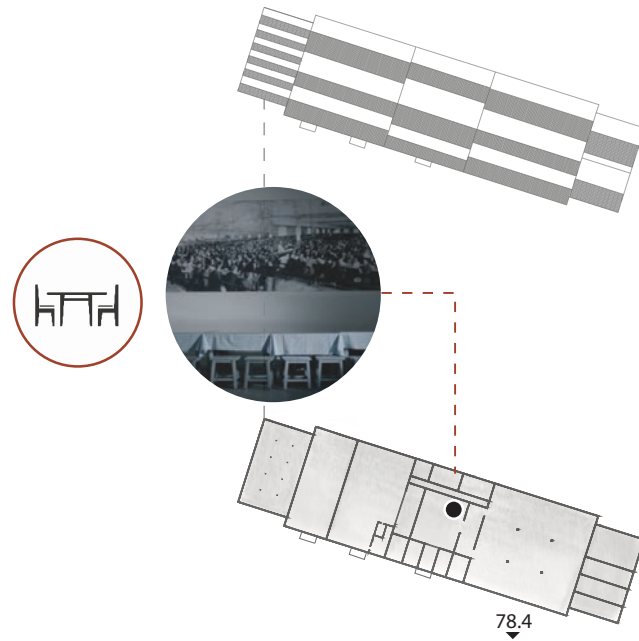
Uma vez que a Fábrica Rio Vizela se encontra maioritariamente em ruínas, existe uma grande parte da estrutura que se encontra exposta ao exterior tomando-a, desta forma, muito iluminada. Da área total que constitui a Fábrica, apenas 29,850m² é que se encontram cobertos. Dos espaços que ainda estão encerrados, são aproveitados os vãos e aberturas já existentes. Assim, nas fachadas a sul os espaços são muito iluminados uma vez que existem vãos que são complementados pelas clarabóias das coberturas. Já nas fachadas orientadas a norte, a área encerrada é menos iluminada, característica mais acentuada na porção do edifício situada à cota 83.4, uma vez que está parcialmente enterrado e a luz natural que recebe não é suficiente de forma a qualificar o interior. Assim, foi decidido que parte da cobertura será demolida de forma a facilitar a iluminação do espaço e potenciar a relação entre pisos.

A partir de uma análise lumínica dos espaços, foi decidido que nas áreas mais escuras do edifício à cota 83.4 (localizadas no piso inferior, se localizaria um parque de estacionamento e um skatepark. A escolha do piso inferior para a colocação deste programa prende-se também com o facto deste requerer um trabalho de chão para aplicar as rampas e pools. Já no piso superior, optou-se por colocar espaços para habitação unifamiliar e residências para estudantes que frequentam as oficinas das artes, escolha que se deveu não só à abundância de iluminação natural como também ao carácter privado, conseguido graças à elevação em relação à cota de chão. (Figura 52)

Já no edifício à cota 78.4, o programa proposto é vocacionado para um carácter de serviços públicos. Graças à abundância de luminosidade e ao facto dos espaços intactos estarem dispersos pela estrutura, é possível implantar um programa mais variado. Este carácter público é reforçado pela ligação existente entre o edifício e a estação de caminhos-de-ferro, facilitando o acesso ao complexo por pessoas que utilizem este meio de transporte. Assim, os programas sugeridos são a oficina das artes, um espaços dedicado ao ensino dos diferentes ofícios tais como: carpentaria, serralharia etc. Áreas empresariais, espaços para lojas de comércio, uma pequena biblioteca, uma incubadora de projectos e empresas.

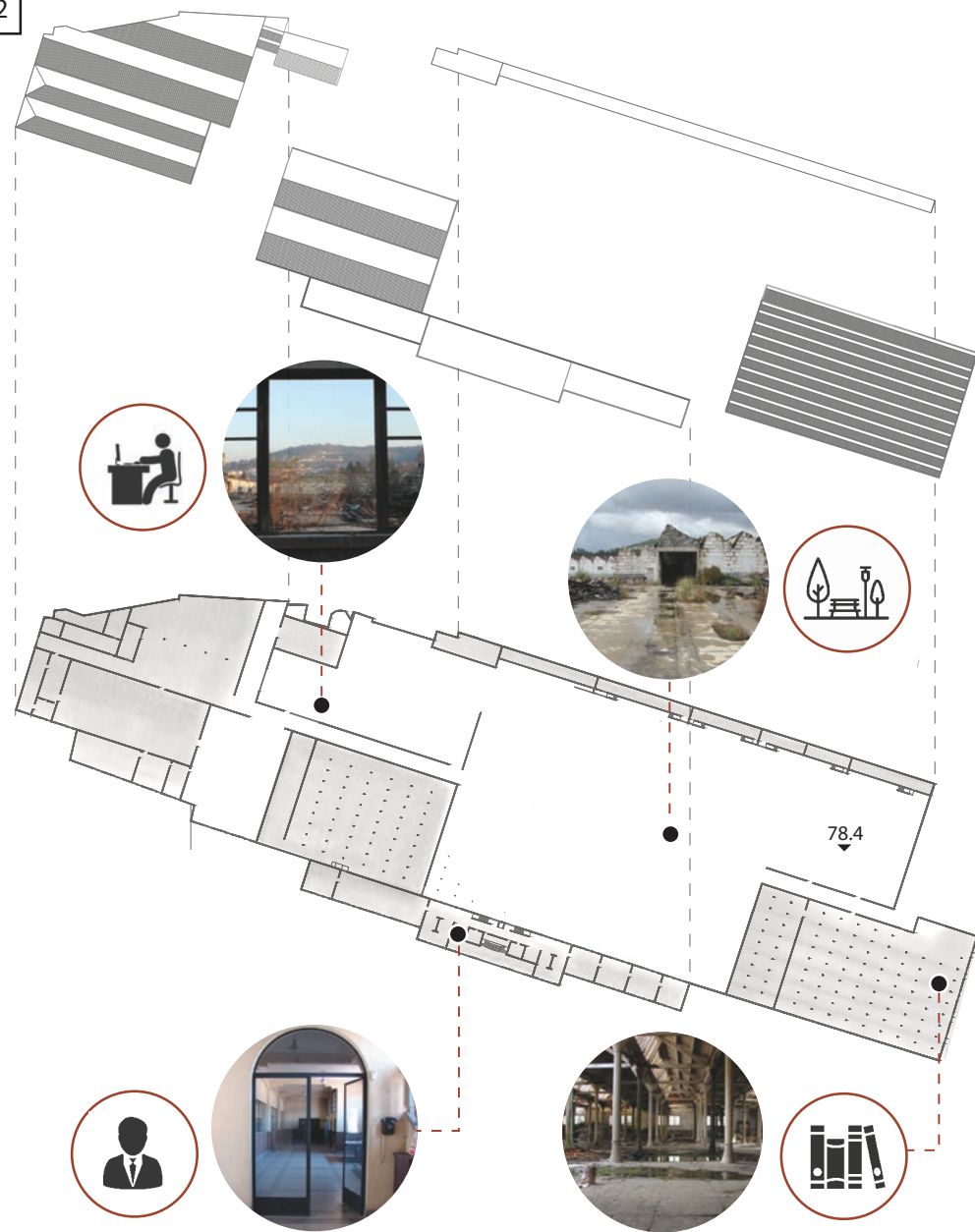
PLANTAS A COTA 78.4

E1



78.4

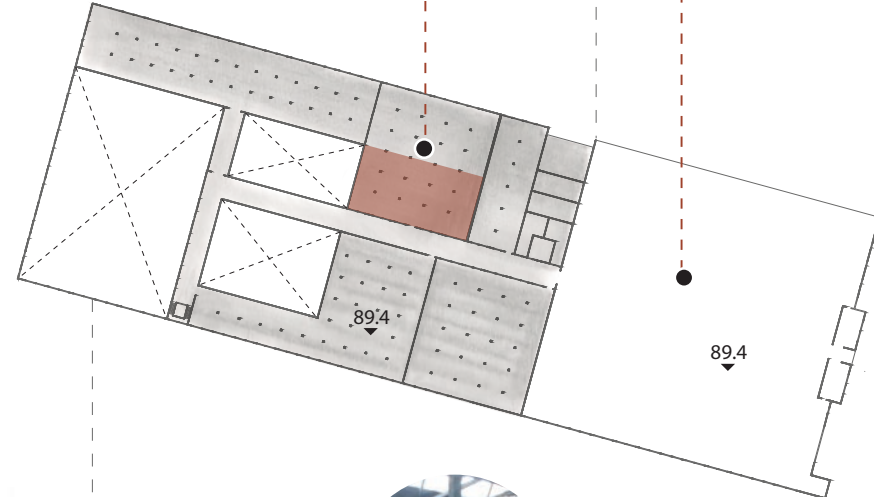
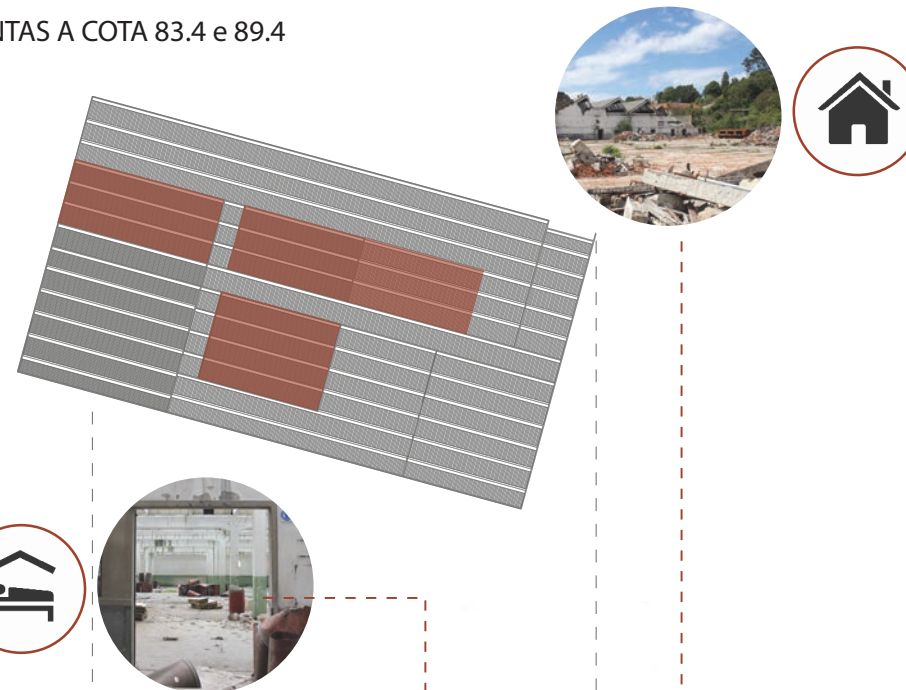
E2



78.4

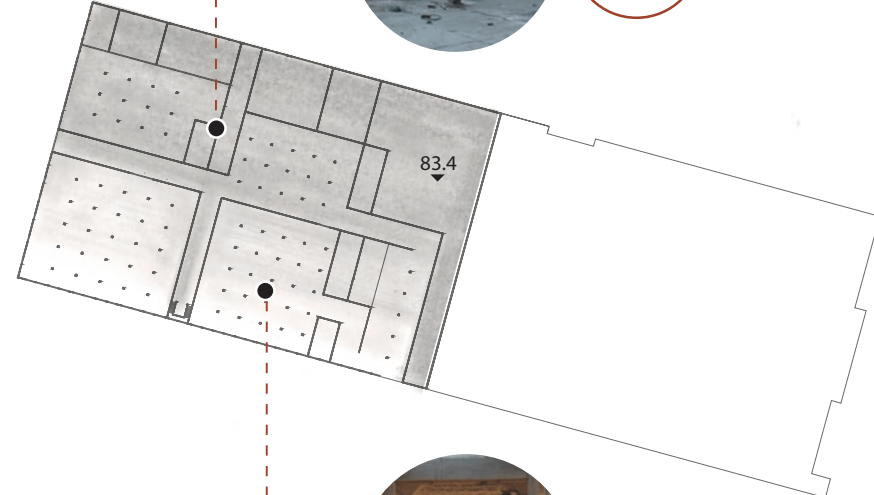
PLANTAS A COTA 83.4 e 89.4

E3



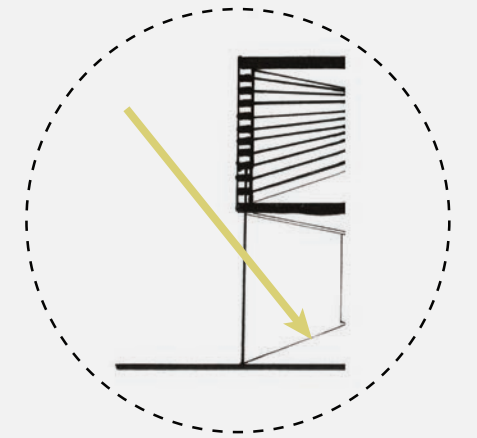
89.4

89.4



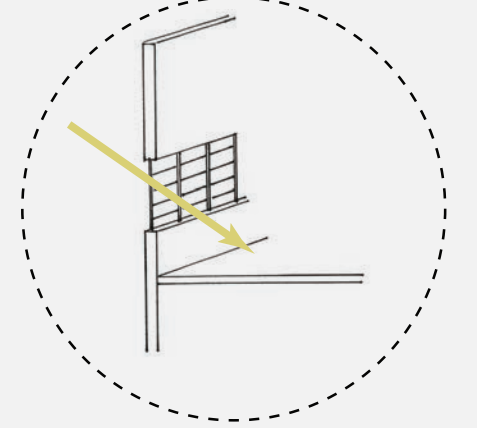
83.4

V1



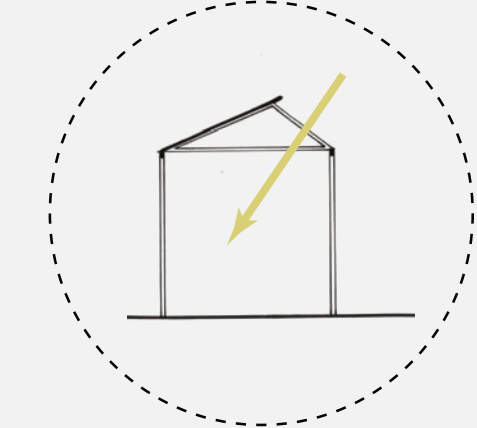
PROPOSTA DE NOVOS VÃOS

V2

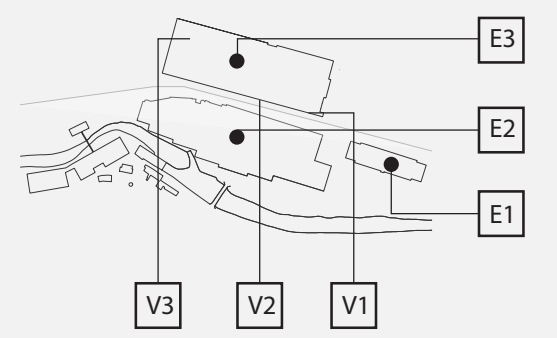


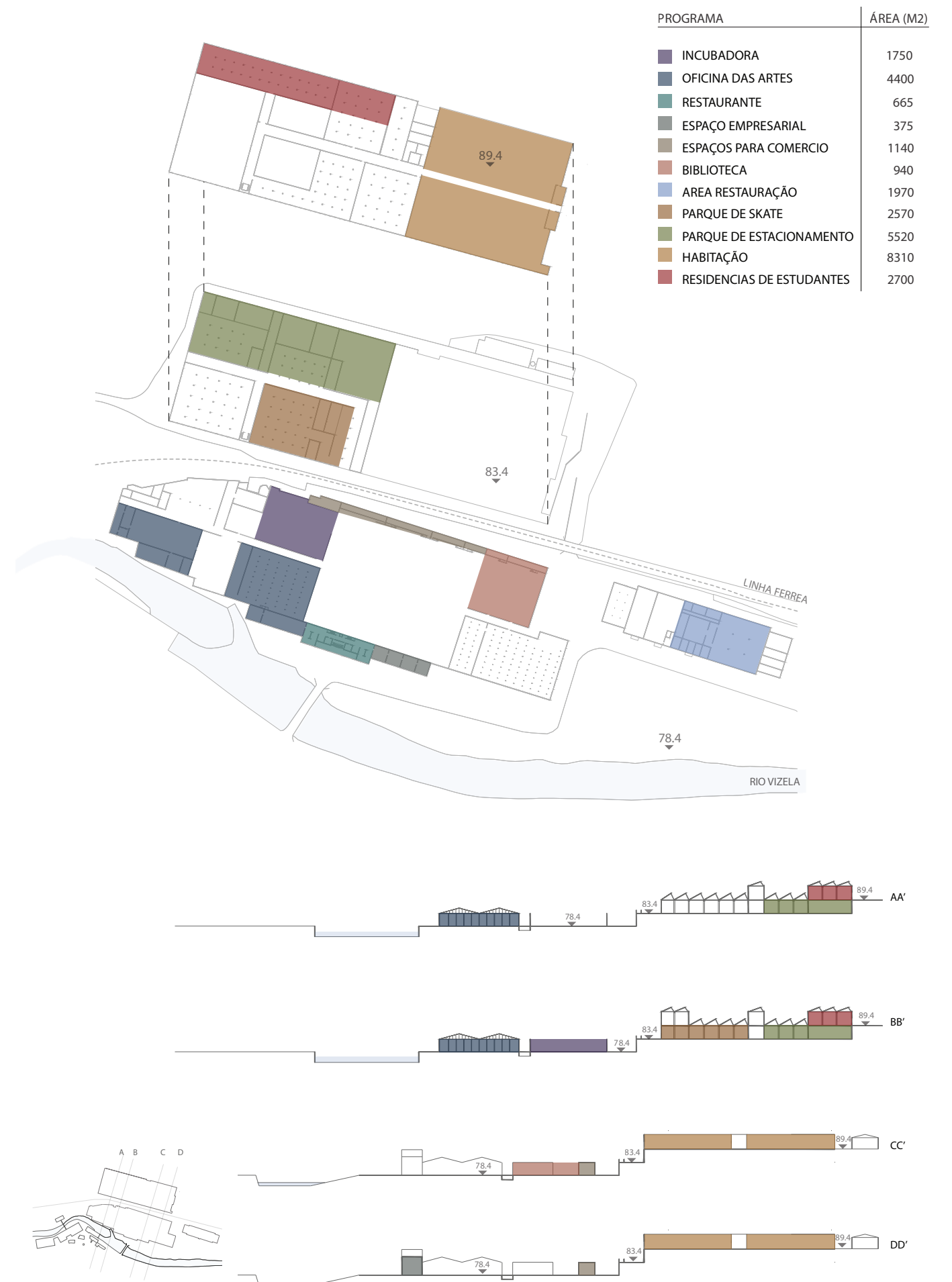
VÃOS NAS FACHADAS PRÉ-EXISTENTES

V3



CLARABOIAS PRÉ-EXISTENTES ORIENTADAS A NORTE





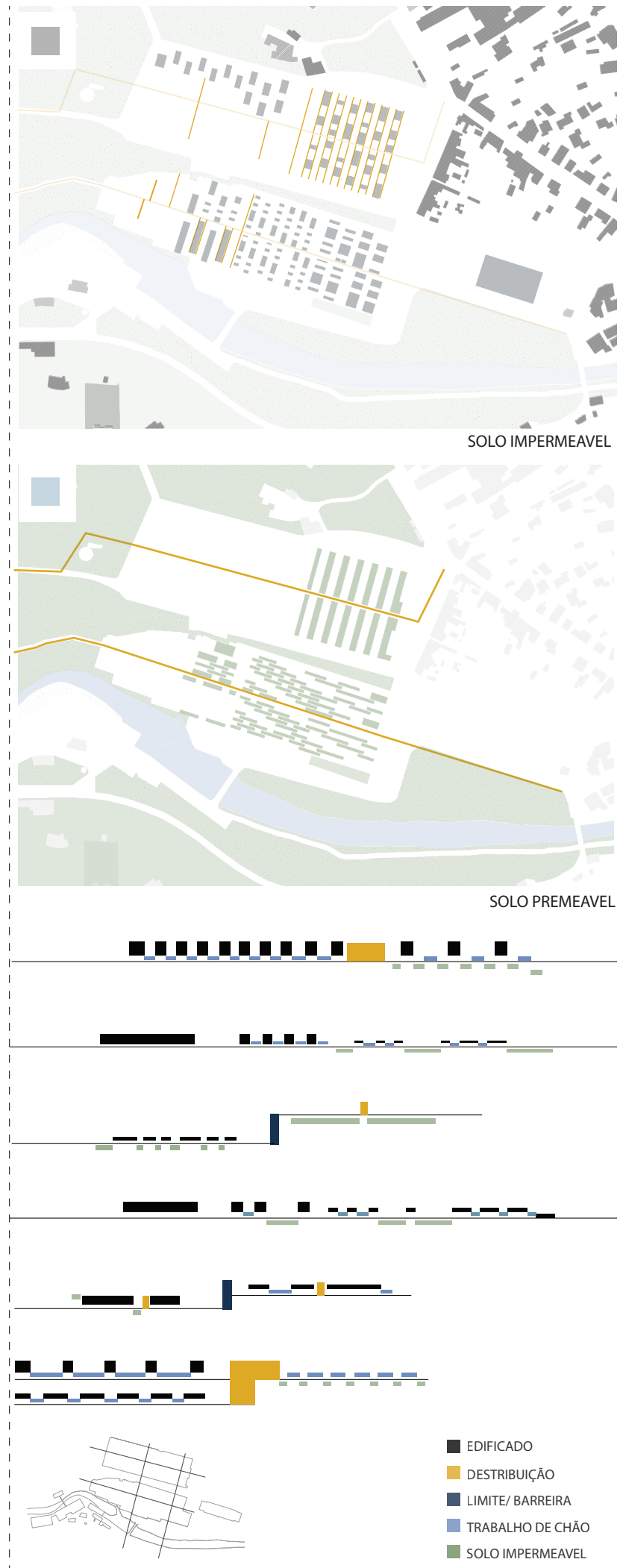


Figura 53 : Patchwork: uma bordada de amostras de tecidos | 107

Os diferentes programas são interligados através de relações espaciais de forma a gerarem-se dinâmicas no espaço que possam proporcionar relações entre as pessoas. Assim, a localização e ligação entre cada programa foram pensadas tendo em conta estes vínculos espaciais e sociais, observável entre as residências e as oficinas das artes (frequentadas por estudantes) através do túnel que une as duas cotas, na localização da oficina das artes próxima da incubadora (com o intuito de se relacionar com os estudantes da escola), e a existência de uma pequena biblioteca e uma área empresarial que suportam tanto a oficina das artes como a incubadora. Apesar de ser um programa mais direcionado para o ensino, estes espaços podem também servir um público mais abrangente, estimulando a integração de toda a comunidade no mesmo espaço.

A distribuição e dimensão dos espaços que albergam cada programa, são definidas conceptualmente através de um trabalho de patchwork - uma peça única bordada constituída por diferentes amostras. Estes tecidos correspondem aos diferentes programas e a quem os utiliza, sendo que o número de utilizadores influencia o tamanho de cada amostra. Tal como se pode observar na figura 53, a cor azul sinaliza programa correspondente a áreas descobertas que serão transformadas em solo permeável, sinalizado a verde nos esquemas e que segue as continuidades da envolvente. Já o cinzento marca os espaços fechados que são introduzidos na estrutura existente. Estas amostras são ‘cosidas’ pelo fio de distribuição que atravessa o comprimento dos edifícios da Fábrica.

3.3 | Reabilitar o Espaço da Fábrica Rio Vizela

A ruína da Fábrica é o principal elemento a ter em conta na estratégia de intervenção proposta uma vez que esta testemunha marcas do passado através das suas permanências. Pretende-se, assim, aproveitar e reforçar estas marcas de forma a reabilitar coerentemente cada espaço da estrutura.

3.3.1 | Amostra 1: Habitação

A primeira amostra localiza-se na fração da Fábrica à cota 89.4 e está identificada na figura 54. Em consequência das várias visitas ao local e através de um olhar cuidado destas permanências que se evidenciam na ruína, foi selecionada a característica que condicionará a intervenção para este espaço: a (re)introdução da permeabilidade. Figura 54.

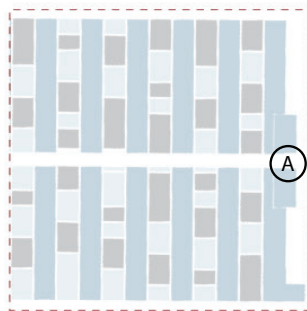
Esta intervenção será realizada tendo em conta a métrica das marcas pré-existentes que suportavam a antiga estrutura da cobertura dos espaços. Esta métrica é bastante evidente e importante uma vez que era a responsável pela divisão e dimensionamento dos espaços construídos da Fábrica. As suas dimensões são modulares e foram responsáveis pela expansão da estrutura ao longo do tempo. No chão são evidentes estas marcas onde outrora se encontravam os pilares, apresentando uma métrica de 7x5m.

A partir da área desenhada por estas marcas, são introduzidos espaços que conformam a horta e a habitação, sendo que esta última é construída a partir de uma estrutura modular cuja forma e disposição em diferentes planos fazem alusão à antiga cobertura shed, perceptível através da figura 55.

A partir desta métrica, é possível combinar de diferentes formas os módulos, originando assim diferentes tipologias de habitação que são desenvolvidas através do número de habitantes. Pretende-se ainda que a leitura de cada módulo de forma individual se mantenha, sendo que, nas tipologias em que são combinados mais do que um módulo, esta distinção é feita através de aberturas. Existem ainda espaços dedicados a hortas individuais, cujo o desenho surge da mesma lógica modular.



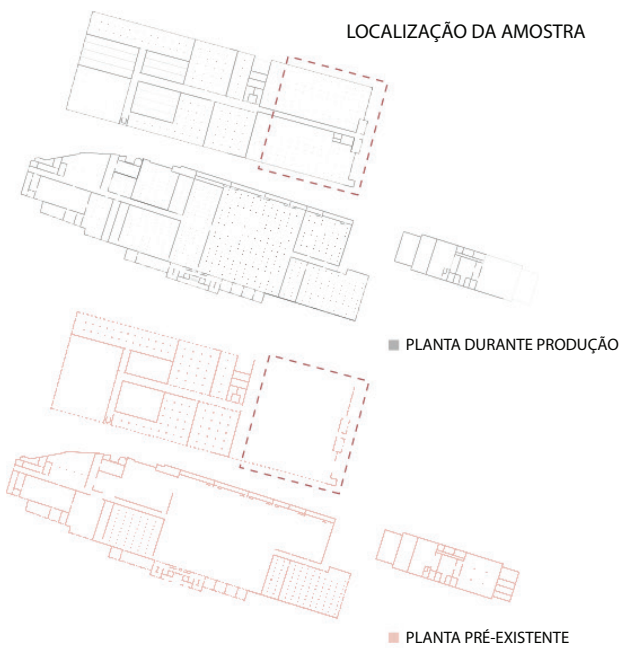
PERMEABILIZAR O SOLO



■ HORTAS
■ ESPAÇO FECHADO
■ SOLO EXTERIOR IMPERMEAVEL

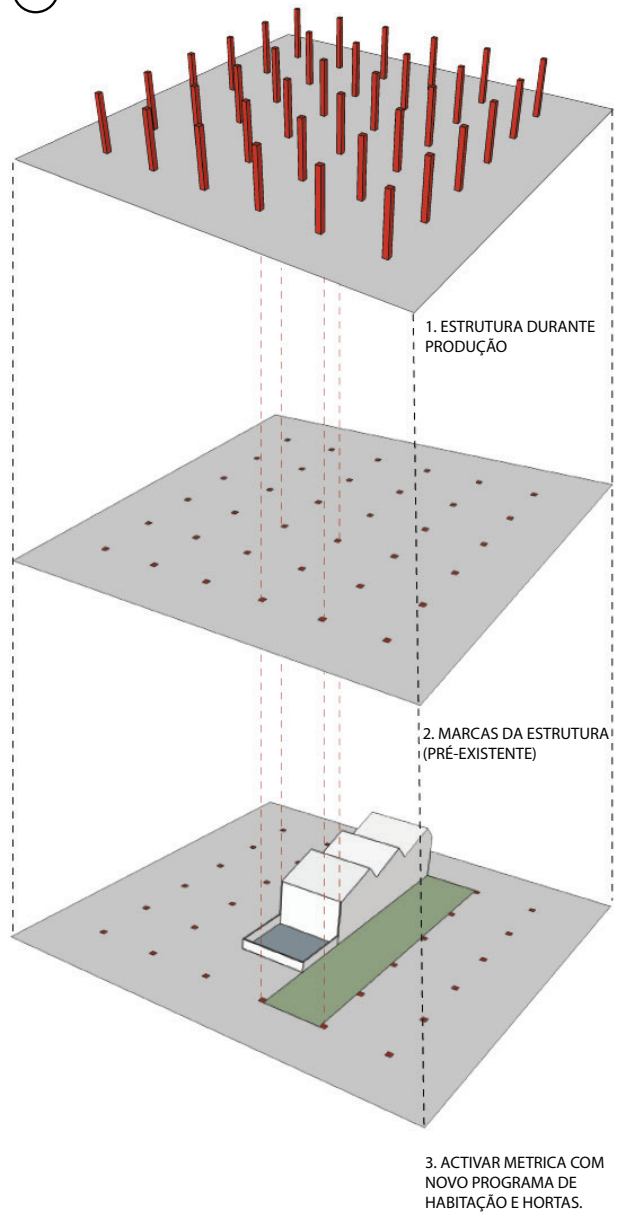
A1

LOCALIZAÇÃO DA AMOSTRA



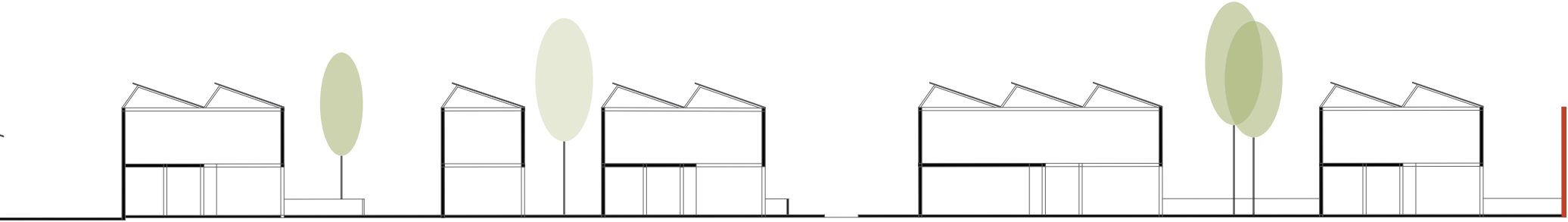
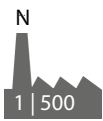
A

ESTRATÉGIA PARA ESTA AMOSTRA

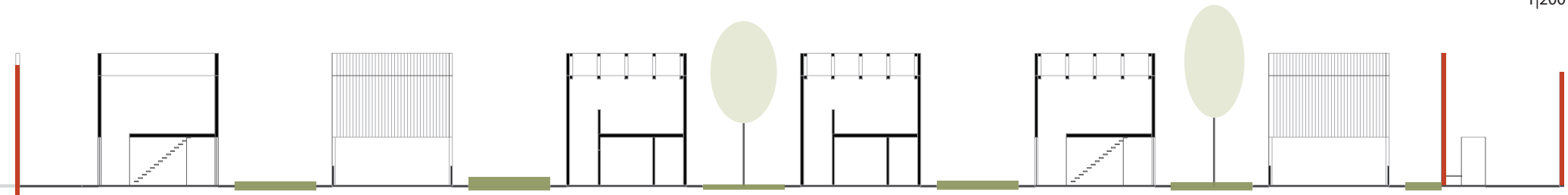




- PRE-EXISTENTE
- NOVA PROPOSTA
- 1 HABITAÇÃO
- 2 CAXIA SANITARIAS
- PISO INTERIOR MADEIRA
- FIO DISTRIBUIÇÃO EXTERIOR
- HORTA

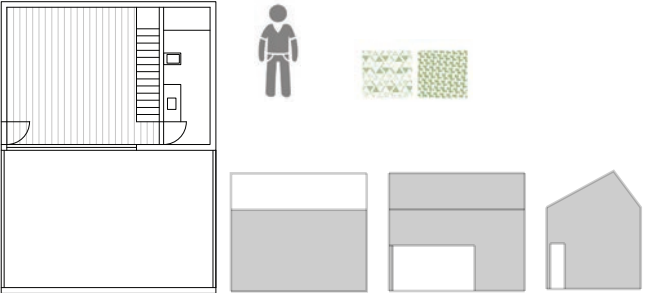


CORTE AA'
1/200

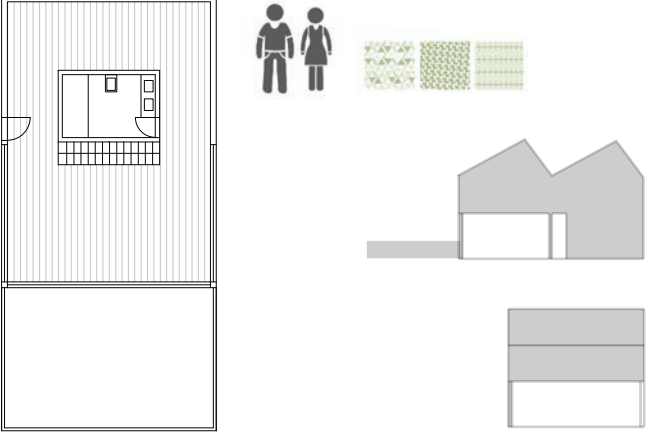


CORTE BB'
1/200

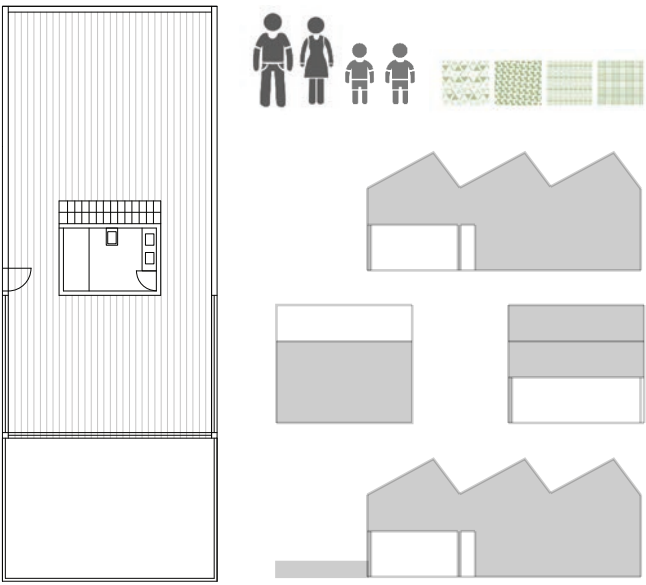
HABITAÇÃO TIPOLOGIA I 35 (M2)



HABITAÇÃO TIPOLOGIA II 70 (M2)



HABITAÇÃO TIPOLOGIA III 105 (M2)



3.3.2 | Amostra 2: Espaço Público + Biblioteca

A amostra 2 é localizada na cota 78.4. Aqui, existe uma característica que impulsionou a estratégia: uma árvore localizada numa marca pré-existente onde, outrora, existiu a estrutura que suportava a Fábrica. Esta apropriação pela natureza deu as pistas para a estratégia a seguir nesta amostra: “plantar a estrutura”. Onde no lugar dos antigos pilares ira ser plantando uma árvore, de forma a recriar a “antiga floresta de pilares.” (Figura 56)

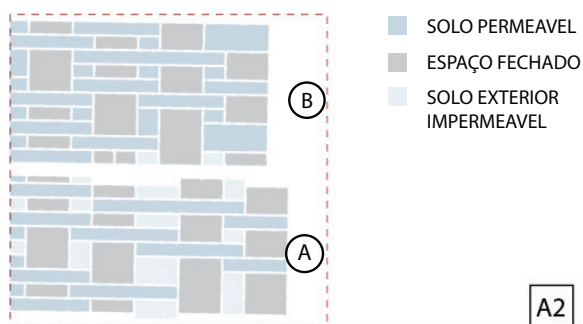
Devido à dimensão reduzida destas marcas (3.8 x 5.8m), não foi possível introduzir um programa de espaço encerrado. Assim, optou-se por introduzir programa através da plantação de árvores nas marcas com esta métrica. A amostra do tecido aqui é mais aberta por ser espaço público, onde a métrica das árvores e o jogo entre os diferentes pisos, o permeável e impermeável que gera diferentes zonas de estar. Parte destas áreas são cobertas onde os pilares ainda permaneciam de pé.

Foi ainda optada que não seriam plantadas árvores em todas esta marcas, sendo que alguns permanecem livres de forma a gerarem espaços de estar (Figura 57). Em alguns casos são colocados postes de iluminação pública, fazendo alusão aos pilares que existiram em tempos.

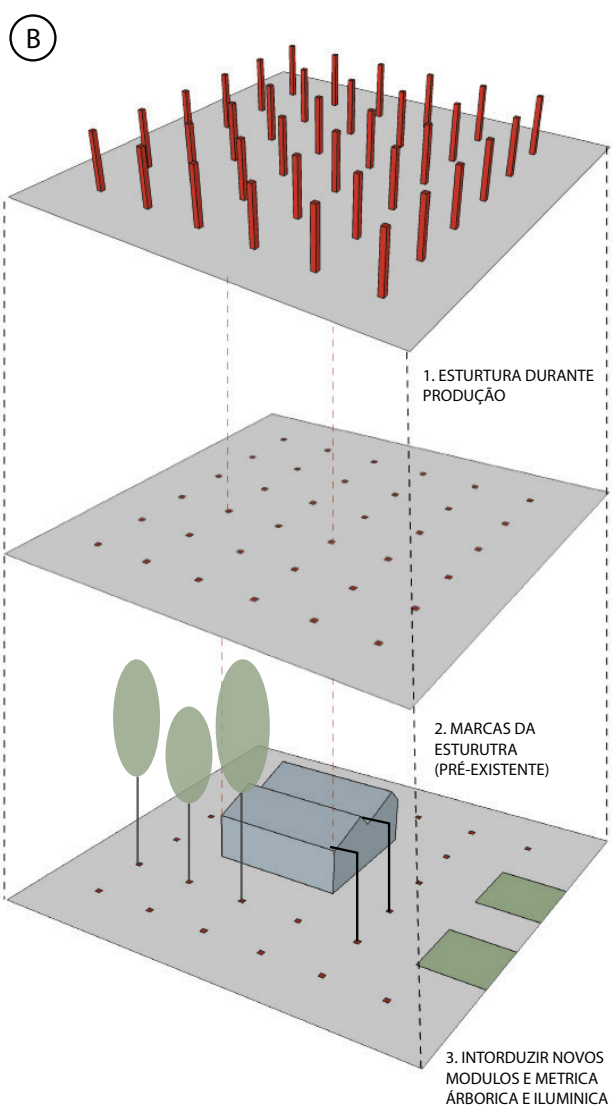
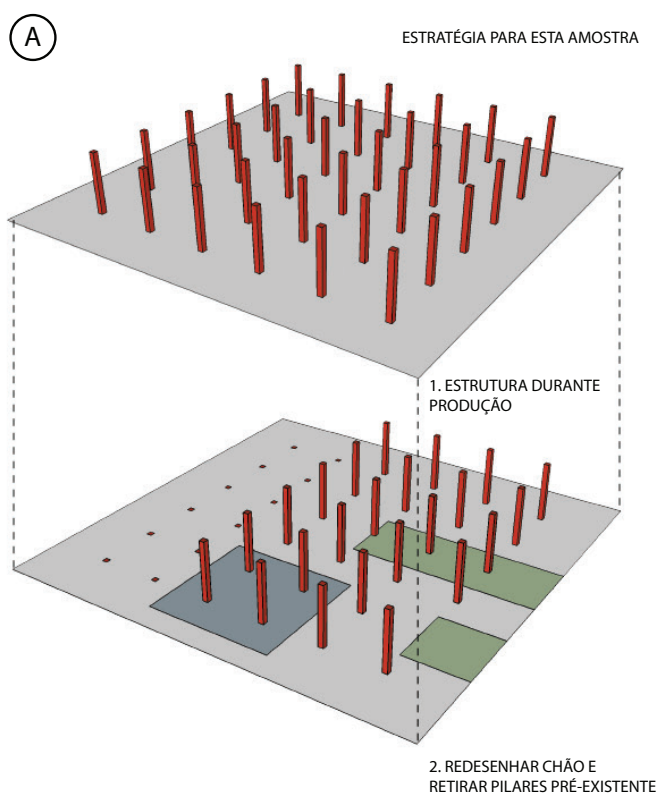
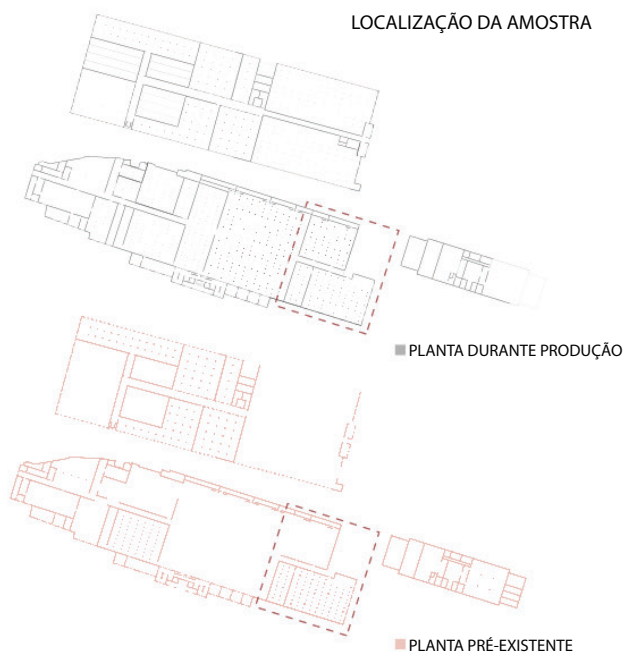
Por ser um espaço rodeado de áreas verdes, a biblioteca é proposta para esta localização. O espaço encerrado é uma vez mais identificável pelo módulo base, apresentando também cobertura shed, que procura retratar a imagem da cobertura salientando o espaçamento da métrica transversal.

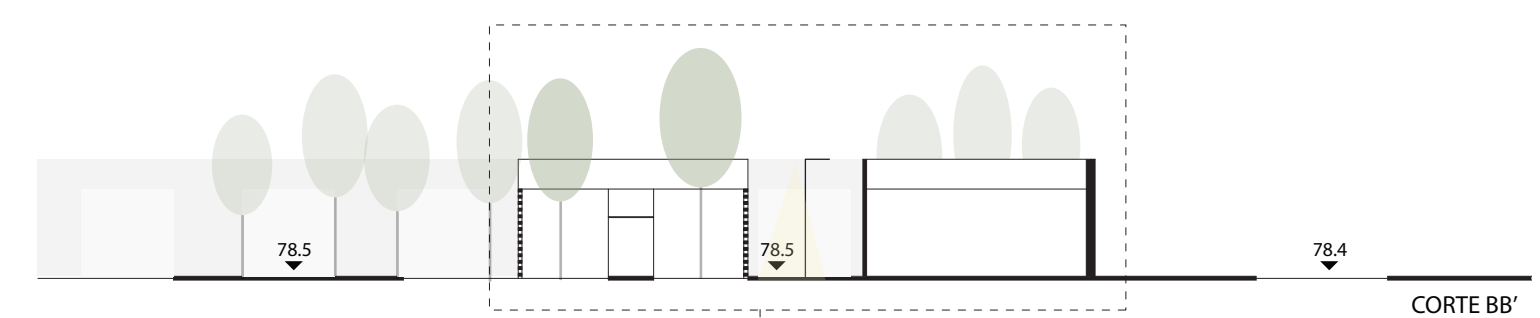


INTRODUZIR METRICA DE ARBORICA



LOCALIZAÇÃO DA AMOSTRA



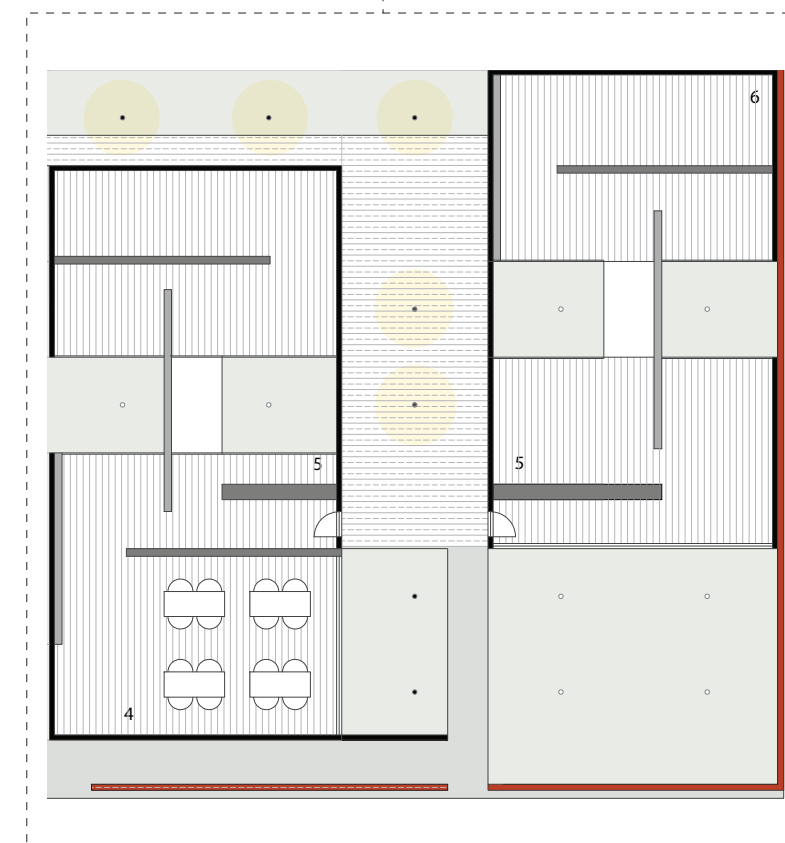
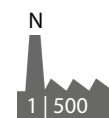


B

- PRE-EXISTENTE
- NOVA PROPOSTA
- 1 BIBLIOTECA
- 4 ESPAÇO TRABALHO
- 5 RECEPÇÃO
- 6 ESPAÇO CRIANÇA

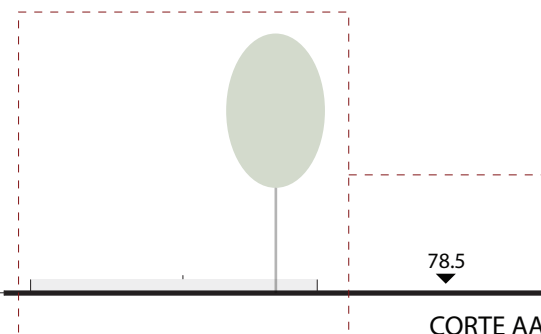
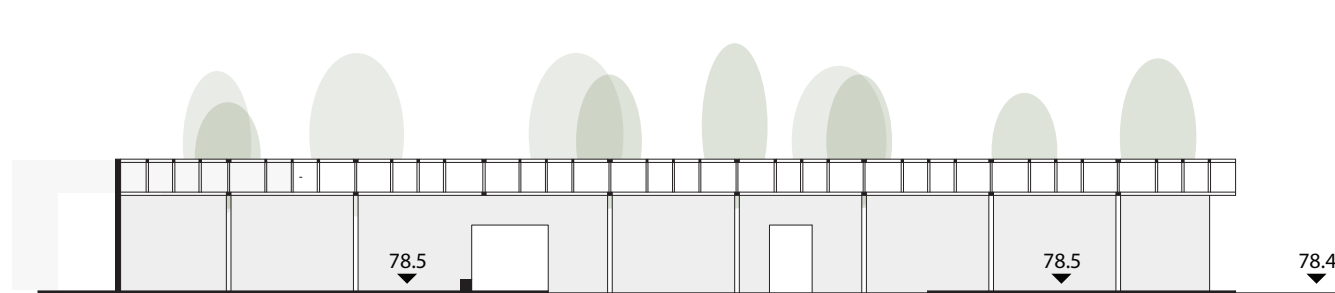
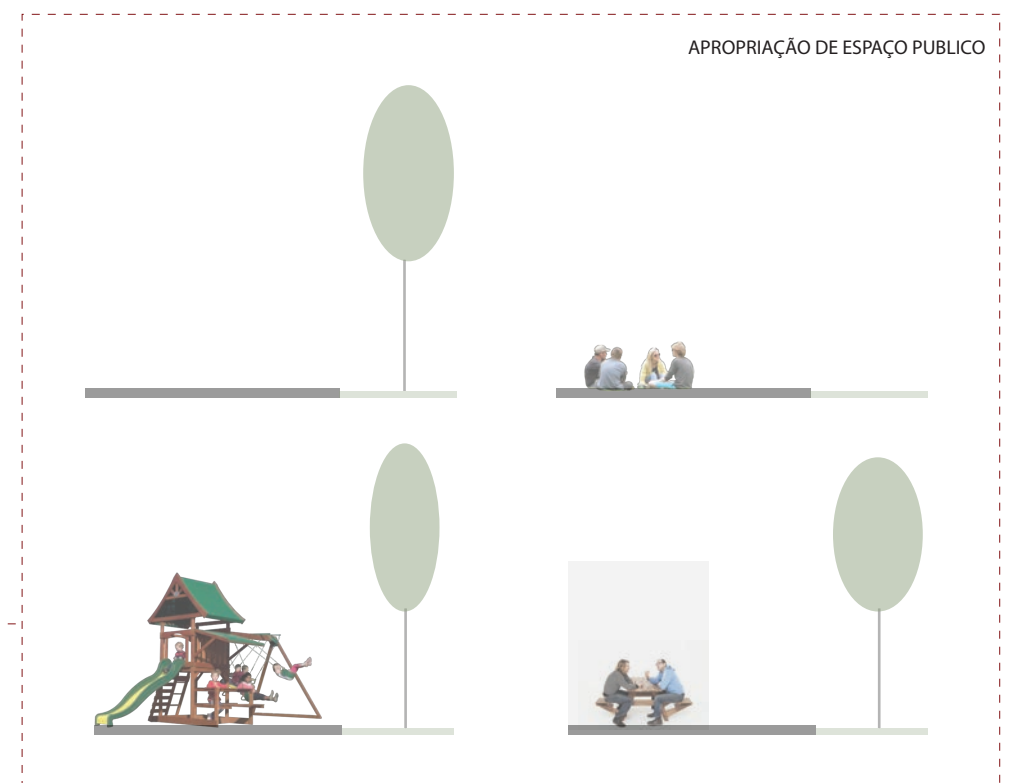
A

- 2 ESPAÇO COMERCIAL
- 3 ESPAÇO PRAÇA
- ||| PISO INTERIOR MADEIRA
- ||| FIO DISTRIBUIÇÃO EXTERIOR
- CHÃO PERMEÁVEL



PLANTA DA BIBLIOTECA
ESCAL 1/200

APROPRIAÇÃO DE ESPAÇO PÚBLICO



3.3.3 | Amostra 3: Residências para estudantes

Ainda na mesma cota (88.4), encontra-se a amostra 3 que se destina às residências de estudantes. Aqui, a memória do lugar é mantido através das permeâncias intactas. Isto deve-se ao facto da construção ser mais recente, terem sido utilizados materiais mais resistentes como o betão. Neste espaço, o catalisador da estratégia em destaque para este espaço é a iluminação e a permeabilidade visual. (Figura 58)

Com a estrutura intacta, é possível ler-se a métrica de origem, podendo afirmar-se que o dimensionamento nestes espaços aumentou significativamente, alterando para uma forma quadrada e permitindo, assim, vãos maiores. Neste espaço é possível encontrar duas métricas: 6 x 6m e 7,5 x 6m, separadas por serem dois espaços distintos. As faixas das diferentes cores organizam os espaço, separando o que é público do que é privado, observável nos esquemas da (figura 59).

Por serem cobertos e bem iluminados, é proposto manter os espaços tal como se apresentam, limpando e reabilitando o piso existente. No caso das residências, é proposto aproveitar esta métrica e introduzir módulos, repetindo mais uma vez a forma da cobertura, sendo que o seu pé direito é menor. A cobertura transparente é aproveitada para obter o máximo de luz que entra pela cobertura pré-existente. Nestes módulos é introduzida outra métrica mais pequena que desenha o módulo do mobiliário. Este, define o espaço de estar e de circulação, criando alguma privacidade para quem partilhar estes espaços.

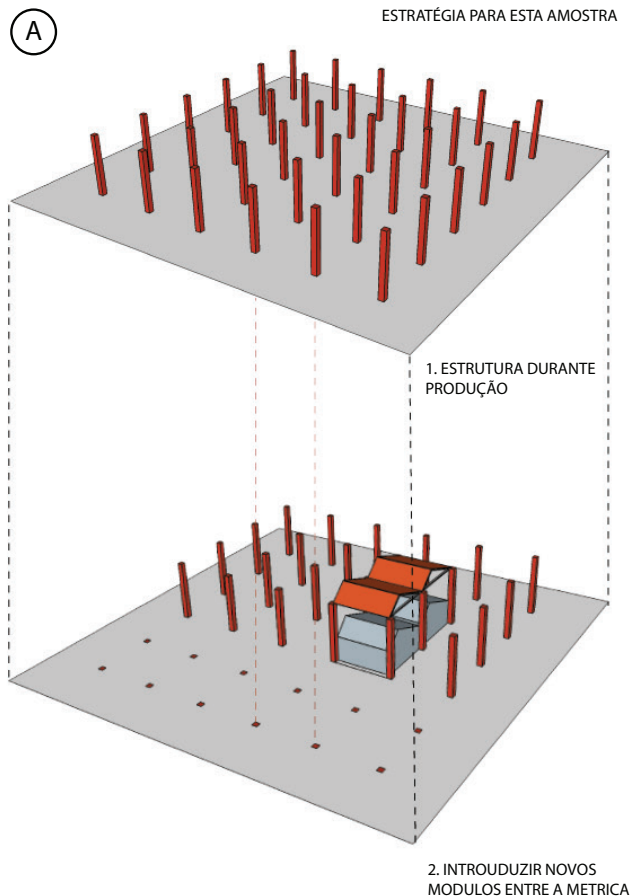
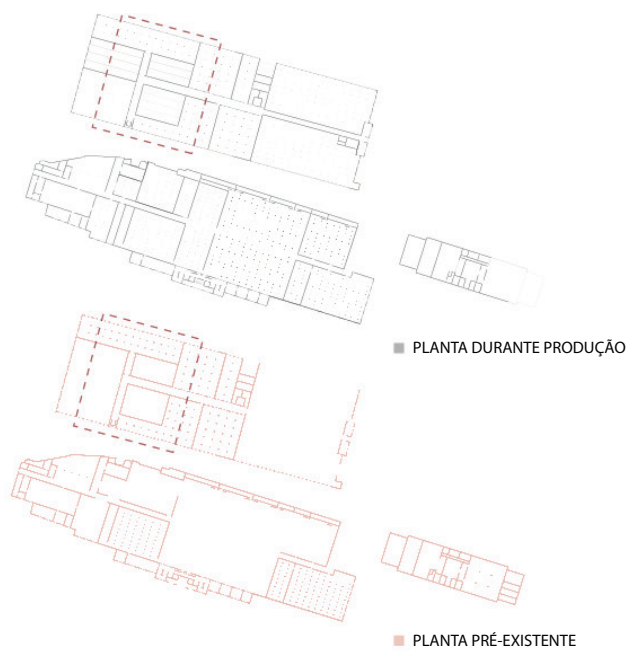
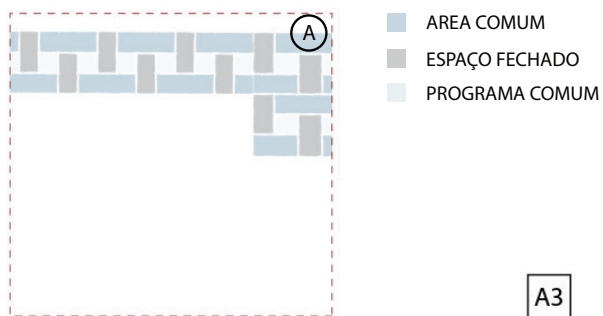
Quanto às divisões existentes no espaço, optou-se por demolir este limite físico e prolongar um destes, simplificando o desenho da amostra. Esta alteração, implica mudanças na ruína pré-existente que influencia a próxima amostra, no piso inferior a cota 83.4.



Aproveitar iluminação existente



Criar novas relações visuais



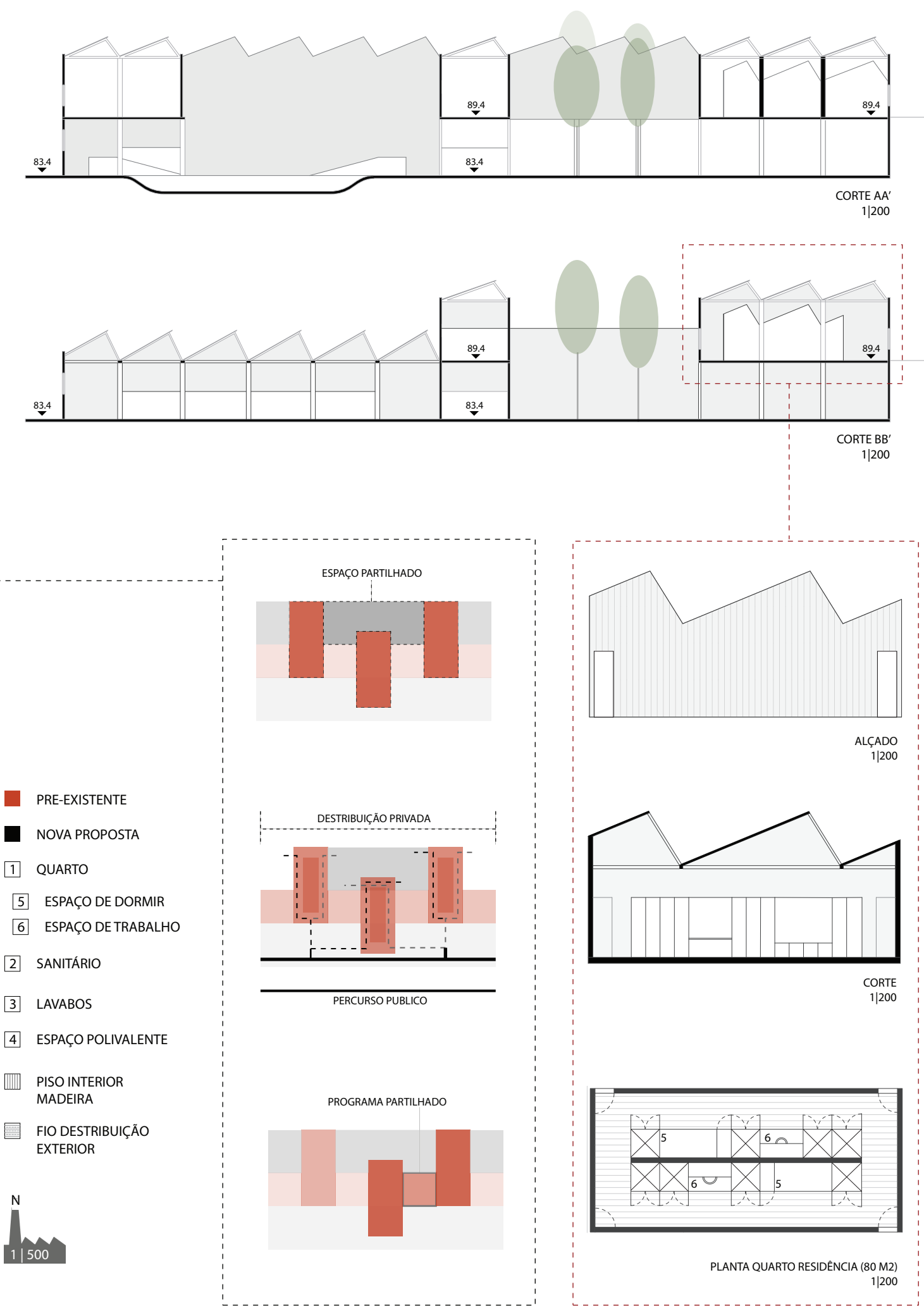
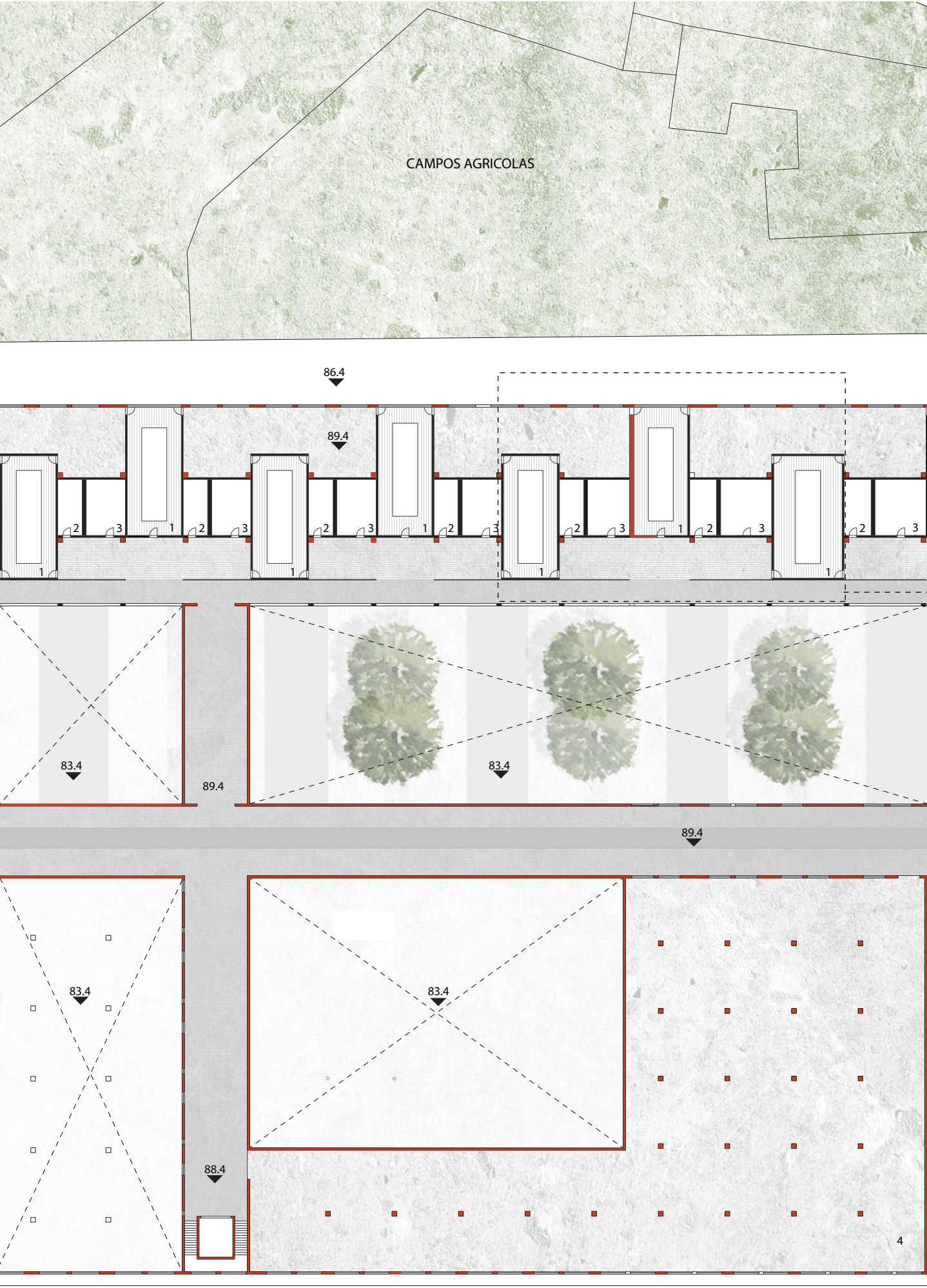


Figura 55 : A reativação da métrica na amostra A3 1119

3.3.4 | Amostra 4: Parque de estacionamento + skatepark

Esta amostra encontra-se nos espaços mais escuros do conjunto. Durante as visitas ao lugar através de dois registos fotográficos foi possível identificar características do espaço, que, apesar de transmitir frieza demonstraram também um potencial de estratégia de intervenção. O enquadramento do acesso por se repetir tanto na fachada poente como na fachada sul proporcionam aberturas com vão suficientes para criar o acesso automóvel. O outro enquadramento captou um destroço de madeira, que sugeriu a ideia de um skatepark. Como estes parques são caracterizados por ter um aspecto mais tosco, e surgirem da apropriação de espaços abandonados, propõe-se então um trabalho de cotas para gerar diversas dinâmicas e separar espaço de circulação e da partilha de desporto. (Figura 60)

No entanto para poder relacionar este piso, a cota 83.4, com o piso superior das residências, é proposta a demolição de parte da cobertura visível na figura 61. Esta demolição irá permitir a entrada de mais luz e perceber esta diferença de 6m entre os pisos. Estas novas aberturas permitiram limpar o desenho em planta do lado do parque de estacionamento. Para continuar a sustentar a estrutura em consequência da demolição e alteração de desenho, prolonga-se a métrica do piso superior verticalmente até à presente cota 83.4. No lugar dos pilares pré-existentes que são demolidos, são plantadas novamente árvores como na amostra 2.

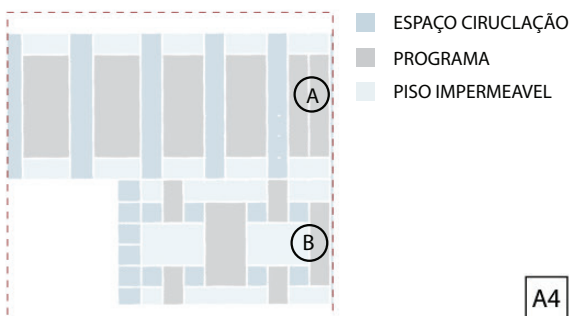
Nesta amostra a métrica é lida através dos lugares de estacionamento e do trabalho de cotas que é realizado no skatepark com a introdução dos elementos de diversão.



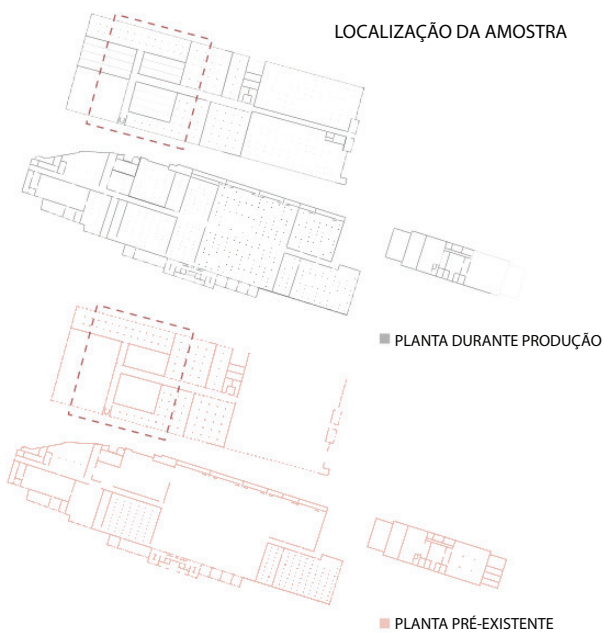
TRABALHAR O CHÃO



REACTIVAR OS ACESSOS EXISTENTES

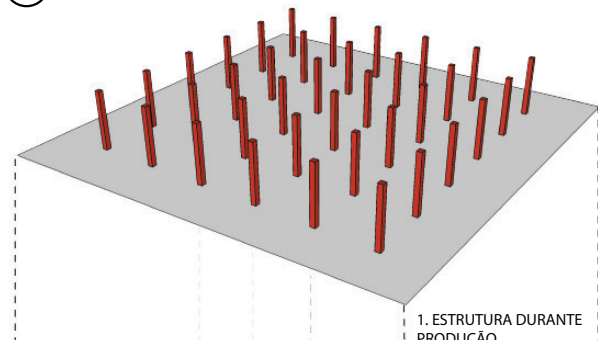


LOCALIZAÇÃO DA AMOSTRA

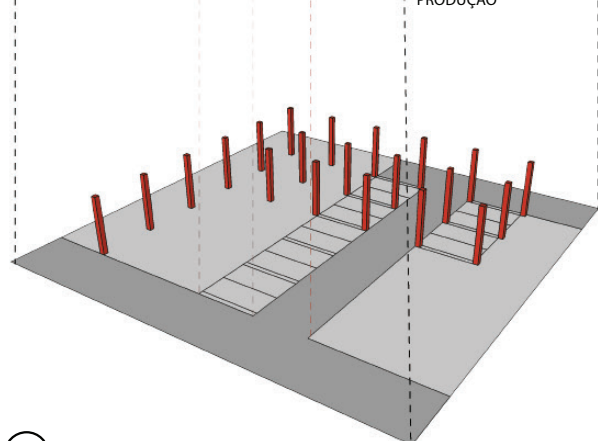


(A)

ESTRATÉGIA PARA ESTA AMOSTRA

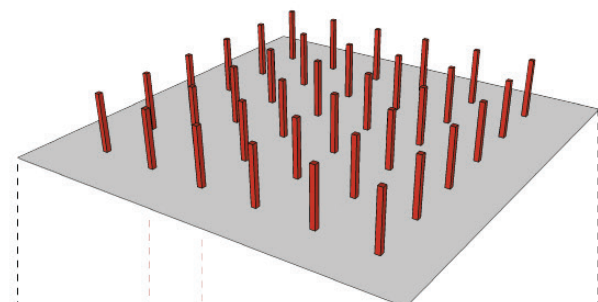


1. ESTRUTURA DURANTE PRODUÇÃO

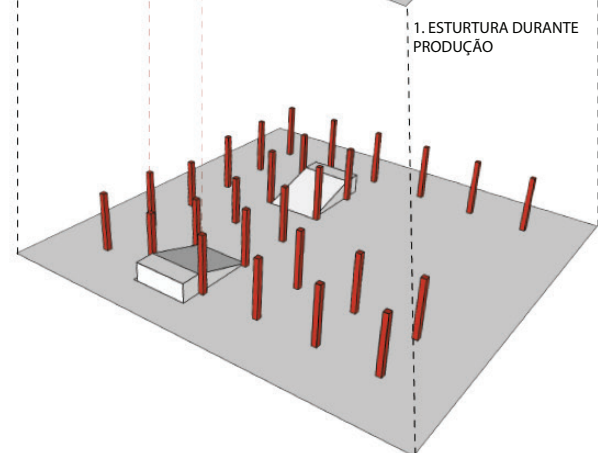


2. REDESENHAR CHÃO E RETIRAR PILARES PRÉ-EXISTENTE

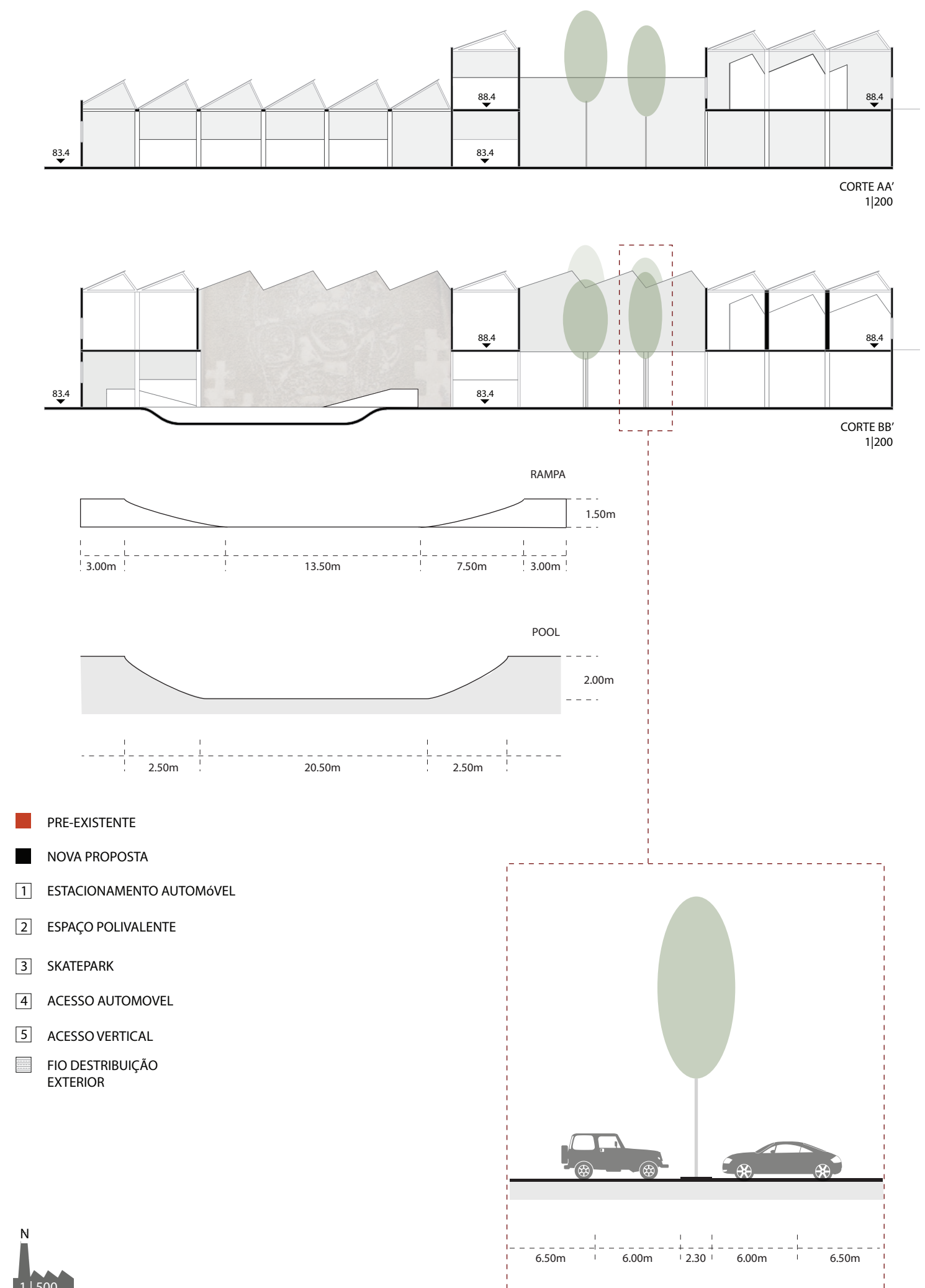
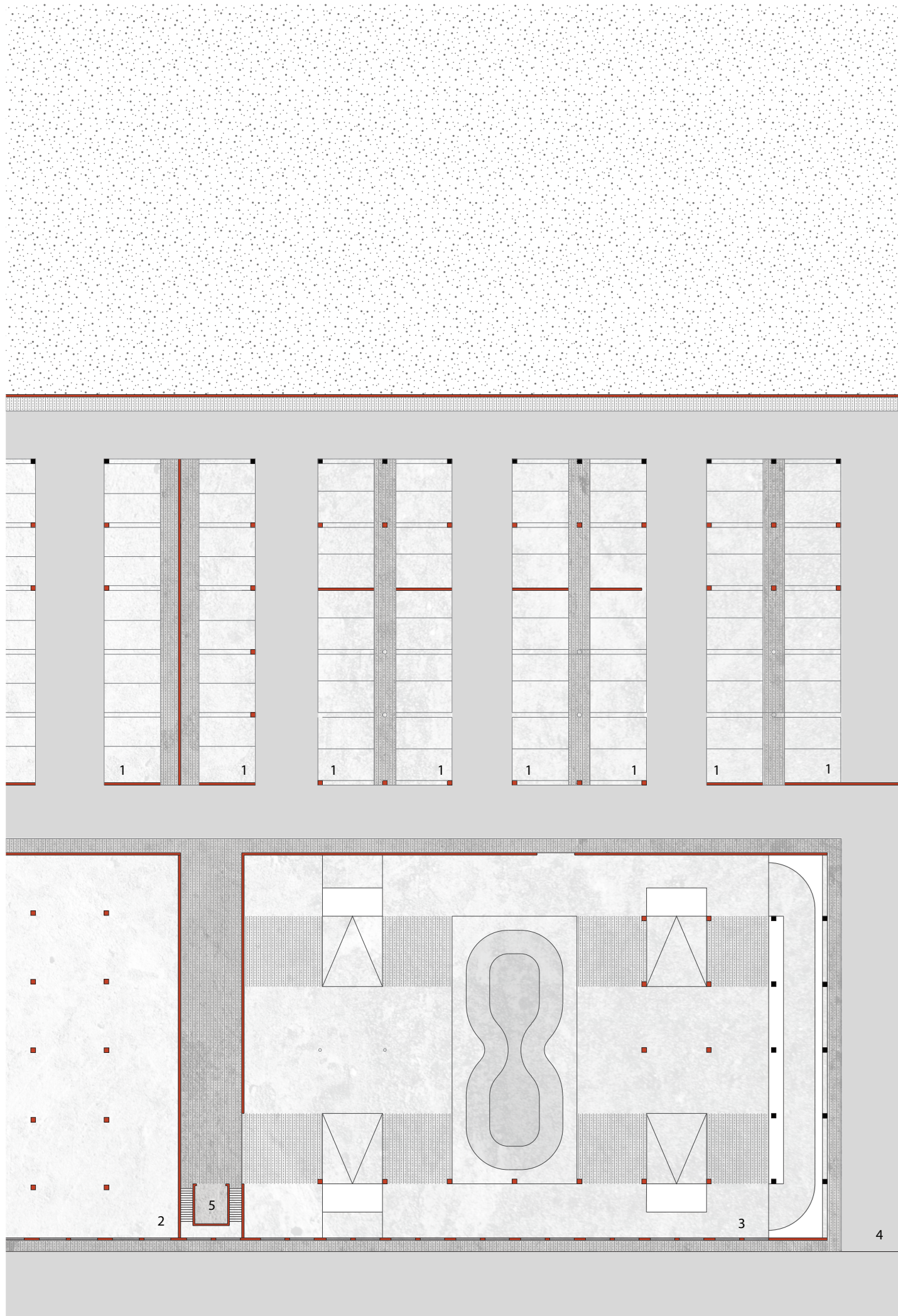
(B)



1. ESTRUTURA DURANTE PRODUÇÃO



2. RETIRAR PILARES E INTRODUIZIR NOVOS ELEMENTOS



3.3.5 | Amostra 5: Oficina das artes + incubadora

Por fim apresenta-se a quinta amostra que se encontra na Fábrica à cota 88.4. Nestes espaços é perceptível a verdadeira dimensão da ruína. As duas fotos representam os dois pontos que mais marcaram esta secção do edifício. O enquadramento da paisagem é marcante por transpor porosidade e uma relação visual com a envolvente. A outra fotografia marca a centralidade do eixo longitudinal onde são perceptíveis as marcas de carris dos vagões. Estas imagens condicionam a estratégia na capacidade de reconstituir a memória destes espaços, sem perder a essência da ruína nesta secção, bem como as relações que ela proporciona.

A reconstituição nesta amostra é fundamentada então por duas características: por uma parte da estrutura que ruuiu, cujo as marcas restam no chão, e na outra pela estrutura que se mantém de pé. Na área da incubadora volta-se a aplicar então a mesma lógica, onde as árvores e postes de iluminação vêm reconstituir a imagem dos pilares, enquanto que os espaços (re)desenham a cobertura novamente. A leitura deste desenho só é visível de uma perspectiva mais afastada. (Figura 62)

No lado oposto do eixo central de distribuição, encontra-se um espaço isolado e fechado. A métrica neste espaço é fisicamente perceptível, reaproveitando a cobertura e introduzindo então um módulo novo que vem albergar o programa. Neste caso os módulos são transparentes formando assim caixas de vidro que se inserem entre a métrica. A orientação destas caixas de vidro proporciona porosidade do alçado principal da Fábrica orientado a sul, através da demolição de uma pequena extensão deste alçado. Nestas caixas o módulo é perceptível através do desenho do mobiliário para além da métrica dos pilares. (Figura 63)

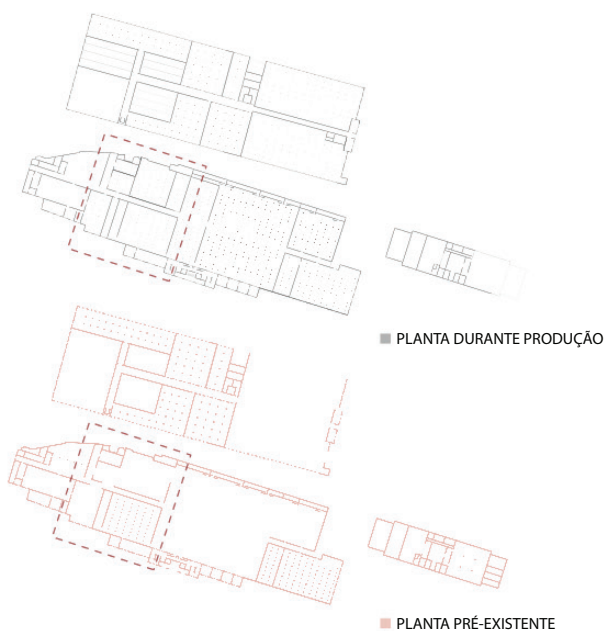
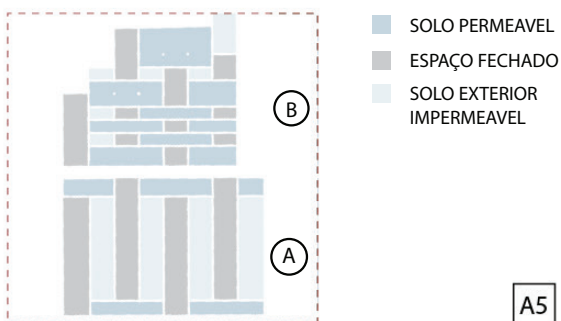
Já nos módulos da incubadora, o espaço é encerrado permitindo flexibilidade do seu interior, sendo que só existem aberturas numa fachada. Estas para além de iluminarem o espaço, permitem criar contacto com o exterior, incentivando outras pessoas a visitarem o local. O desenho não é definido uma vez que, dependendo do programa que albergar, cada utilizador pode apropriar-se do espaço do modo que mais necessita.



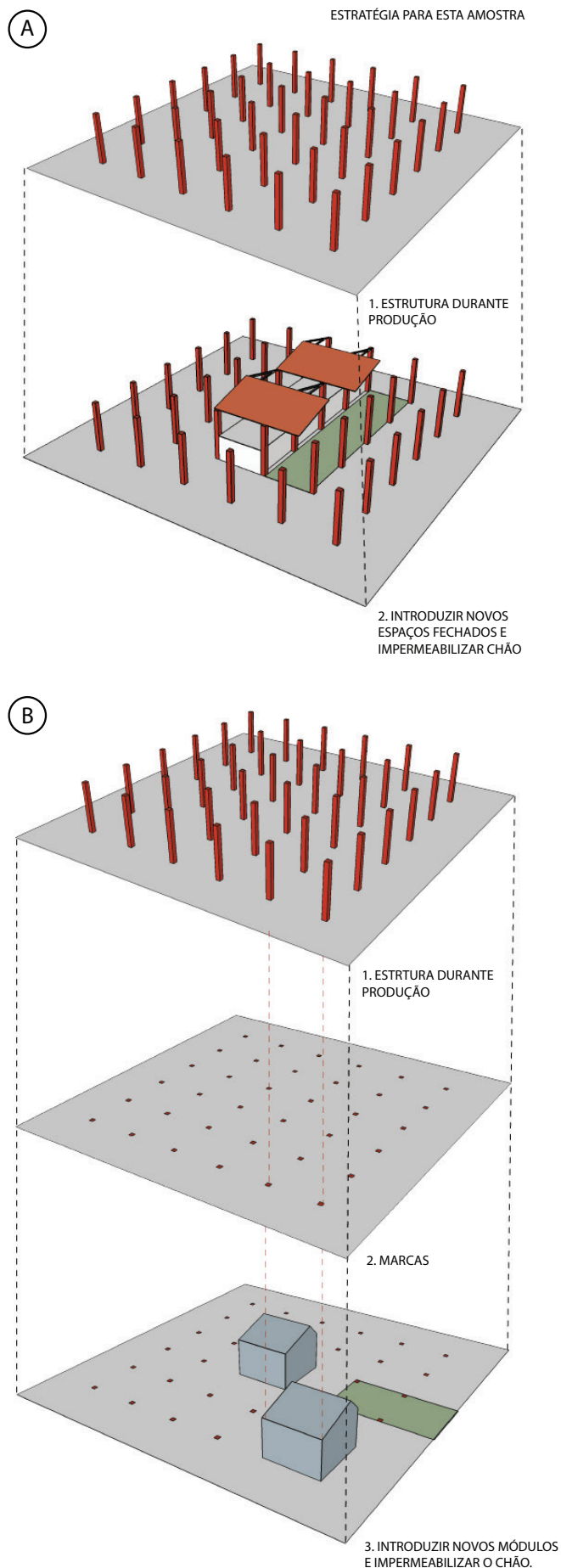
MANTER RELAÇÃO COM PAISAGEM ENVOVLENTE

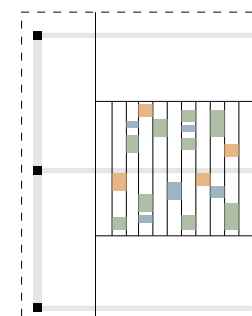
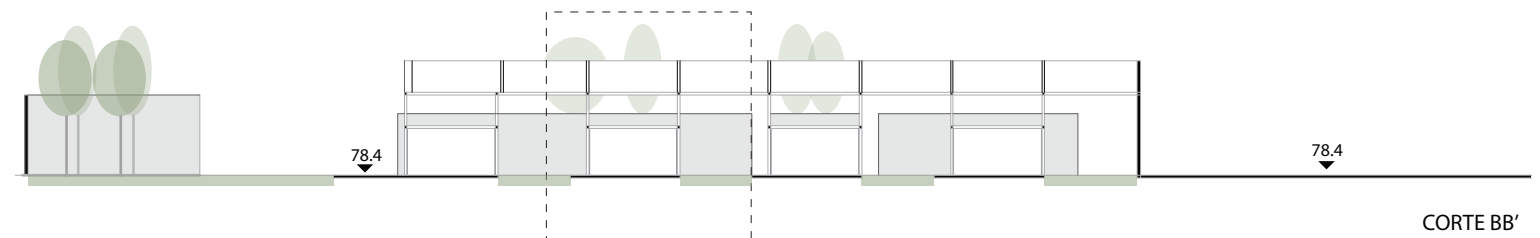
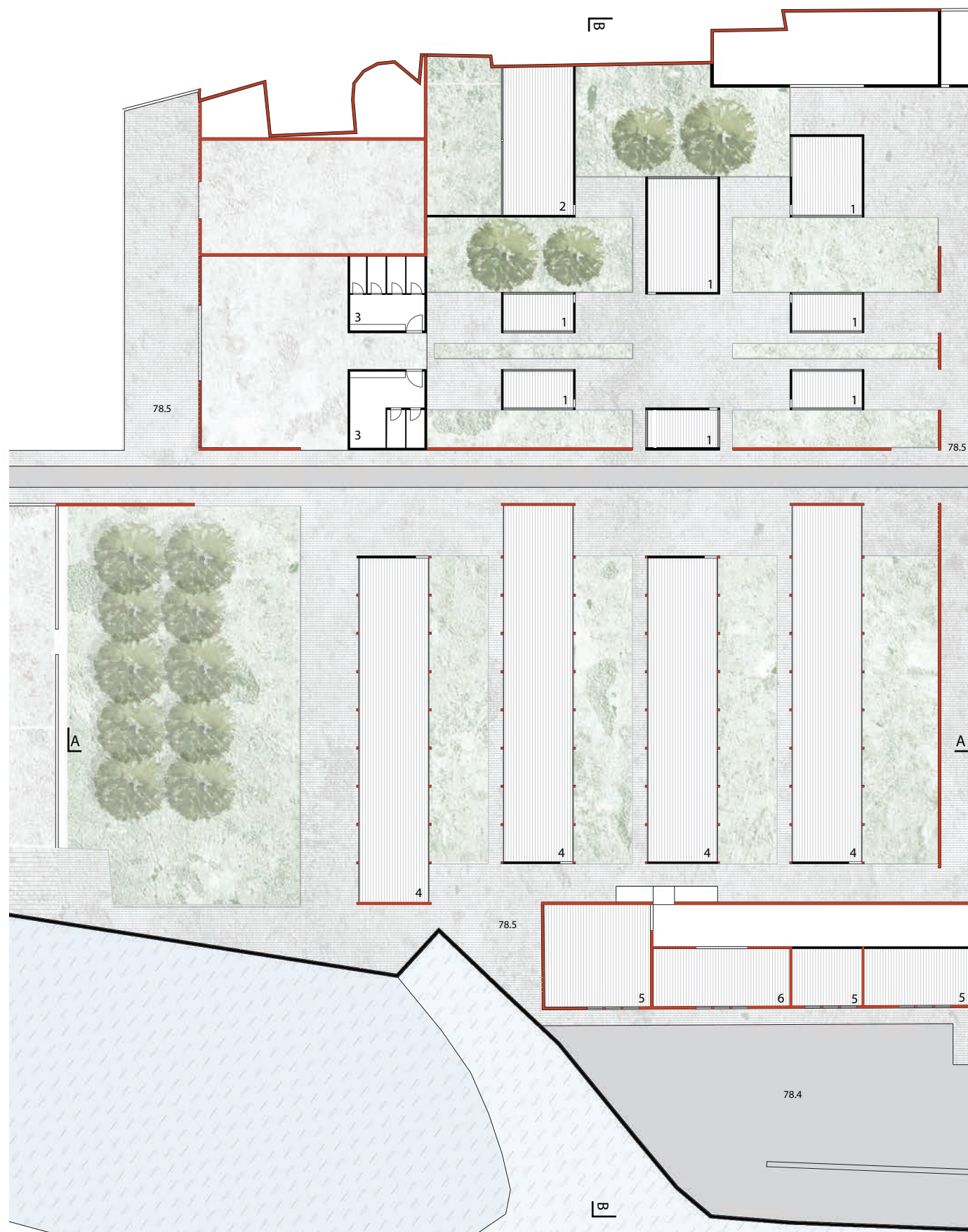


MANTER EIXO CENTRAL DE DISTRIBUIÇÃO

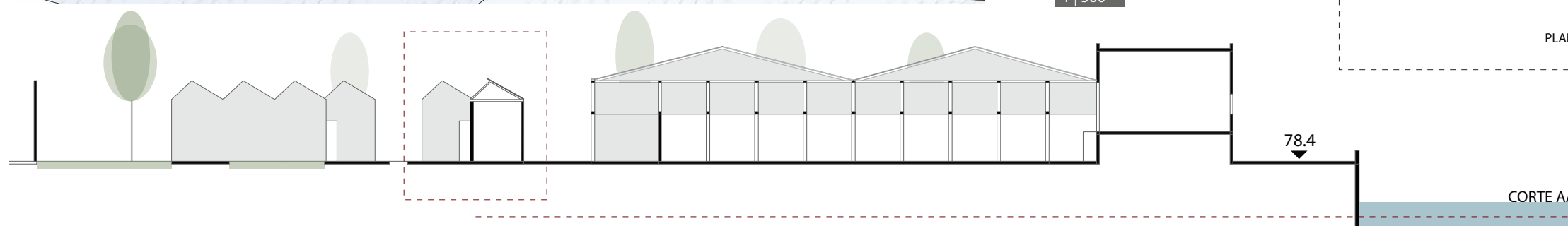
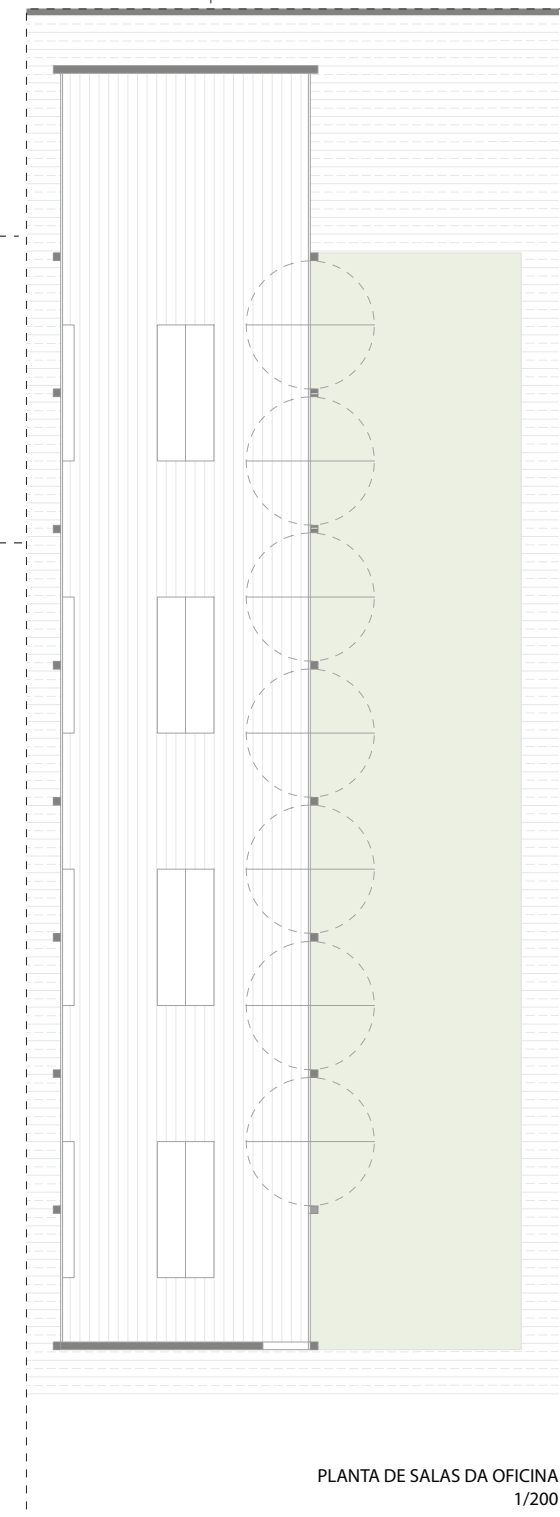
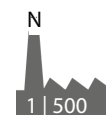


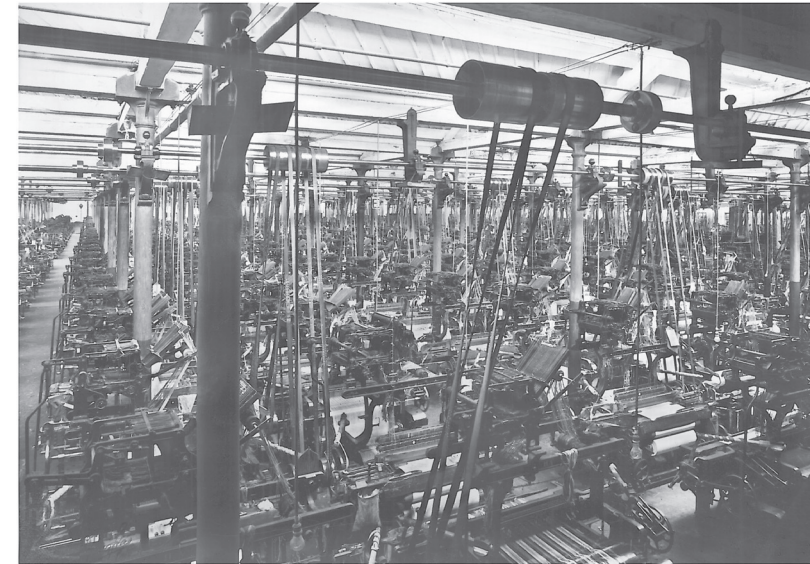
ESTRATÉGIA PARA ESTA AMOSTRA





- PRE-EXISTENTE
- NOVA PROPOSTA
- 1 INCUBADORA
- 2 SALA DE REUNIÕES
- 3 CASAS DE BANHO
- 4 SALAS DE AULAS
- 5 ADMINISTRAÇÃO DA ESCOLA
- 6 SECRETARIA
- PISO INTERIOR MADEIRA
- FIO DISTRIBUIÇÃO EXTERIOR
- CHÃO PERMEAVEL





Espaço em Produtividade (fotografia do arquivo da Fábrica)



Espaço, abandonado na actualidade.



Estratégia para o futuro

4 | Reflexão Final.

Ao investigar o caso da Fábrica Rio Vizela, foi possível compreender a sua evolução enquanto estrutura industrial, e o seu papel humanitário, inserida no contexto do vale do rio vizela. Estas grandes estruturas foram, não só um local de trabalho, como também de grande importância na cultura e desenvolvimento, tanto a nível territorial e paisagístico.

O foco nesta estrutura e no contexto industrial, possibilitou analisar de forma correta os impactos que o processo de abandono teve, não só do ponto de vista económico, tema principal na abordagem a estes espaços. Como também foram descobertos outros factores, tais como o isolamento, no caso da Fábrica Rio Vizela, que são consequência das transformações na paisagem. Todos os elementos que a compõe a Fábrica, são marcas deixadas por uma “cultura” operária, um modo de vida que surge com o desenvolvimento e a necessidade.

A Fábrica Rio Vizela é apenas um exemplo em Portugal, onde a industrialização permitiu melhorar a qualidade de vida de muitas famílias, chegando mesmo a tirar a fome a muitas delas em tempos de crise³⁷. O conceito passado alterou-se nas últimas décadas. Anteriormente o papel destas estruturas tinha um impacto social, fundamental nas localidades que se instalavam, que geravam e atraíram muito do desenvolvimento para o interior, ou seja para os locais mais rurais. Apesar destes serem lugares muitas vezes isolados, eles reuniam as condições que as novas máquinas automatizadas necessitavam: vastos terrenos e correntes de rios.

No entanto, a função destas estruturas alterou-se após o surgimento do sector público que retirou este encargo das Industrias. Nos dias de hoje, não passam de grandes estruturas que servem uma só função, a produção. Um espaço de grandes vãos, cuja funcionalidade e o “desperdício” são os temas condicionantes que define a forma e organização.

Actualmente muitas destas estruturas do início do século XX, encontram-se abandonadas. É importante referir que a resiliência de cada caso é a forma de manter viva estas estruturas, através de estratégias que melhor se aproximam ao lugar e à análise específica activando através da estrutura a memória passada, com a proposta de novos usos e novos programas. Esta estratégia é observada nos casos abordados na investigação e na própria metodologia proposta para a fábrica Rio Vizela.

37 ERICE, Victor: Vidros Partidos: 2012: retirado de <https://www.youtube.com>

Assim, não se pode catalogar ou limitar o uso a um tipo específico de produção como causadora deste processo, o único factor que se considera que é comum é a sua escala. Isto é visível nos casos de estudo analisados: a Fábrica Asa, a Fábrica Santo Thyrsó, a Oliva Creative Factory e a Burel Factory. Esta análise foi fundamental para perceber a diversidade de estratégias propostas na activação destes espaços, retirando-se temas comuns para a proposta da fábrica Rio Vizela (a iluminação, a acessibilidade, etc).

Aproximando ao lugar foi fundamental as várias visitas para perceber a escala do homem em relação à do edifício tentando interpretar a forma como as pessoas viviam outrora, embora a ruína predomine o presente. O levantamento fotográfico assumiu bastante relevância, dado ser a melhor forma de representar aquilo que o lugar transmitia.

A estratégia de intervenção para esta Fábrica baseia-se em três ações específicas: o Recuperar, o Reconstruir e o Reabilitar que são desenvolvidos metaforicamente através do processo têxtil. São estas ações que definem e dão estrutura aos diferentes contextos da estratégia. Ou seja, elas permitem organizar e explicar como é abordado o contexto social através de um novo programa e de mesmo modo explicar a estratégia arquitectónica. Ambos estão ligados mesmo sendo explicado separadamente, como se observa no desenvolvimento do reabilitar, onde o programa é influenciado pelas condicionantes encontradas no local.

O programa novo vai de encontro à situação do desenvolvimento da envolvente, onde no passado foi o programa desta mesma Fábrica teve efeitos na transformação da paisagem, o mesmo é esperado do novo programa. É proposto uma forma de passar conhecimento entre as diferentes gerações, que tem o conhecimento prático e teórico da mão de obra especializada, que há falta, na actualidade.³⁸ Cria-se então este centro de troca de conhecimento, através de uma escola, que permitira gerar emprego para essas pessoas que ficaram sem emprego devido à falência da Fábrica, e complementado com outros programas que atraiam as novas gerações. Isto permite então criar um novo centro de oportunidade para jovens, especialmente para crianças institucionalizadas como foi o caso de uma das casas cedidas pelos donos da Fábrica a uma instituição. Foi a partir deste gesto que deu-se então o ponto de partida pelo foco no lado humano da “máquina.” Onda a estratégia foi focada para as pessoas, e que lançou então as bases para a estratégia arquitectónica, .

É importante assim salientar que nenhuma ruína nem nenhum lugar é igual e que enquanto arquitetos podemos tentar recuperar estes edifícios do estado de adversidade em que se encontram, tornando-os resilientes. No entanto é importante compreender a sua importância, pois esta recuperação só é possível através da percepção do passado para perceber o impacto que poderá gerar no futuro, não só no objecto de intervenção mas na sua envolvente.

38 ERICE, Victor: Vidros Partidos: 2012: retirado de <https://www.youtube.com>

5 | Bibliografia

ASCHER, François – Novos Princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos: um Léxico. 3ª Edição. Lisboa: Livros Horizonte, 2012. ISBN 978-972-24-1670-2

BUAINAIN, António Márcio; BATALHA, Mário Octávio – Cadeia Produtiva do Algodão. Volume 4. 2007 ISBN 978-85-99851-14-2

BOURDIN, Alain – O Urbanismo depois da crise. Lisboa: Livros Horizonte, 2011 ISBN 978-972-24-1706-8

CARDOSO, António – O arquiteto José Marques da Silva e a arquitectura no Norte do País na primeira metade do séc. XX. 2ª Edição. Porto: FAUP, 1997. ISBN 972-9483-24-8

CARDOSO, Isabel Lopes – Paisagem Património: aproximações pluridisciplinares. 1ª Edição. Porto: Dafne Editora, 2013 ISBN 978-989-8127-27-1

DOMINGUES, Álvaro – Vida no Campo. 1ª Edição. Porto: Dafne Editora, 2011 ISBN 978-989-8217-19-6

GOITIA, Fernando Chueca – Breve História do Urbanismo. 8ª Edição. Lisboa: Editorial Presença, 2010 ISBN 972-23-1541-2

SANTOS, Ademir Perreira dos – Arquitectura Industrial: São José dos Campos: A.P.S., 2006. ISBN – 85-902-305-1-1

SILVA, Gastão de Brito e – Portugal em Ruínas. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2014 ISBN 978-989-8662-47-7

SOLÀ-MORALES, Ignasi de – Territorios. Barcelona: Editorial Gustavo Gil, 2002 ISBN 84-252-1864-0

Artigos e publicações em série:

ALVES, Jorge Fernandes; LACERDA, Silvestre – Fabrica de Fiação e Tecidos do Rio Vizela: as origens. O tripeiro. Porto. 7ª série. nº1/2, 3 (1995), p. 41-46, 84-88

BARKHAM, Richard – Resilient Cities (2014)

CASTELLO, Lineu Sirângelo – O Lugar Geneticamente modificado. Jornal ArqTexto. nº 9 (2006). p. 76-91

COSTA, Francisco da Silva; CORDEIRO, José Manuel Lopes – Património Industrial e Cultura da água e o exemplo de Guimarães, no noroeste de Portugal. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras. ISSN 1540-5834 (2013). p. 707-720

COSTA, Francisco da Silva – O Património Industrial no Vale do Ave: o têxtil

como chave de leitura territorial. Maia: Instituto Superior da Maia. (2010). P. 349-368

COSTA, Francisco da Silva – Geopatrimónio ligado à água: o caso do património industrial na bacia hidrográfica do rio Ave. Guimarães: Universidade do Minho, Departamento de Geografia, Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT) (2010)

COSTA, Francisco da Silva – Paisagem e Património ligada à água: uma perspetiva do rio Ave no início do séc. XX. (2004) p. 1-13

Disponível em: [www:url:http://www.jornalarquitectos.pt/a-escolha-da-serra](http://www.jornalarquitectos.pt/a-escolha-da-serra)

FIGUEIREDO, Engº José Miguel – Guia Técnico Sector Têxtil. Lisboa: Instituto Nacional de Engenharia Têxtil e Industrial (2000)

GRAÇA, Laura Larcher – Propriedade e Agricultura: Evolução do Modelo dominante de sindicalismo agrário em Portugal. Lisboa: Conselho Económico e Social (2009)

LABASTIDA, Marta Juan - A escolha da serra: o lugar da Arquitectura num negócio de sucesso. JA - Jornal dos Arquitectos. Lisboa:nº 249 (2014). ISSN 0870-1504 p. 260-271

PEREIRA, Ana Torres – Burel renasce em Manteigas para aquecer o mundo. Jornal de Negócios. (2013) ISSN 0874-1360, disponível em: <http://www.jornaldenegocios.pt/empresas/detalhe/burelrenasceemanteigasparaaqueceromundo.html>

Trabalhos Académicos:

COSTA, Francisco da Silva – A indústria têxtil na bacia hidrográfica do rio Ave: uma perspetiva segundo as fábricas de fição e tecidos, numa relação historicamente sustentada pelo domínio público hídrico. Tese de Doutoramento apresentada à universidade do Minho. Guimarães, 2009

FERREIRA, Diana Vanessa – Paisagem Industrial do Vale do Ave: da energia hidráulica à energia elétrica. Tese de Mestrado pela Universidade de Coimbra. Coimbra, 2014

LABASTIDA, Marta Juan – El Paisaje Próxima: Fragmentos del Vale do Ave. Tese de Doutoramento apresentada à universidade do Minho. Guimarães, 2013

MARTINS, Luísa Maria Jorge Mendes Pimentel – O Loft (n) o património industrial (d)a cidade: a reconversão em habitação no centro urbano. Tese de Mestrado pela Universidade de Coimbra. Coimbra, 2009

Sítios da internet:

- www.cm-stirso.pt
- www.dgterritorio.pt
- www.ces.pt
- www.blogtextil.xpg.com.br
- www.sidalc.net
- www.rios.am.pt
- www.vitruvius.es
- www.grosvenor.com
- www.rotanoave.com
- <http://apeidaumregalodonarizagentetrata.blogspot.pt/2012/04/gentilic2.html>
- www.apgeo.pt
- www.geira.pt
- www.oasrn.org
- <http://centenariorepublica.pt/conteudo/4-de-março-de-1911-incêndio-na-fábrica-de-negrelos>
- <http://joelcleto.no.sapo.pt/textos/RotaValedoAve.htm>
- <http://caoraivosoviladasaves.blogspot.pt/2012/07/as-pioneiras-industrias-algodoeiras-no.html>
- <http://www.publico.pt/temas/jornal/perderamse-as-fabricas-do-textil-e-o-fio-condutor-da-regiao-19252887>
- 1[^]_—^{as*}

*A*nexos

1 | Fotografias do Arquivo da Fábrica Rio Vizela



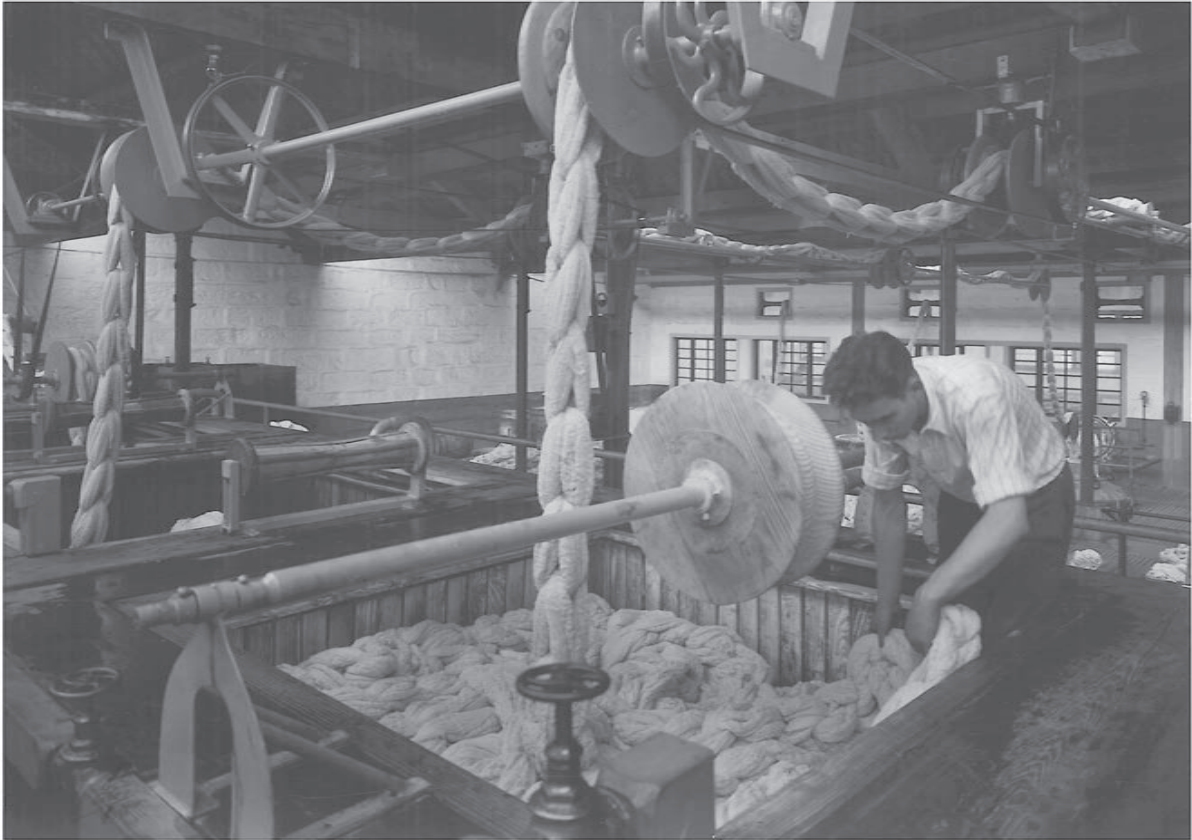


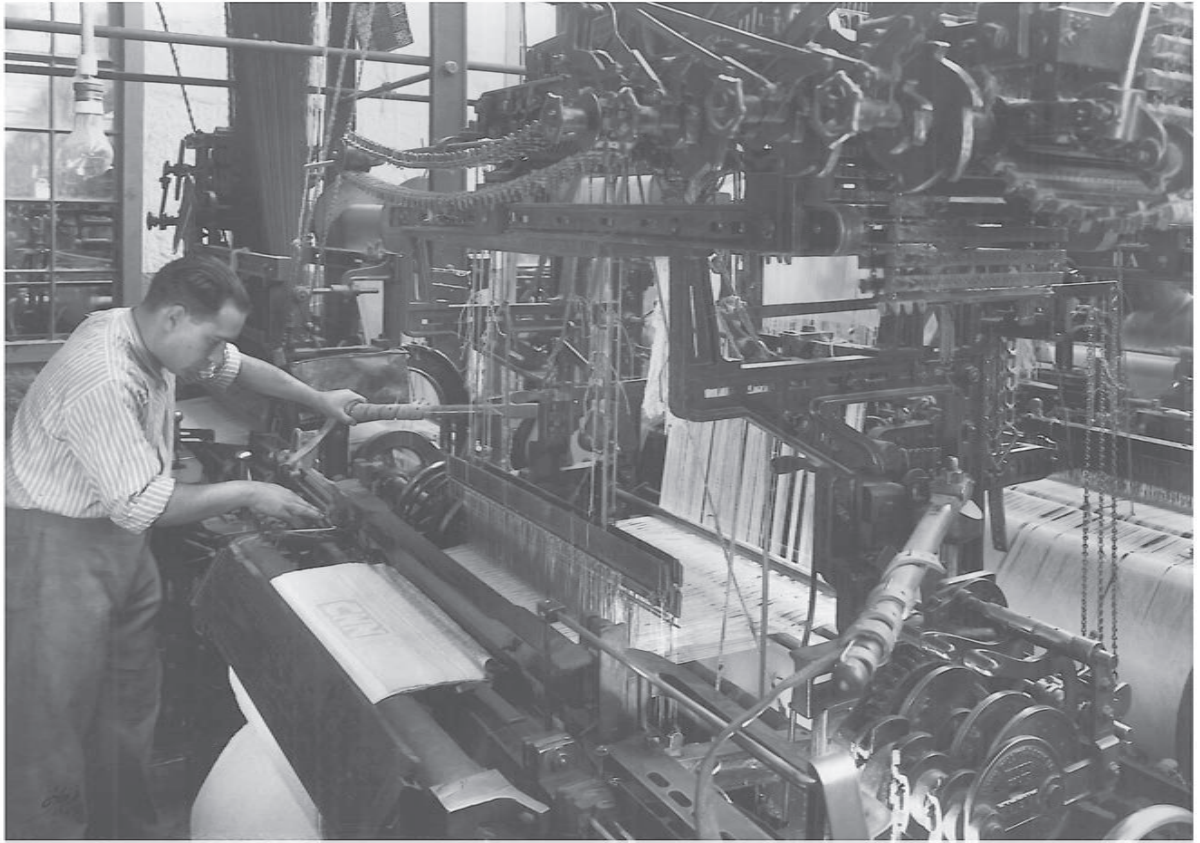












2 | Fotografias de levantamento do Pré-existente



























